



1912

Orpheus



# "ORPHEU"

REVISTA TRIMESTRAL DE LITERATURA

---

## PORTUGAL E BRAZIL

Propriedade de: ORPHEU, L.<sup>da</sup>

Editor: ANTONIO FERRO

### DIRECÇÃO

PORTUGAL

Luiz de Montalvôr — 17, Caminho do Forno do Tijolo — LISBOA

BRAZIL

Ronald de Carvalho — 104, Rua Humaytá — RIO DE JANEIRO

---

ANO I — 1915

N.º 1

Janeiro-Fevereiro-Março

---

### SUMÁRIO

LUIZ DE MONTALVÔR	<i>Introdução</i>
MARIO DE SÁ-CARNEIRO	<i>Para os "Indícios de Ouro" (poemas)</i>
RONALD DE CARVALHO	<i>Poemas</i>
FERNANDO PESSOA	<i>O Marinheiro (drama estático)</i>
ALFREDO PEDRO GUIADO	<i>Treze sonetos</i>
JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS	<i>Friços (prosas)</i>
CÔRTEZ-RODRIGUES	<i>Poemas</i>
ALVARO DE CAMPOS	<i>Opiário e Ode Triunfal</i>

Capa desenhada por José Pacheco

---

Officinas: Tipografia do Comércio — 10, Rua da Oliveira, ao Carmo

LISBOA



# CONDIÇÕES

---

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos Directores.

Convidamos todos os Artistas cuja simpatia esteja com a indole desta Revista a enviarem-nos colaboração. No caso de não ser inserta devolveremos os originais.

São nossos depositarios em Portugal os srs. Monteiro & C.<sup>a</sup>, Livraria Brazileira—190 e 192, Rua Aurea, Lisboa.

**Orpheu** publicará um numero incerto de paginas, nunca inferior a 72, ao preço invariavel de 30 centavos o numero avulso, em Portugal, e 1\$500 réis fracos no Brazil.

---

## ASSINATURAS

(AO ANO — SÉRIE DE 4 NUMEROS)

Portugal, Espanha e Colónias portuguezas.....	1 escudo
Brazil.....	5\$000 réis (moeda fraca)
União Postal.....	6 francos

Livraria Brasileira de MONTEIRO & C.<sup>ia</sup> — Editores

190 e 192, RUA AUREA — LISBOA

---

A' venda no fim de abril:

# CÉU EM FOGO

NOVELAS POR

MARIO DE SÁ-CARNEIRO

---

A GRANDE SOMBRA — MISTÉRIO  
O HOMEM DOS SONHOS — ASAS — EU-PRÓPRIO O OUTRO  
A ESTRANHA MORTE DO PROF. ANTENA  
O FIXADOR DE INSTANTES — RESURREIÇÃO

---

1 VOLUME DE 350 PAGINAS

---

CAPA DESENHADA POR

JOSÉ PACHECO

---

**Prego 70 centavos**



R. 182082

CC. 1000 RA

## Obras dos colaboradores dêste numero

LUIZ DE MONTALVÔR

*A Caminho*, uma plaquette de versos ..... Edição da Livraria Brasileira  
Preço: 20 centavos

MARIO DE SÁ-CARNEIRO

*Amizade*, peça em 3 actos (com colaboração de Tomás Cabreira J.<sup>or</sup>) ..... Edição da Livraria Bordalo  
Preço: 30 centavos

*Principio*, novelas ..... Edição da Livraria Ferreira  
Preço: 70 centavos

*Dispersão*, 12 poesias ..... Edição do autor  
Exgotada

*A Confissão de Lucio*, narrativa... Edição do autor  
Preço: 60 centavos

RONALD DE CARVALHO

*Luz Gloriosa*, poemas ..... Paris 1913. Edição do autor

FERNANDO PESSOA

*As sete salas do palacio abandonado*, poemas ..... Em preparação

ALFREDO PEDRO GUISADO

*Rimas da Noite e da Tristeza*, versos ..... Edição da Livraria Classica Editora  
Preço: 40 centavos

*Distância*, poemas ..... Edição da Livraria Ferreira  
Preço: 30 centavos

JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS

*Friços*, prosas ilustradas pelo autor ..... A sair este ano

ALVARO DE CAMPOS

*Arco do Triunfo* ..... Em preparação

Qualquer destas obras pode ser requisitada directamente ao administrador de DRPHEU — Alfredo Pedro Gulsado: 112, Roclo, Lisboa.

No nosso segundo numero (a sair em junho) contamos publicar, entre outras obras, as seguintes: *Poemas* de Fernando Pessoa, *Mundo Interior*, novela de Mario de Sá-Carneiro e *Narcisso*, poema de Luiz de Montalvôr.

A fotogravura da capa foi executada nos attellers da ILUSTRADORA

# ORPHEU

VOL. I—1915





# ORPHEU

---

REVISTA TRIMESTRAL DE LITERATURA

---

VOLUME I



LISBOA  
TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO  
10, RUA DA OLIVEIRA (AO CARMO), 10  
1915

RES  
2750

## INTRODUCCÃO

---

*O que é propriamente revista em sua essencia de vida e quotidiano, deixa-o de ser ORPHEU, para melhor se engalanar do seu titulo e propôr-se.*

*E propondo-se, vincula o direito de em primeiro lugar se desassemelhar de outros meios, maneiras de formas de realizar arte, tendo por notavel nosso volume de Beleza não ser incaracteristico ou fragmentado, como literarias que são essas duas formas de fazer revista ou jornal.*

*Puras e raras suas intenções como seu destino de Beleza é o do:  
— Exilio!*

*Bem propriamente, ORPHEU, é um exilio de temperamentos de arte que a querem como a um segredo ou tormento...*

*Nossa pretensão é formar, em grupo ou ideia, um numero escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre este principio aristocratico tenham em ORPHEU o seu ideal esotérico e bem nosso de nos sentirmos e conhecermo-nos.*

*A photographia de geração, raça ou meio, com o seu mundo immediato de exhibição a que frequentemente se chama literatura e é sumo do que para ahi se intitula revista, com a variedade a inferiorisar pela egualdade de assumptos (artigo, secção ou momentos) qualquer tentativa de arte — deixa de existir no texto preocupado de ORPHEU.*

*Isto explica nossa ansiedade e nossa essencia!*

*Esta linha de que se quer acercar em Beleza, ORPHEU, necessita de vida e palpação, e não é justo que se esterilise individual e isoladamente cada um que a sonhar nestas cousas de pensamento, lhes der orgulho, temperamento e esplendor — mas pelo contrario se unam em selecção e a dêem aos outros que, da mesma especie, como raros e interiores que são, esperam ansiosos e sonham nalguma cousa que lhes falta, — do que resulta uma procura esthética de permutas: os que nos procuram e os que nós esperamos. . .*

*Bem representativos da sua estrutura, os que a formam em ORPHEU, concorrerão a dentro do mesmo nivel de competencias para o mesmo rithmo, em elevação, unidade e discreção, de onde dependerá a harmonia esthética que será o typo da sua especialidade.*

*E assim, esperançados seremos em ir a direito de alguns desejos de bom gosto e refinados propositos em arte que isoladamente vivem para ali, certos que assignalamos como os primeiros que somos em nosso meio, alguma cousa de louvavel e tentamos por esta forma, já revelar um signal de vida, esperando dos que formam o publico leitor de selecção, os esforços do seu contentamento e carinho para com a realisação da obra literaria de ORPHEU.*

LUÍS DE MONTALVÔR.

PARA OS “INDICIOS DE OIRO”

POEMAS DE

MARIO DE SÁ-CARNEIRO



TACITURNO

Ha Ouro marchetado em mim, a pedras raras,  
Ouro sinistro em sons de bronzes medievais —  
Joia profunda a minha Alma a luzes caras,  
Cibório triangular de ritos infernais.

No meu mundo interior cerraram-se armaduras,  
Capacetes de ferro esmagaram Princesas.  
Toda uma estirpe rial de herois d'Outras bravuras  
Em mim se despojou dos seus braços e presas.

Heraldicas - luar sobre ímpetos de rubro,  
Humilhações a liz, desforços de brocado;  
Bazilicas de tédio, arnezes de crispado,  
Insignias de Ilusão, troféus de jaspe e Outubro...



A ponte levadiça e baça de Eu-ter-sido  
Enferrujou — embalde a tentarão descer...  
Sobre fossos de Vago, ameias de inda-querer —  
Manhãs de armas ainda em arraiais de olvido...

Percorro-me em salões sem janelas nem portas,  
Longas salas de trôno a espessas densidades,  
Onde os pânos de Arrás são esgarçadas saudades,  
E os divans, em redór, ansias lassas, absortas...

Ha rôxos fins de Imperio em meu renunciar —  
Caprichos de setim do meu desdem Astral...  
Ha exéquias de herois na minha dôr feudal —  
E os meus remorsos são terraços sobre o Mar...

*Paris — Agosto de 1914*

SALOMÉ

Insónia rôxa. A luz a virgular-se em mêdo,  
Luz morta de luar, mais Alma do que a lua...  
Ela dança, ela range. A carne, alcool de nua,  
Alastra-se pra mim num espasmo de segrêdo...

Tudo é capricho ao seu redór, em sombras fátuas...  
O arôma endoideceu, upou-se em côr, quebrou...  
Tenho frio... Alabastro!... A minh'Alma parou...  
E o seu corpo resvala a projectar estátuas...

Ela chama-me em Iris. Nimba-se a perder-me,  
Golfa-me os seios nus, ecôa me em quebranto...  
Timbres, elnios, punhais... A doida quer morrer-me:

Mordoura-se a chorar — ha sexos no seu pranto...  
Ergo-me em som, oscilo, e parto, e vou arder-me  
Na bôca imperial que humanizou um Santo...

*Lisboa 1913 — Novembro 3*

CERTA VOZ NA NOITE, RUIVAMENTE...

Esquivo sortilégio o dessa voz, opiada  
Em sons côr de amaranto, ás noites de incerteza,  
Que eu lembro não sei d'Onde — a voz duma Princesa  
Bailando meia nua entre clarões de espada.

Leonina, ela arremessa a carne arroxeadá ;  
E bêbada de Si, arfante de Beleza,  
Acera os seios nus, descobre o sexo... Reza  
O espasmo que a estrebucha em Alma copulada...

Entanto nunca a vi, mesmo em visão. Sómente  
A sua voz a fulcra ao meu lembrar-me. Assim  
Não lhe desejo a carne — a carne inexistente...

E' só de voz-em-cio a bailadeira astral —  
E nessa voz-Estátua, ah! nessa voz-total,  
E' que eu sonho esvaír-me em vícios de marfim...

*Lisboa 1914 — Janeiro 31*



NOSSA SENHORA DE PARIS

Listas de som avançam para mim a fustigar-me  
Em luz.  
Todo a vibrar, quero fugir.. Onde acoitar-me?...  
Os braços duma cruz  
Anseiam-se-me, e eu fujo também ao luar...

Um cheiro a maresia  
Vem-me refrescar,  
Longinqua melodia  
Toda saudosa a Mar...  
Mirtos e tamarindos  
Odoram a lonjura;  
Resvalam sonhos lindos...  
Mas o Oiro não perdura,  
E a noite cresce agora a desabar catedrais...  
Fico sepulto sob círios —  
Escureço-me em delirios,  
Mas ressurjo de Ideais...

— Os meus sentidos a escoarem-se...  
Altars e véls...  
Orgulho... Estrelas...  
Vitrais! Vitrais!

Flores de liz...

Manchas de côr a ogivarem-se...  
As grandes naves a sagrarem-se...  
— Nossa Senhora de Paris!...

*Paris 1913 — Junho 15*

Esta inconstancia de mim próprio em vibração  
 E' que me ha de transpôr ás zonas intermédias,  
 E seguirei entre cristais de inquietação,  
 A retinir, a ondular... Soltas as rédeas,  
 Meus sonhos, leões de fôgo e pasmo domados a tirar  
 A tôrre d'ouro que era o carro da minh'Alma,  
 Transviarão pelo deserto, muribundos de Luar —  
 E eu só me lembrarei num baloiçar de palma...  
 Nos oásis, depois, hão de se abismar gumes,  
 A atmosfera ha de ser outra, noutros planos:  
 As rãs hão de coaxar-me em roucos tons humanos  
 Vomitando a minha carne que comeram entre estrumes...

\*

Ha sempre um grande Arco ao fundo dos meus olhos...  
 A cada passo a minha alma é outra cruz,  
 E o meu coração gira: é uma roda de côres...  
 Não sei aonde vou, nem vejo o que persigo...  
 Já não é o meu rastro o rastro d'oiro que ainda sigo...  
 Resvalo em pontes de gelatina e de bolôres...  
 Hoje, a luz para mim é sempre meia-luz...

.....  
 .....

As mesas do Café endoideceram feitas ar...  
 Caiu-me agora um braço... Olha, lá vai êle a valsar  
 Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei...

(Subo por mim acima como por uma escada de corda,  
 E a minha Ansia é um trapézio escangalhado...).

Lisboa — Maio de 1914

DISTANTE MELODIA...

Num sonho d'Iris, morto a ouro e brasa,  
Vem-me lembranças doutro Tempo azul  
Que me oscilava entre véus de tule —  
Um tempo esguio e leve, um tempo-Asa.

Então os meus sentidos eram côres,  
Nasciam num jardim as minhas ansias,  
Havia na minh'alma Outras distancias —  
Distancias que o segui-las era flôres...

Caía Ouro se pensava Estrelas,  
O luar batia sobre o meu alhear-me...  
Noites-lagôas, como éreis belas  
Sob terraços-liz de recordar-me!...

Idade acorde d'Inter sonho e Lua,  
Onde as horas corriam sempre jade,  
Onde a neblina era uma saudade,  
E a luz — anseios de Princesa nua...

Balaústres de som, arcos de Amar,  
Pontes de brilho, ogivas de perfume...  
Dominio inexprimível d'Ópio e lume  
Que nunca mais, em côr, hei de habitar...

Tapêtes doutras Persias mais Oriente...  
Cortinados de Chinas mais marfim...  
Aureos Templos de ritos de setim...  
Fontes correndo sombra, mansamente...

Zimbórios-panthéons de nostalgias...  
Catedrais de ser-Eu por sobre o mar...  
Escadas de honra, escadas só, ao ar...  
Novas Byzancios-alma, outras Turquias...

Lembranças fluidas... cinza de brocado...  
Irrealidade anil que em mim ondeia...  
— Ao meu redór eu sou Rei exilado,  
Vagabundo dum sonho de sereia...

VISLUMBRE

A horas flébeis, outonais —  
 Por magoados fins de dia —  
 A minha Alma é água fria  
 Em ânforas d'Ouro... entre cristais...

*Camarate — Quinta da Vitória.  
 Outubro de 1914.*

SUGESTÃO

As companheiras que não tive,  
 Sinto-as chorar por mim, veladas,  
 Ao pôr do sol, pelos jardins...  
 Na sua mágoa azul revive  
 A minha dôr de mãos finadas  
 Sobre setins...

*Paris — Agosto de 1914*

7

Eu não sou eu nem sou o outro,  
 Sou qualquer coisa de intermédio:  
     Pilar da ponte de tédio  
 Que vai de mim para o Outro.

*Lisboa — Fevereiro de 1914*

ANGULO

Aonde irei neste sem-fim perdido,  
Neste mar ôco de certezas mortas? —  
Fingidas, afinal, todas as portas  
Que no dique julguei ter construído...

— Barcaças dos meus impetos tigrados,  
Que oceano vos dormiram de Segrêdo?  
Partiste-vos, transportes encantados,  
De embate, em alma ao rôxo, a que rochêdo?...

— O nau de festa, ó ruiva de aventura  
Onde, em Champanhe, a minha ansia ia,  
Quebraste-vos também ou, por ventura,  
Fundeaste a Ouro em portos d'alquimia?...

.....  
.....

Chegaram á baía os galeões  
Com as sete Princesas que morreram.  
Regatas de luar não se correram...  
As bandeiras velaram-se, orações...

Detive-me na ponte, debruçado,  
Mas a ponte era falsa — e derradeira.  
Segui no cais. O cais era abaulado,  
Cais fingido sem mar á sua beira...

— Por sôbre o que Eu não sou ha grandes pontes  
Que um outro, só metade, quer passar  
Em miragens de falsos horizontes —  
Um outro que eu não posso acorrentar...

A INEGUALAVAL

Ai, como eu te queria toda de violetas  
 E flébil de setim...  
 Teus dedos longos, de marfim,  
 Que os sombreassem joias pretas...

E tão febril e delicada  
 Que não podesses dar um passo —  
 Sonhando estrelas, transtornada,  
 Com estampas de côr no regaço...

Queria-te nua e friorenta,  
 Aconchegando-te em zibelinas —  
 Sonolenta,  
 Ruiva de éteres e morfina...

Ah! que as tuas nostalgias fôsem guisos de prata —  
 Teus frenesis, lantejoulas;  
 E os ócios em que estiolas,  
 Luar que se desbarata...

.....  
 .....

Teus beijos, queria-os de tule,  
 Transparecendo carmim —  
 Os teus espasmos, de sêda...

— Água fria e clara numa noite azul,  
 Água, devia ser o teu amor por mim...

APOTEOSE

Mastros quebrados, singro num mar d'Ouro  
Dormindo fôgo, incerto, longemente...  
Tudo se me igualou num sonho rente,  
E em metade de mim hoje só móro...

São tristezas de bronze as que inda choro —  
Pilastras mortas, marmores ao Poente...  
Lagearam-se-me as ansias brancamente  
Por claustros falsos onde nunca óro...

Desci de mim. Dobrei o manto d'Astro,  
Quebrei a taça de cristal e espanto,  
Talhei em sombra o Ouro do meu rastro...

Findei... Horas-platina... Olor-brocado...  
Luar-ansia... Luz-perdão... Orquideas pranto...

.....

— Ó pantanos de Mim — jardim estagnado...

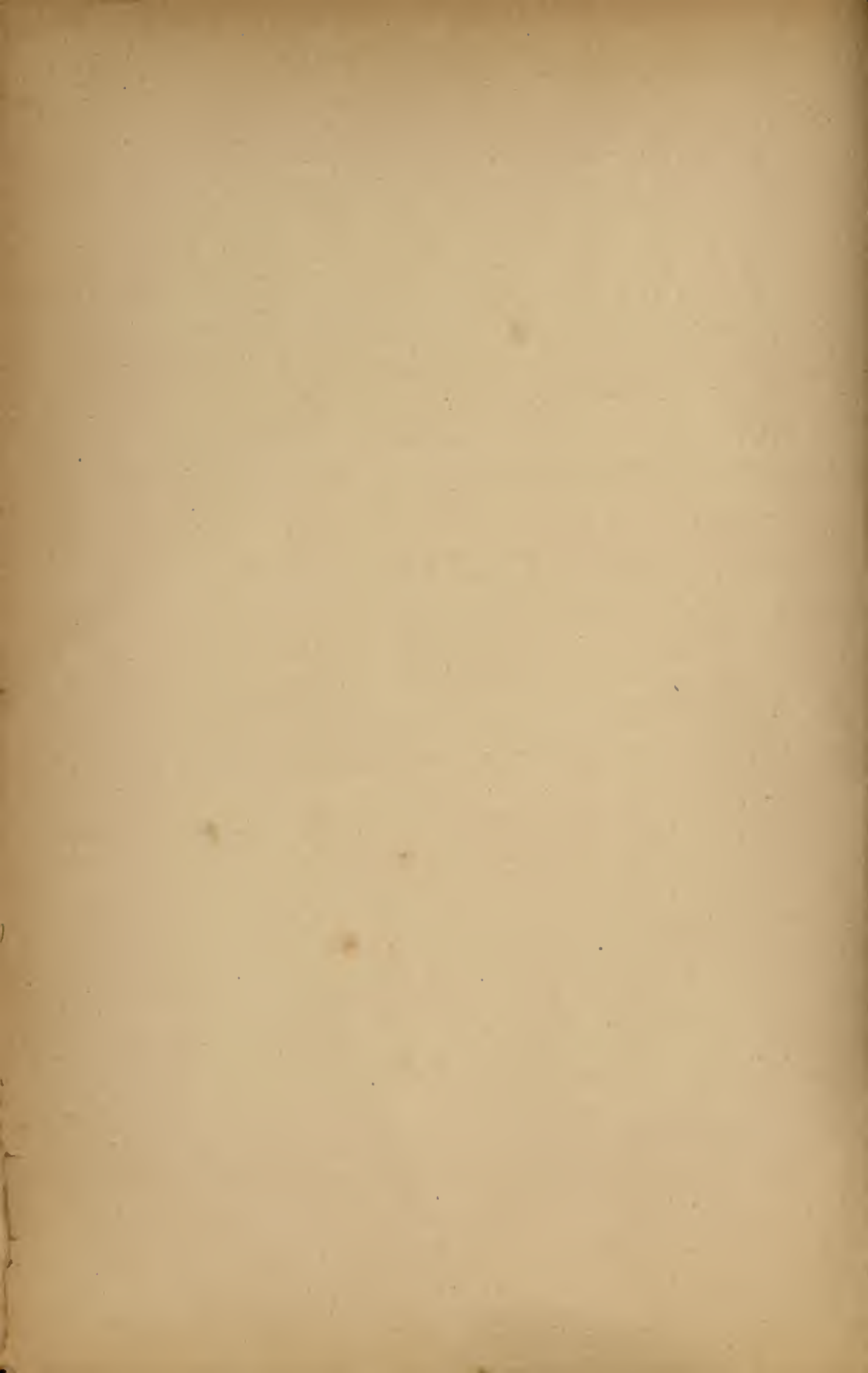
*Paris 1914 — Junho 28*

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.





POEMAS  
DE  
RONALD DE CARVALHO



## A ALMA QUE PASSA

### I— Sentido

Fujo de mim como um perfume antigo  
foge ondulante e vago de um missal  
e julgo uma alma estranha andar commigo,  
dizendo adeus a uma aventura irreal.

Sou transparencia, chamma pallida, ansia,  
ultima nau que abandonou o caes.  
No alvôr das minhas mãos chora a distancia  
prôas rachadas, longes de ouro, ideaes...

Sonho meu corpo como de um ausente,  
naufrágo e exsurjo dentro da memoria,  
accórdo num jardim convalescente,

vago perdido em outros num jardim,  
e sinto no clarão da ultima gloria  
a sombra do que sou morrer em mim...

### II— Legenda

A Vida é uma princeza dolorosa  
no seu castelo de rubis e opalas,  
tanjendo ao poente em harpa silenciosa  
uma agonia de almas e de falas...

Colho de tuas mãos a triste rosa,  
Vida que és sombra e sobre mim resvalas.  
Passas, e em tua sombra a ondear saudosa  
vagam fantasmas de desertas salas...

(Vozes perdidas, juramentos a esmo,  
passos que morrem sobre passos, sinos  
accórdam madrugadas em mim mesmo.

E entre trompas, tambores e metralha,  
claveharpas, orgãos, tubas e violinos  
a Vida e a Dôr começam a batalha...)

## III — Genese

Antes a alma que tenho andou perdida,  
foi pedrouço a rolar pelo caminho,  
topazio, opala, perola esquecida  
num bracelete real; foi caule e espinho,

bronze que a mão tocou, aurea jazida  
por entre as ruínas de um paiz maninho,  
e reflectiu, fatal, o olhar da Vida  
no corpo em sangue de um estranho vinho...

Foi casco medieval, foi lança e escudo,  
foi luz lunar e errante de lanterna,  
e depois de exsurgir, triste, de tudo

veio para chorar dentro em meu ser  
a amarga maldição de ser eterna  
e a dôr de renascer quando eu morrer...

LAMPADA NOCTURNA

Tonta de somno e de doçura  
no alto das garras de marfim  
perdida em sombra a luz procura.  
Alguem morreu dentro de mim...

Pela janela triste e escura  
que abre os balcões para o jardim  
sóbe um perfume de amargura.  
Alguem morreu dentro de mim...

E vaes rompendo silenciosa  
com o fino teu punhal de luxo  
no ultimo vaso a ultima rosa...

E o caule nú reflecte agora  
no teu olhar como um repuxo  
que implora o azul e não demora...

TORRE IGNOTA

Da sombra se ergue e não demóra  
nas mãos que a cingem desejosas  
o ar a fascina sempre e agora  
e as linhas lava luminosas

O talhe inquieta a luz por fóra  
sonham chimeras dolorosas  
e não floresce na haste da hóra  
nem a volúpia de outras rosas

Só de ser unica levanta  
como um sorriso a pedraria  
que o som dos bronzes acalanta

Da sombra se ergue para a glória  
e a mão que a esflóra é argila fria  
num vôo branco de memoria

O ELOGIO DOS REPUXOS

Dôr dos repuxos ao Sol-Pôr agonizando  
em plumas e marfins, em rosas de ouro e luz...  
Canto da água que desce em poeira, leve e brando,  
canto da água que sobe e onde o jardim transluz.

Dormem sinos na bruma — a cinza tem affagos...  
Sombras de antigas náos, velas altas a arfar,  
passam em turbilhões pelo fundo dos lagos,  
(a aventura, a conquista, a ansia eterna do mar!)

Repuxos a morrer sobre si mesmos, lentos —  
curvos leques a abrir e a fechar num adejo,  
— mão vencida que vem de vãos incitamentos,  
mão nervosa que vai mais cheia de desejo...

Volúpia de fugir — ser longe e ser distancia,  
e tornar logo ao cais e de novo partir!  
Volúpia — desejar e não possuir, ser ansia...  
Repuxos a descer, repuxos a subir...

Não fixar emoções, voluptia de esquecê-las,  
andar dentro de si perdido na memória...  
(Caçadores ideais de mundos e de estrelas —  
repuxos ao Sol-Pôr cheios de magoa e glória...)

Dôr dos repuxos ao crepusculo cantando!  
desespero, alegria — o labio, a mão... e um beijo.  
Dôr dos repuxos, dôr sangrando, dôr sonhando —  
ir tocar a ilusão e morrer em desejo...

## REFLEXOS

*(Poema da Alma enferma)*

Minha alma treme como um lírio  
dentro da água dos teus olhos —  
minha alma treme como um lírio,  
com as mãos varadas por abrolhos.

Toda de linho de noivado,  
á tua porta a tremer,  
toda de linho de noivado  
minha alma vai amanhecer.

Anda um perfume de além-morte  
na sua voz dolorida,  
anda um perfume de além-morte  
nas vestes pálidas da vida...

A hora lilaz desabotôa  
em flôres de cinza e braza,  
a hora lilaz desabotôa  
com um rumor sonambulo de asa.

Pelo canal resam os barcos  
cheios de graça e de glória...  
pelo canal resam os barcos  
a triste história da memória...

Minha alma accorda o caes deserto,  
florida em rosas de magoa —  
minha alma accorda o caes deserto,  
e a sua sombra é um cysne na água...

E sobre as lampadas extintas  
tombam funebres antenas,  
e sobre as lampadas extintas  
morrem as ultimas falenas.

As torres scismam pelo espaço.  
No silencio erram violinos —  
as torres scismam pelo espaço...  
na penumbra cogitam sinos...

Minha alma toda se enclausura  
no jardim que entardeceu...  
minha alma toda se enclausura  
num beijo irreal que não nasceu...

Dentro da água dos teus olhos  
minha alma treme como um lírio...

RONALD DE CARVALHO.





FERNANDO PESSOA

O MARINHEIRO

---

DRAMA ESTÁTICO EM UM QUADRO

a Carlos Franco.



Um quarto que é sem duvida num castello antigo. Do quarto vê-se que é circular. Ao centro ergue-se, sobre uma eça, um caixão com uma donzella, de branco. Quatro tochas aos cantos. A direita, quasi em frente a quem imagina o quarto, ha uma unica janella, alta e estreita, dando para onde só se vê, entre dois montes longinquos, um pequeno espaço de mar.

Do lado da janella velam trez donzellas. A primeira está sentada em frente á janella, de costas contra a tocha de cima da direita. As outras duas estão sentadas uma de cada lado da janella.

É noite e ha como que um resto vago de luar.

Primeira veladora. — Ainda não deu hora nenhuma.

Segunda. — Não se podia ouvir. Não ha relógio aqui perto. Dentro em pouco deve ser dia.

Terceira. — Não: o horizonte é negro.

Primeira. — Não desejaes, minha irmã, que nos entretenhamos contando o que fômos? É bello e é sempre falso...

Segunda. — Não, não fallemos d'isso. De resto, fômos nós alguma cousa?

Primeira. — Talvez. Eu não sei. Mas, ainda assim, sempre é bello fallar do passado... As horas teem cahido e nós temos guardado silencio. Por mim, tenho estado a olhar para a chamma d'aquella vela. Às vezes treme, outras torna-se mais amarella, outras vezes empallidece. Eu não sei porque é que isso se dá. Mas sabemos nós, minhas irmãs, porque se dá qualquer cousa?...

(uma pausa)

A mesma. — Fallar do passado— isso deve ser bello, porque é inútil e faz tanta pena...

Segunda. — Fallemos, se quizerdes, de um passado que não tivessemos tido.

Terceira. — Não. Talvez o tivéssemos tido...

Primeira. — Não dizeis senão palavras. É tão triste fallar! É um modo tão falso de nos esquecermos!... Se passeássemos?...

Terceira. — Onde?

Primeira. — Aqui, de um lado para o outro. Às vezes isso vai buscar sonhos.

Terceira. — De quê?

Primeira. — Não sei. Porque o havia eu de saber?

(uma pausa)

Segunda. — Todo este paiz é muito triste... Aquelle onde eu vivi outr'ora era menos triste. Ao entardecer eu fiava, sentada á minha janella. A janella dava para o mar e ás vezes havia uma ilha ao longe...

Muitas vezes eu não fiava; olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz. Já não tornarei a ser aquillo que talvez eu nunca fôsse...

Prmelra. — Fôra de aqui, nunca vi o mar. Alli, d'aquella janella, que é a unica de onde o mar se vê, vê-se tão pouco!... O mar de outras terras é bello?

Segunda. — Só o mar das outras terras é que é bello. Aquelle que nós vemos dá-nos sempre saudades d'aquelle que não veremos nunca...

(uma pausa)

Prmelra. — Não diziamos nós que iamós contar o nosso passado?

Segunda. — Não, não diziamos.

Tercelra. — Porque não haverá relógio neste quarto?

Segunda. — Não sei... Mas assim, sem o relógio, tudo é mais afastado e mysterioso. A noite pertence mais a si-propria... Quem sabe se nós poderiamós fallar assim se soubessemós a hora que é?

Prmelra. — Minha irmã, em mim tudo é triste. Passo dezembros na alma... Estou procurando não olhar para a janella... Sei que de lá se vêem, ao longe, montes... Eu fui feliz para além de montes, outr'ora... Eu era pequenina. Colhia flôres todo o dia e antes de adormecer pedia que não m'as tirassem... Não sei o que isto tem de irreparavel que me dá vontade de chorar... Foi longe d'aqui que isto pôde ser... Quando virá o dia?...

Tercelra. — Que importa? Elle vem sempre da mesma maneira... sempre, sempre, sempre...

(uma pausa)

Segunda. — Contemos contos umas ás outras... Eu não sei contos nenhuns, mas isso não faz mal... Só viver é que faz mal... Não rocemós pela vida nem a orla das nossas vestes... Não, não vos levanteis. Isso seria um gesto, e cada gesto interrompe um sonho... Neste momento eu não tinha sonho nenhum, mas é-me suave pensar que o podia estar tendo... Mas o passado—porque não fallâmos nós d'elle?

Prmelra. — Decidimos não o fazer... Breve raiará o dia e arre-pender-nos-hemos... Com a luz os sonhos adormecem... O passado não é senão um sonho... De resto, nem sei o que não é sonho... Se ólho para o presente com muita attenção, parece-me que elle já passou... O que é qualquer cousa? Como é que ella passa? Como é por dentro o modo como ella passa?... Ah, fallemos, minhas irmãs, fallemos alto, fallemos todas juntas... O silencio começa a tomar corpo, começa a ser cousa... Sinto-o envolver-me como uma nevoa... Ah, fallae, fallae!...

Segunda. — Para quê?... Fito-vos a ambas e não vos vejo logo... Parece-me que entre nós se augmentaram abysmos... Tenho que cançar a idéa de que vos posso ver para poder chegar a ver-vos... Este ar quente é frio por dentro, naquella parte que toca na alma... Eu devia agora sentir mãos impossiveis passarem-me pelos cabel-

los... As mãos pelos cabellos — é o gesto com que fallam das sereias... (*Cruza as mãos sobre os joelhos. Pausa.*) Ainda ha pouco, quando eu não pensava em nada, estava pensando no meu passado...

Primelra. — Eu tambem devia ter estado a pensar no meu...

Terceira. — Eu já não sei em que pensava... No passado dos outros talvez..., no passado de gente maravilhosa que nunca existiu... Ao pé da casa de minha mãe corria um riacho... Porque é que correria, e porque é que não correria mais longe, ou mais perto?... Ha alguma razão para qualquer cousa ser o que é? Ha para isso qualquer razão verdadeira e real como as minhas mãos?...

Segunda. — As mãos não são verdadeiras nem reaes... São mysterios que habitam na nossa vida... A's vezes, quando fito as minhas mãos, tenho medo de Deus... Não ha vento que mova as chammas das velas, e olhae, ellas movem-se... Para onde se inclinam ellas?... Que pena se algum pudesse responder!... Sinto-me desejsosa de ouvir musicas barbaras que devem agora estar tocando em palacios de outros continentes... E' sempre longe na minha alma... Talvez porque, quando creança, corri atraz das ondas á beira-mar. Levei a vida pela mão entre rochedos, maré-baixa, quando o mar parece ter cruzado as mãos sobre o peito e ter adormecido como uma estatua de anjo para que nunca mais ninguem olhasse...

Terceira. — As vossas phrases lembram-me a minha alma...

Segunda. — É talvez por não serem verdadeiras... Mal sei que as digo... Repito-as seguindo uma voz que não ouço que m'as está segredando... Mas eu devo ter vivido realmente á beira-mar... Sempre que uma cousa ondeia, eu amo-a... Ha ondas na minha alma... Quando ando embalo-me... Agora eu gostaria de andar... Não o faço porque não vale nunca a pena fazer nada, sobretudo o que se quer fazer... Dos montes é que eu tenho medo... É impossivel que elles sejam tão parados e grandes... Devem ter um segredo de pedra que se recusam a saber que teem... Se d'esta janella, debruçando-me, eu pudesse deixar de ver montes, debruçar-se-hia um momento da minha alma a quem em quem eu me sentisse feliz...

Primelra. — Por mim, amo os montes... Do lado de cá de todos os montes é que a vida é sempre feia... Do lado de lá, onde mora minha mãe, costumavamos sentarmo' nos á sombra dos tamarindos e fallar de ir ver outras terras... Tudo alli era longo e feliz como o canto de duas aves, uma de cada lado do caminho... A floresta não tinha outras clareiras senão os nossos pensamentos... E os nossos sonhos eram de que as arvores projectassem no chão outra calma que não as suas sombras... Foi decerto assim que alli vivemos, eu e não sei se mais algum... Dizei-me que isto foi verdade para que eu não tenha de chorar...

Segunda. — Eu vivi entre rochedos e espreitava o mar... A orla da minha saia era fresca e salgada batendo nas minhas pernas nuas... Eu era pequena e barbara... Hoje tenho medo de ter sido... O presente parece-me que durmo... Fallae-me das fadas. Nunca ouvi fallar d'ellas a ninguem... O mar era grande demais para fazer pensar nellas... Na vida aquece ser pequeno... Ereis feliz minha irmã?.

Primelra. — Começo neste momento a tel-o sido outr'ora... De

resto, tudo aquillo se passou na sombra... As arvores viveram-o mais do que eu... Nunca chegou quem eu mal esperava... E vós, irmã, porque não fallaes?

Tercelra. — Tenho horror a de aqui a pouco vos ter já dito o que vos vou dizer. As minhas palavras presentes, mal eu as diga, pertencerão logo ao passado, ficarão fóra de mim, não sei onde, rígidas e fataes... Fallo, e penso nisto na minha garganta, e as minhas palavras parecem-me gente... Tenho um medo maior do que eu. Sinto na minha mão, não sei como, a chave de uma porta desconhecida. E toda eu sou um amuleto ou um sacrario que estivesse com consciencia de si-proprio. E' poristo que me apavora ir, como por uma floresta escura, atravez do mysterio de fallar... E, afinal, quem sabe se eu sou assim e se é isto sem duvida que sinto?...

Primeira. — Custa tanto saber o que se sente quando reparamos em nós!... Mesmo viver sabe a custar tanto quando se dá por isso... Fallae portanto, sem reparardes que existis... Não nos ieis dizer quem ereis?

Tercelra. — O que eu era outr'ora já não se lembra de quem sou... Pobre da feliz que eu fui!... Eu vivi entre as sombras dos ramos, e tudo na minha alma é folhas que estremecem. Quando ando ao sol a minha sombra é fresca. Passei a fuga dos meus dias ao lado de fontes, onde eu molhava, quando sonhava de viver, as pontas tranquilladas dos meus dedos... A's vezes, á beira dos lagos, debruçava-me e fitava-me... Quando eu sorria, os meus dentes eram mysteriosos na agua... Tinham um sorriso só d'elles, independente do meu... Era sempre sem razão que eu sorria... Fallae me da morte, do fim de tudo, para que eu sinta uma razão p'ra recordar...

Primeira. — Não falleemos de nada, de nada... Está mais frio, mas porque é que está mais frio? Não ha razão para estar mais frio. Não é bem mais frio que está... Para que é que havemos de fallar?... E' melhor cantar, não sei porquê... O canto, quando a gente canta de noite, é uma pessoa alegre e sem medo que entra de repente no quarto e o aquece a consolar-nos... Eu podia cantar-vos uma canção que cantavamos em casa de meu passado. Porque é que não quereis que vol-a cante?

Tercelra. — Não vale a pena, minha irmã... Quando alguém canta, eu não posso estar commigo. Tenho que não poder recordar-me. E depois todo o meu passado torna-se outro e eu choro uma vida morta que trago commigo e que não vivi nunca. E' sempre tarde de mais para cantar, assim como é sempre tarde de mais para não cantar...

(uma pausa)

Primeira. — Breve será dia... Guardemos silencio... A vida assim o quer... Ao pé da minha casa natal havia um lago. Eu ia lá e assentava-me á beira d'elle, sobre um tronco de arvore que cahira quasi dentro de agua... Sentava-me na ponta e molhava na agua os pés, esticando para baixo os dedos. Depois olhava excessivamente para as pontas dos pés, mas não era para as ver... Não sei porquê, mas parece-me d'este lago que elle nunca existiu... Lembrar-me

d'elle é como não me poder lembrar de nada... Quem sabe porque é que eu digo isto e se fui eu que vivi o que recordo?...

Segunda. — A' beira-mar somos tristes quando sonhamos... Não podemos ser o que queremos ser, porque o que queremos ser queremos sempre ter sido no passado... Quando a onda se espalha e a espuma chia, parece que ha mil vozes minimas a fallar. A espuma só parece ser fresca a quem a julga uma... Tudo é muito e nós não sabemos nada... Quereis que vos conte o que eu sonhava á beira-mar?

Primeira. — Podeis contal-o, minha irmã, mas nada em nós tem necessidade de que nol-o conteis... Se é bello, tenho já pena de vir a tel-o ouvido. E se não é bello, esperae..., contae o só depois de o alterardes...

Segunda. — Vou dizer vol-o. Não é inteiramente falso, porque sem duvida nada é inteiramente falso. Deve ter sido assim... Um dia que eu dei por mim recostada no cimo frio de um rochedo, e que eu tinha esquecido que tinha pae e mãe e que houvera em mim infancia e outros dias — nesse dia vi ao longe, como uma cousa que eu só pensasse em ver, a passagem vaga de uma vela... Depois ella cessou... Quando reparei para mim, vi que já tinha esse meu sonho... Não sei onde elle teve principio... E nunca tornei a ver outra vela... Nenhuma das velas dos navios que sahem aqui de um porto se parece com aquella, mesmo quando é lua e os navios passam longe de vagar...

Primeira. — Vejo pela janella um navio ao longe. E' talvez aquelle que vistes...

Segunda. — Não, minha irmã; esse que vêdes busca sem duvida um porto qualquér... Não podia ser que aquelle que eu vi buscasse qualquér porto...

Primeira. — Porque é que me respondestes?... Pode ser... Eu não vi navio nenhum pela janella... Desejava ver um e fallei-vos d'elle para não ter pena... Contae nos agora o que foi que sonhastes á beira mar...

Segunda. — Sonhava de um marinheiro que se houvesse perdido numa ilha longinqua. Nessa ilha havia palmeiras hirtas, poucas, e aves vagas passavam por ellas... Não vi se alguma vez pousavam... Desde que, naufragado, se salvára, o marinheiro vivia alli... Como elle não tinha meio de voltar á patria, e cada vez que se lembrava d'ella soffria, poz-se a sonhar uma patria que nunca tivesse tido; poz-se a fazer ter sido sua uma outra patria, uma outra especie de paiz, com outras especies de paysagens, e outra gente, e outro feitio de passarem pelas ruas e de se debruçarem das janellas... Cada hora elle construía em sonho esta falsa patria, e elle nunca deixava de sonhar, de dia á sombra curta das grandes palmeiras, que se recortava, orlada de bicos, no chão areento e quente; de noite, estendido na praia, de costas, e não reparando nas estrellas.

Primeira. — Não ter havido uma arvore que mosqueasse sobre as minhas mãos estendidas a sombra de um sonho como esse!...

Tercelra. — Deixae-a fallar... Não a interrompaes... Ella conhece palavras que as sereias lhe ensinaram... Adormeço para a poder es-

cutar... Dizei, minha irmã, dizei... Meu coração doe-me de não ter sido vós quando sonhaveis á beira mar...

Segunda. — Durante annos e annos, dia a dia o marinheiro erguia num sonho contínuo a sua nova terra natal... Todos os dias punha uma pedra de sonho nesse edificio impossivel... Breve elle ia tendo um paiz que já tantas vezes havia percorrido. Milhares de horas lembrava-se já de ter passado ao longo de suas costas. Sabia de que côso iam ser os crepusculos numa bahia do norte, e como era suave entrar, noite alta, e com a alma recostada no murmurio da agua que o navio abria, num grande porto do sul onde elle passára outr'ora, feliz talvez, das suas mocidades a supposta...

(uma pausa)

Primeira. — Minha irmã, porque é que vos calaes?

Segunda. — Não se deve fallar demasiado... A vida espreita-nos sempre... Toda a hora é materna para os sonhos, mas é preciso não o saber... Quando fallo de mais começo a separar-me de mim e a ouvir-me fallar. Isso faz com que me compadeça de mim-propria e sinta demasiadamente o coração. Tenho então uma vontade lacrimosa de o ter nos braços para o poder embalar como a um filho... Vêde: o horizonte empallideceu... O dia não pôde já tardar... Será preciso que eu vos falle ainda mais do meu sonho?

Primeira. — Contae sempre, minha irmã, contae sempre... Não pareis de contar, nem repareis em que dias raíam... O dia nunca raia para quem encosta a cabeça no seio das horas sonhadas... Não torçaes as mãos. Isso faz um ruído como o de uma serpente furtiva... Fallae-nos muito mais do vosso sonho. Elle é tão verdadeiro que não tem sentido nenhum. Só pensar em ouvir-vos me toca musica na alma...

Segunda. — Sim, fallar-vos-hei mais d'elle. Mesmo eu preciso de vol-o contar. À medida que o vou contando, é a mim tambem que o conto... São trez a escutar... (*De repente, olhando para o caixão, e estremecendo.*) Trez não... Não sei... Não sei quantas...

Terceira. — Não falleis assim... Contae depressa, contae outra vez... Não falleis em quantos podem ouvir... Nós nunca sabemos quantas cousas realmente vivem e vêem e escutam... Voltae ao vosso sonho.. O marinheiro... O que sonhava o marinheiro?...

Segunda (*mais baixo, numa voz muito lenta*). — Ao principio elle creou as paysagens; depois creou as cidades; creou depois as ruas e as travessas, uma a uma, cinzelando-as na materia da sua alma — uma a uma as ruas, bairro a bairro, até ás muralhas dos caes d'onde elle creou depois os portos... Uma a uma as ruas, e a gente que as percorria e que olhava sobre ellas das janellas... Passou a conhecer certa gente, como quem a reconhece apenas... Ia-lhes conhecendo as vidas passadas e as conversas, e tudo isto era como quem sonha apenas paysagens e as vae vendo... Depois viajava, recordado, atravez do paiz que creara... E assim foi construindo o seu passado... Breve tinha uma outra vida anterior... Tinha já, nessa nova patria, um logar onde nascera, os logares onde passara a juventude, os portos



onde embarcara... Ia tendo tido os companheiros da infancia e depois os amigos e inimigos da sua idade viril... Tudo era diferente de como elle o tivera — nem o paiz, nem a gente, nem o seu passado proprio se pareciam com o que haviam sido... Exigís que eu continue?... Causa-me tanta pena fallar d'isto!... Agora, porque vos fallo d'isto, aprazia-me mais estar-vos fallando de outros sonhos...

*Terceira.* — Continuae, ainda que não saibaes porquê... Quanto mais vos ouço, mais me não pertenco...

*Primeira.* — Será bom realmente que continueis? Deve qualquer historia ter fim? Em todo o caso fallae... Importa tão pouco o que dizemos ou não dizemos... Velamos as horas que passam... O nosso mister é inutil como a Vida...

*Segunda.* — Um dia, que chovêra muito, e o horizonte estava mais incerto, o marinheiro cançou-se de sonhar... Quiz então recordar a sua patria verdadeira..., mas viu que não se lembrava de nada, que ella não existia para elle... Meninice de que se lembrasse, era a na sua patria de sonho; adolescencia que recordasse, era aquella que se creara... Toda a sua vida tinha sido a sua vida que sonhara.. E elle viu que não podia ser que outra vida tivesse existido... Se elle nem de uma rua, nem de uma figura, nem de um gesto materno se lembrava... E da vida que lhe parecia ter sonhado, tudo era real e tinha sido... Nem sequer podia sonhar outro passado, conceber que tivesse tido outro. como todos, um momento, podem crer... O minhas irmãs, minhas irmãs... Ha qualquer cousa, que não sei o que é, que vos não disse..., qualquer cousa que explicaria isto tudo... A minha alma esfria-me... Mal sei se tenho estado a fallar... Fallae-me, gritae-me, para que eu acorde, para que eu saiba que estou aqui ante vós e que ha cousas que são apenas sonhos...

*Primeira (numa voz muito baixa).* — Não sei que vos diga... Não ousou olhar para as cousas... Esse sonho como continúa?...

*Segunda.* — Não sei como era o resto... Mal sei como era o resto... Porque é que haverá mais?...

*Primeira.* — E o que aconteceu depois?

*Segunda.* — Depois? Depois de quê? Depois é alguma cousa?... Veiu um dia um barco... Veiu um dia um barco... — Sim, sim... só podia ter sido assim... — Veiu um dia um barco, e passou por essa ilha, e não estava lá o marinheiro...

*Terceira.* — Talvez tivesse regressado á patria... Mas a qual?

*Primeira.* — Sim, a qual? E o que teriam feito ao marinheiro? Sabelo-hia alguém?

*Segunda.* — Porque é que m'o perguntaes? Ha resposta para alguma cousa?

(uma pausa)

*Terceira.* — Será absolutamente necessario, mesmo dentro do vosso sonho, que tenha havido esse marinheiro e essa ilha?

*Segunda.* — Não, minha irmã; nada é absolutamente necessario.

*Primeira.* — Ao menos, como acabou o sonho?

*Segunda.* — Não acabou... Não sei... Nenhum sonho acaba... Sei eu ao certo se o não continúo sonhando, se o não sonho sem o

saber, se o sonhal-o não é esta cousa vaga a que eu chamo a minha vida?... Não me falleis mais... Principio a estar certa de qualquer cousa, que não sei o que é... Avancam para mim, por uma noite que não é esta, os passos de um horror que desconheço... Quem teria eu ido despertar com o sonho meu que vos contei?... Tenho um medo disforme de que Deus tivesse prohibido o meu sonho... Elle é sem duvida mais real do que Deus permite... Não estejaes silenciosas... Dizei-me ao menos que a noite vae passando, embora eu o saiba... Vêde, começa a ir ser dia... Vêde: vae haver o dia real... Paremos... Não pensemos mais... Não tentemos seguir nesta aventura interior... Quem sabe o que está no fim d'ella?... Tudo isto, minhas irmãs, passou-se na noite... Não fallemos mais d'isto, nem a nós-proprias... É humano e conveniente que tomemos, cada qual a sua attitude de tristeza.

Tercelra. — Foi-me tão bello escutar-vos... Não digaes que não... Bem sei que não valeu a pena... É porisso que o achei bello... Não foi porisso, mas deixae que eu o diga... De resto, a musica da vossa voz, que escutei ainda mais que as vossas palavras, deixa-me, talvez só por ser musica, descontente...

Segunda. — Tudo deixa descontente, minha irmã... Os homens que pensam cançam-se de tudo, porque tudo muda. Os homens que passam provam-o, porque mudam com tudo... De eterno e bello ha apenas o sonho... Porque estamos nós fallando ainda?...

Primeira. — Não sei... (*olhando para o caixão, em voz mais baixa*)  
Porque é que se morre?

Segunda. — Talvez por não se sonhar bastante...

Primeira. — É possível... Não valeria então a pena fecharmo'-nos no sonho e esquecer a vida, para que a morte nos esquecesse?...

Segunda. — Não, minha irmã: nada vale a pena...

Tercelra. — Minhas irmãs, é já dia... Vêde, a linha dos montes maravilha-se... Porque não choramos nós?... Aquella que finge estar alli era bella, e nova como nós, e sonhava tambem... Estou certa que o sonho d'ella era o mais bello de todos... Ella de que sonharia?...

Primeira. — Fallae mais baixo. Ella escuta-nos talvez, e já sabe para que servem os sonhos...

(uma pausa)

Segunda. — Talvez nada d'isto seja verdade... Todo este silencio, e esta morta, e este dia que começa não são talvez senão um sonho... Olhae bem para tudo isto... Parece-vos que pertence á vida?...

Primeira. — Não sei. Não sei como se é da vida... Ah, como vós estaes parada! E os vossos olhos tão tristes, parece que o estão inutilmente...

Segunda. — Não vale a pena estar triste de outra maneira... Não desejaes que nos calemos? É tão extranho estar a viver... Tudo o que acontece é inacreditavel, tanto na ilha do marinheiro como neste mundo... Vêde, o céu é já verde... O horizonte sorri ouro... Sinto que me ardem os olhos, de eu ter pensado em chorar...

Prmelra. — Chorastes, com effeito, minha irmã.

Segunda. — Talvez... Não importa... Que frio é este?... O que é isto?... Ah, é agora... é agora... Dizei-me isto... Dizei-me uma cousa ainda... Porque não será a unica cousa real nisto tudo o marinheiro, e nós e tudo isto aqui apenas um sonho d'elle?...

Prmelra. — Não falleis mais, não falleis mais... Isso é tão extranho que deve ser verdade... Não continueis... O que ieis dizer não sei o que é, mas deve ser de mais para a alma o poder ouvir... Tenho medo do que não chegastes a dizer... Vêde, vêde, é dia já... Vêde o dia... Fazei tudo por reparardes só no dia, no dia real, alli fóra... Vêde-o, vêde-o... Elle consola... Não penseis, não olheis para o que pensaes... Vêde-o a vir, o dia... Elle brilha como ouro numa terra de prata. As leves nuvens arredondam-se á medida que se coloram... Se nada existisse, minhas irmãs?... Se tudo fosse, de qualquer modo, absolutamente cousa nenhuma?... Porque olhastes assim?...

(Não lhe respondem. E ninguém olhara de nenhuma maneira.)

A mesma. — Que foi isso que dissestes e que me apavorou?... Senti-o tanto que mal vi o que era... Dizei-me o que foi, para que eu, ouvindo-o segunda vez, já não tenha tanto mêdo como d'antes... Não, não... Não digaes nada... Não vos pergunto isto para que me respondeas, mas para fallar apenas, para me não deixar pensar... Tenho medo de me poder lembrar do que foi... Mas foi qualquer cousa de grande e pavoroso como o haver Deus... Deviamos já ter acabado de fallar... Ha tempo já que a nossa conversa perdeu o sentido... O que ha entre nós que nos faz fallar prolonga-se demasiadamente... Ha mais presenças aqui do que as nossas almas... O dia devia ter já rajado... Deviam já ter acordado... Tarda qualquer cousa... Tarda tudo... O que é que se está dando nas cousas de accordo com o nosso horror?... Ah, não me abandoneis... Fallae commigo, fallae commigo... Fallae ao mesmo tempo do que eu para não deixardes sosinha a minha voz... Tenho menos medo á minha voz do que á idéa da minha voz, dentro de mim, se fôr reparar que estou fallando...

Terceira. — Que voz é essa com que fallaes?... E' de outra... Vem de uma especie de longe...

Prmelra. — Não sei... Não me lembreis isso... Eu devia estar fallando com a voz aguda e tremida do mêdo... Mas já não sei como é que se falla... Entre mim e a minha voz abriu-se um abysmo... Tudo isto, toda esta conversa, e esta noite, e este mêdo — tudo isto devia ter acabado, devia ter acabado de repente, depois do horror que nos dissestes... Começo a sentir que o esqueço, a isso que dissestes, e que me fez pensar que eu devia gritar de uma maneira nova para exprimir um horror de aquelles...

Terceira. — (para a Segunda) — Minha irmã, não nos devieis ter contado essa historia. Agora extranho-me viva com mais horror. Contaveis e eu tanto me distrahia que ouvia o sentido das vossas palavras e o seu som separadamente. E parecia-me que vós, e a vossa voz, e

o sentido do que dizeis eram trez entes differentes, como trez creaturas que fallam e andam.

Segunda. — São realmente trez entes differentes, com vida propria e real. Deus talvez saiba porquê... Ah, mas porque é que fallamos? Quem é que nos faz continuar fallando? Porque fallo eu sem querer fallar? Porque é que já não reparamos que é dia?...

Prmelra. — Quem pudesse gritar para despertarmos! Estou a ouvir-me a gritar dentro de mim, mas já não sei o caminho da minha vontade para a minha garganta. Sinto uma necessidade feroz de ter mêdo de que alguém possa agora bater àquella porta. Porque não bate alguém á porta? Seria impossivel e eu tenho necessidade de ter mêdo d'isso, de saber de que é que tenho mêdo... Que extranha que me sinto!... Parece-me já não ter a minha voz... Parte de mim adormeceu e ficou a vêr... O meu pavôr cresceu mas eu já não sei sentil-o... Já não sei em que parte da alma é que se sente... Puzeram ao meu sentimento do meu corpo uma mortalha de chumbo... Para que foi que que nos contastes a vossa historia?

Segunda. — Já não me lembro... Já mal me lembro que a contei... Parece ter sido já ha tanto tempo!... Que somno, que somno absorve o meu modo de olhar para as cousas!... O que é que nós queremos fazer? o que é que nos temos idéa de fazer? — já não sei se é fallar ou não fallar...

Prmelra. — Não fallemos mais. Por mim, cança-me o esforço que fazeis para fallar... Dóe-me o intervallo que ha entre o que pensaes e o que dizeis... A minha consciencia boia á tona da somnolencia apavorada dos meus sentidos pela minha pelle... Não sei o que é isto, mas é o que sinto... Preciso dizer phrases confusas, um pouco longas, que custem a dizer... Não sentis tudo isto como uma aranha enorme que nos tece de alma a alma uma teia negra que nos prende?

Segunda. — Não sinto nada... Sinto as minhas sensações como uma cousa que se não sente... Quem é que eu estou sendo?... Quem é que está fallando com a minha voz?... Ah, escutae...

Prmelra e Terceira. — Quem foi?

Segunda. — Nada. Não ouvi nada... Quiz fingir que ouvia para que vós suppozesseis que ouvieis e eu pudesse crêr que havia alguma cousa a ouvir... Oh, que horror, que horror intimo nos desata a voz da alma, e as sensações dos pensamentos, e nos faz fallar e sentir e pensar quando tudo em nós pede o silencio e o dia e a inconsciencia da vida... Quem é a quinta pessoa neste quarto que estende o braço e nos interrompe sempre que vamos a sentir?...

Prmelra. — Para quê tentar apavorar-me?... Não cabe mais ter-ror dentro de mim... Peso excessivamente ao collo de me sentir. Afundei-me toda no lodo morno do que supponho que sinto. Entra-me por todos os sentidos qualquer cousa que m'os pega e m'os vela. Pecam as palpebras a todas as minhas sensações. Prende-se a lingua a todos os meus sentimentos. Um somno fundo colla uma ás outras as idéas de todos os meus gestos... Porque foi que olhastes assim?...

Terceira. — *(numa voz muito lenta e apagada)* — Ah, é agora, é agora... Sim, acordou alguém... Ha gente que acorda... Quando entrar alguém tudo isto acabará... Até lá façamos por crêr que todo

este horror foi um longo somno que fomos dormindo... É dia já...  
Vae acabar tudo... E de tudo isto fica, minha irmã, que só vós sois  
feliz, porque acreditaes no sonho...

Segunda. — Porque é que m'ò perguntaes ? Porque eu o disse ? Não,  
não acredito...

Um gallo canta. A luz, como que subitamente,  
augmenta. As trez veladoras quedam-se silenciosas  
e sem olharem umas para as outras.

Não muito longe, por uma estrada, um vago  
carro geme e chia.

11/12 Outubro, 1913.

FERNANDO PESSÔA.



TREZE SONETOS  
DE  
ALFREDO PEDRO GUIADO





## ADORMECIDA

As tuas mãos dormiam na lagôa incenso.  
E pelas alamedas destruídas, loucas,  
Desceu-se em mim minha alma a procurar as bocas  
Que me rezaram Ser sôbre o teu manto extenso.

Vagamente desceu sôbre o silêncio, a arfar,  
Combatendo de luz, a esvoaçar no ataque...  
E de noite caiu Egipto em meu olhar,  
Nos teus braços em cruz, sepulcros em Karnak.

Bocas de Faraós rezam múmias cansadas...  
Tebas em mim fenece em bronze de toadas,  
Apagando-se em cinza em lâmpadas sombrias.

E tu adormecida há tanto tempo, em pranto.  
Os cisnes na lagôa embranqueceram tanto,  
Que se esqueceram Côr nas tuas mãos esguías.

## SONHO EGÍPCIO

No palácio, os pavões são apenas dizê-los...  
As asas côr do longe erguidas sôbre mim.  
Existem os pavões... O meu sentir-me é vê-los...  
E o meu sonhar-te, além, são lagos no jardim.

Quando passei no parque, eu encontrei Nitokris.  
Vi-a. Fitei-lhe as mãos para poder senti-las...  
Meus olhos foram naus em águas intranquillas,  
Meus sentidos, aneis nos dedos de Nitokris.

Labirinto de sons. Adormeço-me oiro.  
Ansia apagada. Deus desce minha alma em oiro.  
Meus olhos p'ra te ver, arcadas nos espelhos.

Rezas que nunca ouvi. Hábitos de saudades.  
E as tuas mãos, ao largo, ungingo divindades  
Scismam Ibis, pagãos, sôbre tapetes velhos.

## PAGÃO

... Lembro-me então de mim. Rezo-me longe. Scismo.  
 E o lembrar-me de mim são os meus passos idos.  
 Arqueia-se em azul meu próprio misticismo  
 E eu fico apenas Côr sôbre vitrais vencidos.

O teu hálito é luz em candelabros velhos  
 Aos cantos dos salões onde me vejo a orar,  
 E os teus passos de Dôr são um quebrar de espelhos.  
 Quando te quero ver, morres no meu olhar.

Abraço-me chorando. O teu morrer é vêr-me,  
 Oiro de asas em Tule, ardendo antiguidade —  
 E o ter-te visto morta, o mêdo de perder-me.

Procuo-me em silêncio e oiço-me em teus passos.  
 Sôbre altares pagãos ergo-me divindade  
 E Isis dorme meu Ser em cortinados lassos!

## VER-TE

Estendi os meus braços p'ra abraçar-te  
 E entre nós uma porta se cerrou.  
 Um sôpro de rubins em mim voou,  
 Sôpro que permitiu poder sonhar-te.

Saía a tua sombra p'las janelas  
 E perdia-se, ao largo, em arvoredos...  
 Os meus dedos scismando caravelas,  
 Eram prolongamentos dos teus dedos.

Num parque de oliveiras te sonhei  
 Erguendo-te do oiro que queimei  
 Nas ânforas do templo do meu Ser.

Parece que te vejo e tu estás longe...  
 Afastei-me de mim para ser monge...  
 Meus olhos são a sombra de te ver!

PRINCESA LOUCA

Vejo passar na curva da alameda  
Uma princesa há muitos anos louca,  
Princesa cujo Corpo é uma roca  
Em principados de faisões de seda.

A sua sombra, uma lagôa azul.  
As suas mãos tecendo pinheirais,  
Lembram-me naus sempre chegando ao cais,  
Águias sem asas num palácio, em Tule.

Seus dedos, pregos que pregaram Cristo.  
Olha me longe. Em seu olhar existo...  
Passo nas rezas duma antiga boca...

Arqueio-me a sonhar sôbre marfim.  
Sou arco com que brinca no jardim  
Essa princesa há tantos anos louca.

MÃOS DE CEGA

I

Sinto que as tuas mãos são teus olhos vencidos,  
Teus olhos que esquecendo as orações da luz  
São claustros apagando os passos esquecidos  
De Deus ao regressar de amortallar Jesus.

Sinto-as tanger ainda os violinos velhos,  
Onde os dedos saltando em cordas de oiro, à tarde,  
Te cegaram de som. E em candelabros arde  
O teu antigo olhar emoldurando espelhos.

Teus dedos ao bater nas tuas mãos são remos.  
Inda vejo nas salas do palácio, arfando,  
As tuas mãos de Dôr entreabrindo as portas.

Buscamos-nos em Côr e quando nos perdemos  
Passam as tuas mãos em meus dedos, scismando  
Estátuas de marfim sôbre as arcadas, mortas...

## II

Morreram os leões que guardavam perdidos  
 A branca escadaria. Velhos leões sombrios...  
 Dêles apenas resta o eco dos rugidos  
 Que os arcos dos salões tornaram mais esguios.

As rendas que fiaste adormeciam bocas  
 E as rugas no teu rosto iam caindo, fundas...  
 No fim do parque, à noite, as águias moribundas  
 Guardavam em silêncio as destroçadas rocas.

Fiavas noutro tempo os teus olhos dormentes.  
 Deixaste de os fiar e os teus olhos arderam  
 Na côr das tuas mãos, na cruz de outros poentes...

Cega de mim, partiste. E quando regressaste  
 Manchada de Distância, os meus sentidos eram  
 Palmeiras ladeando a estrada onde passaste!

*ESQUECENDO*

Os lagos dormem cisnes na alameda  
 E as portas do palácio estão fechadas.  
 As folhas a cair, rezando seda,  
 Sonham paisagens mortas, afastadas...

Essas paisagens foram tuas aias.  
 Flautas ao longe foram teus sentidos.  
 E as tuas mãos ao desfiar vestidos  
 Dormiram franjas em doiradas saias.

A tua Sombra o seu olhar perdeu...  
 Não sei se não serás um gesto meu,  
 Um gesto de meus dedos longos, frios...

Não sei quem és... Meus olhos esquecidos  
 Sentem-te em mim, dormir nos meus sentidos...  
 Meus sentidos, arcadas sôbre rios...

## SALOMÉ

## I

Dançava Salomé sôbre mistérios idos.  
—Tarde bronze a morrer. Poente em véus vermelhos—  
Os seus sentidos, longe, eram bailados velhos,  
E o seu Corpo, a bailar, é que era os seus sentidos.

Dançava Salomé nas suas mãos morenas  
Que eram salões de seda, a descerrar o hábito.  
E Ela quando se via era o seu próprio hálito,  
E o Corpo no bailado era uma curva apenas.

Dançava Salomé. — E os seus olhos ao vê-la,  
Cerravam-se leões com mêdo de perdê-la,  
Leões bebendo luz na luz dos olhos seus...

Não vejo Salomé. — Talvez adormecida...  
Talvez no meu olhar Ausência dolorida...  
Talvez boca pagã beijando as mãos de Deus...

## II

Deus, longo cais em mim, donde outras naus singrando  
Conduzem para o Longe o meu não existir.  
Morena, Salomé, entre vitrais bailando.  
Arcadas-sensações transpondo o seu Sentir.

Fita paisagens-Ansia em suas mãos cansadas,  
Paisagens a sonhar castelos nunca erguidos.  
E os lábios percorrendo em lume os seus sentidos,  
Scismam príncipes-Côr descendo das arcadas.

Há entre Ela e Deus o corpo de João.  
E em seu olhar, dormindo um bronze de oração,  
E sombra do bailado um inclinar de palma.

Baila seu Corpo ainda. E Deus nos seus bailados.  
Bailados-asas, longe, em capiteis bordados,  
Gestos de Deus caindo entre molduras-Alma!

*MORTE DE SALOMÉ*

Apagaram-se bronze os círios que sonhara.  
Erguidos no seu Ser, sentidos-mausoléus.  
O palácio, no parque, era um olhar de Deus  
E as salas do palácio, os bailes que bailara.

Ela, taça caída em uma orgia infinda,  
Taça vencida de Alma em pálios afastados.  
Seu Corpo tinha sido algum dos seus bailados,  
E a sua própria Morte era um bailado ainda.

Eram as suas mãos rainhas em impérios  
Onde passavam reis com séquitos mistérios,  
Adagas de marfim erguidas noutras mãos.

Seu Corpo, cinto de oiro ao seu redor, dormindo,  
Um hálito de Deus sôbre missais caindo,  
Cinza de Alma rezando outros Jesus, pagãos.

*RECORDANDO*

Sinto as cores, de noite, terem medo  
E acolherem-se à sombra do teu luto.  
Eu fui um rei dos godos, que em Toledo  
O Tejo adormeceu e ainda escuto.

Cercam-se de oiro as salas que habitei,  
Oiro-cinza esquecido, oiro dormente.  
E em minha Alma, na qual inda sou rei  
Scismo tronos caindo lentamente.

Buscam-me pagens tristes nos caminhos.  
E a minha lenda em sonhos pergaminhos  
Vai escrevendo em silêncio o meu scismar.

São outros os domínios que vivi  
Todas as coisas que eu outrora vi  
Regressaram mistério ao meu olhar.

ANTE DEUS

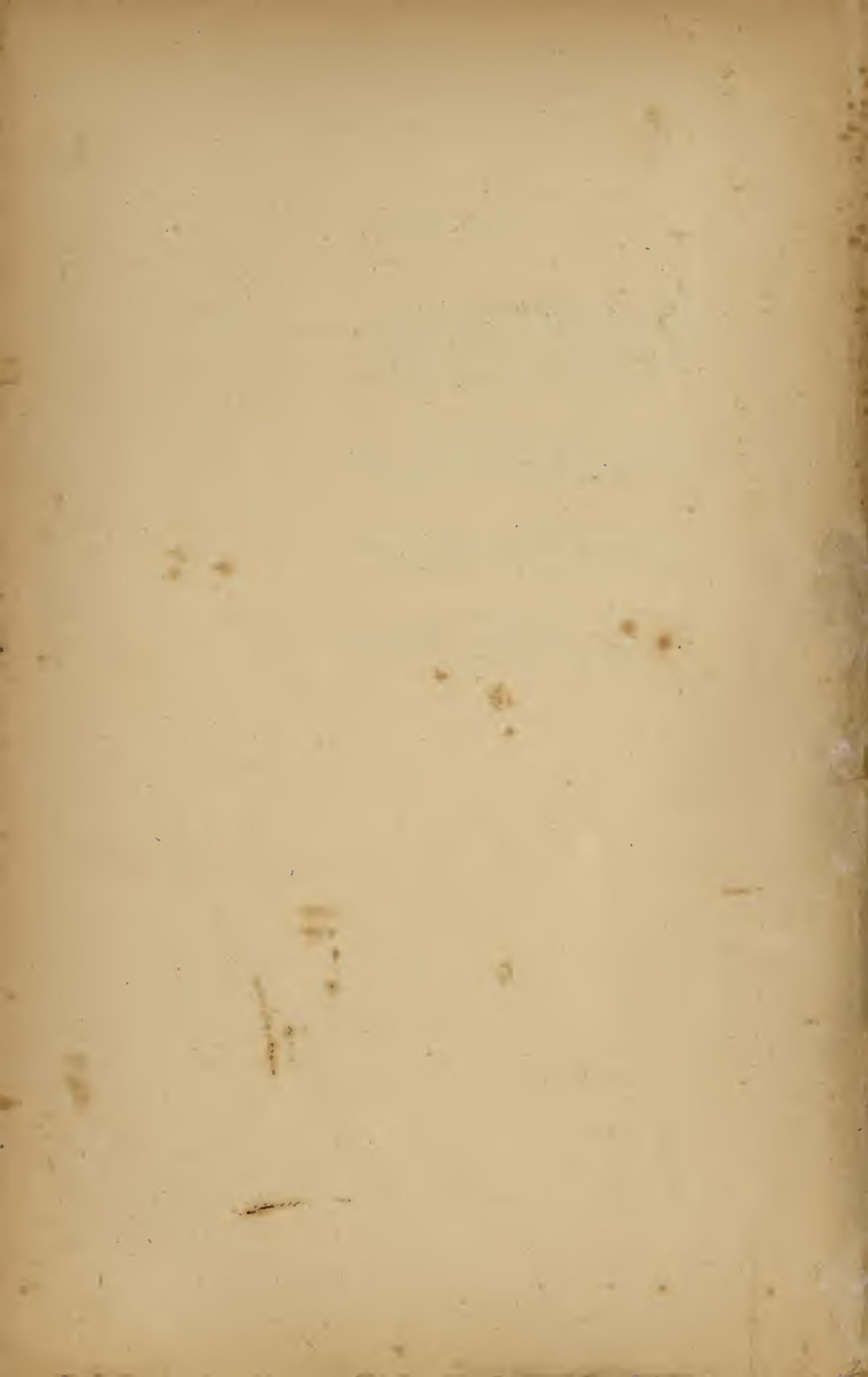
Quando te vi eu fui o teu voar  
E desci Deus p'ra me encontrar em mim.  
Voei-me sôbre pontes de marfim —  
E uma das pontes, Deus, em meu olhar!

Aureolei-me de oiro em sombra fria  
E meus vãos caíram destruídos.  
Foram dedos de Deus os meus sentidos.  
Meu Corpo andou ao colo de Maria.

Agora durmo Cristo em véus pagãos.  
São tapetes de Deus as minhas mãos.  
Regresso Ansia p'ra alcançar os céus.

Ergo-me mais. Sou o perfil da Dôr.  
Sôbre os ombros de Deus olho em redor  
E Deus não sabe qual de nós é Deus!

ALFREDO PEDRO GUISADO.

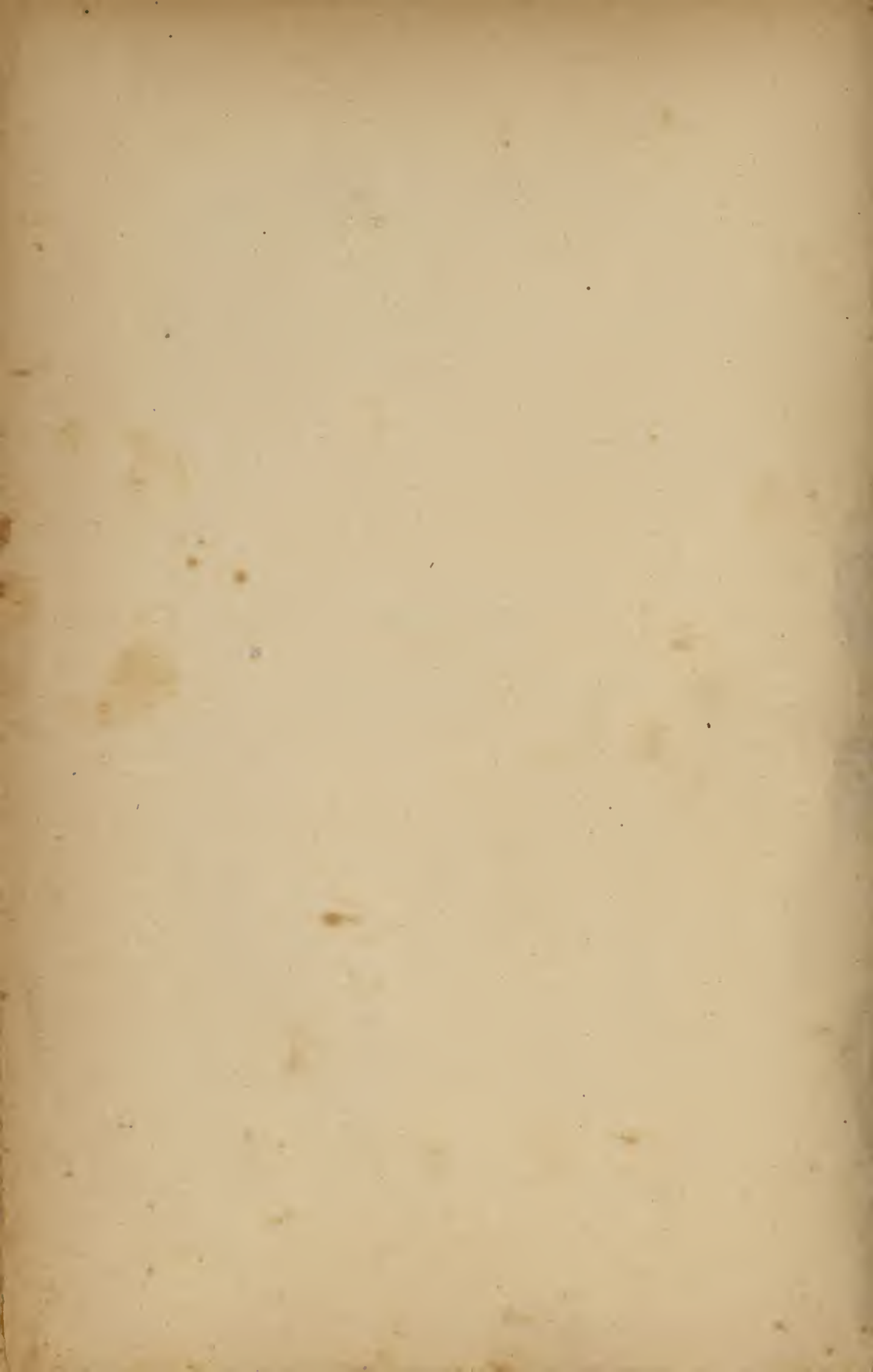




# FRIZOS

DO DESENHADOR

JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS



## CIUMES

Pierrot dorme sobre a relva junto ao lago. Os cisnes junto d'elle passam sêde, não n'ò acordem ao beber.

Uma andorinha travêssa, linda como todas, avôa brincando rente á relva e beija ao passar o nariz de Pierrot. Elle accorda e a andorinha, fugindo a muito, olha de medo atraz, não venha o Pierrot de zangado persegui-la pelos campos. E a andorinha perdia-se nos montes, mas, porque elle se queda, de nôvo volta em zig-zags travêssos e chilreios de troça. E chilreia de troça, muito alto, por cima d'elle. Pierrot já se adormecia, e a andorinha em descida que faz calafrios pousou-lhe no peito duas ginjas bicadas, e fugiu de nôvo.

De contente, ergueu-se sorrindo e de joelhos, braços erguidos, seus olhos foram tão longe, tão longe como a andorinha fugida nos montes.

De repente viu-se cego — os dedos finissimos da Colombina brincavam com elle. Desceu-lhe os dedos aos labios e trocou com beijos o arôma das palmas perfumadas. Depois dependurou-lhe de cada orelha uma ginja, á laia de brincos com joias de carmim. Rolaram-se na relva e uniram as boccas, e já se esqueciam de que as tinham juntas...

— Sabes? Uma andorinha...

E foram de enfiada as graças da ave toda paixão. Pierrot contava entusiasmado, olhando os montes ainda em busca da andorinha, e Colombina torceu o corpo numa dôr calada e tomou-lhe as mãos.

Havia na relva uma máscara branca de dôr, e a lua tinha nos olhos claros um olhar triste que dizia: Morreu Colombina!

## O ECHO

Tão tarde. Adão não vem? Aonde iria Adão?!

Talvez que fosse á caça; quer fazer surpresas com alguma côrça branca lá da floresta.

Era p'lo entardecer, e Eva já sentia cuidados por tantas demoras.

Foi chamar ao cimo dos rochedos, e uma voz de mulher tambem, tambem chamou Adão.

Teve mêdo: Mas julgando fantazia chamou de nôvo: Adão? E uma voz de mulher tambem, tambem chamou Adão.

Foi-se triste para a tenda.

Adão já tinha vindo e trouxera as settas todas, e a cáça era nenhuma!

E elle a saudá-la ameaçou-lhe um beijo e ella fugiu-lhe.

— Outra que não Ella chamára também por Elle.

## SÈVRES PARTIDO

A amazona negra era bella como o sol e triste como o luar, e ninguem acredita mas era pastora de galgas. Figura negra muito esguia, cypreste procurando vaga na margem do caminho.

Nas manhãs de Outomno, frias como os degraus do tanque, era Ella quem largava ás galgas a lebre cinzenta, e a que a filásse já sabia com quem dormia a sésta. E as galgas já nem dormiam bem noutra almofada.

Sobre a relva, na sombra arrendilhada das folhas amarellecidas dos plátanos onde os repuxos do tanque cuspiam lagrymas de vidro, a Amazona negra sonhava o seu Principe encantado e a galga do dia dormia quieta, estendido o focinho no ventre d'Ella.

Uma manhã mais turva as galgas todas voltaram tristes, de focinhos pendidos — e nenhuma para dormir a sésta!

Uma flauta triste vinha de viagem pelo caminho; chorava de seguida imensas canções de choros e tinha acompanhamentos funéreos de guisalhadas surdas.

Callou-se a flauta, um cypreste distante gemia baixinho as dôres da tatuagem que lhe iam abrindo no peito. O pastor lembrava ali o nome do seu Bem. Pendia-lhe da cinta uma lebre cinzenta e a funda torcida.

As galgas como settas deixaram nú o caminho. E as guisalhadas...

## MIMA FATAXA

Ella marcára-lhe na vespera aquelle rendez-vous no muro do cemiterio. De feito Elle tornara escrava de uma cigana a sua alma apaixonada de uma rainha loira senhora de todas as ciganas. Fôra d'Ella desde o dia em que, seguindo o ritmo acanhado das ancas desconjuntadas, ficou enfeitiçado por aquelles dentes brancos ferindo lume no collar de pederneiras. Sentiu desejos de morder aquelles labios ardendo vermêlhos incendios de beijos e as faces fumadas do lume d'aquella bocca. E estranhava o seu coração vencido pela monotonia dos berros das cantorias com acompanhamentos de urros de pandeiro. Enfeitiçara-o aquella vagabunda de olhos ardidos compondo as tranças nos fundos dos caldeirões de cobre onde durante o sol um tignano cigano consumia as horas em maçadôras marteladas. Encantára-o aquella feiticeira afiando as tranças nos labios molhados da saliva. E nas danças o tic-tac metalico das sandálias, matrâcas taga-

rélas a cantar nas lágens, tinha um telintar jovial; e os pulsos cingidos de guizos eram um concerto de amarellas canarios contentes da gaiola.

E mais bella do que nunca no chafariz real, de saias arregaçadas, a lavar as pernas da poeira das estradas e bellamente descomposta a enfiar as meias muito grossas, vermêlhas da côr das papoulas, e a dár um nó-cego num retorcido nastro branco muito negro á laia de liga muito acima do joelho... E tem graça que a sua morenez não era por via do sol, pois toda ella era queimada. Quem a visse trepar nas amoreiras e despi-las das amóras que lhe ensanguentavam os labios e as faces e os dedos sem cuidar no vento que lhe levanta as saias, teria tido como Elle um sorriso de desejos, iria como Elle fingir a sésta por debaixo da linda amoreira.

E na descida, co'a saia erguida á laia de cabaz, meio tonta, meio embriagada p'las amóras em demasia, vê-la-hia tão bella como em sonhos se desenha uma mulher para nós. E escarranchada no tronco deixava-se escorregar lentamente; mas teve subida forçada por via da haste que ficava em riba. Depois dependurou-se de um galho rijo, abriu as mãos e foi de vez chapar-se na relva. E de bruços, como uma cabra a espojar-se, começou de juntar os fructos espalhados. E os seus olhos de gata, de gata que brinca nos telhados vermêlhos com a lua branca, mais do que amóras colhiam.

## A SOMBRA

(TRADUCÇÃO DE UM POEMA DE UMA LINGUA DESCONHECIDA)

Foi ali que um dia senti desejos de partir tambem. Que ficava fazendo sósinha? Quem leva uma lança, leva a mulher tambem.

O seu chêle negro tem um segredo, e o seu mal de morte vem do mesmo dia.

Os annos correram sem nóvas algumas, e as môças finaram-se velhas, velhas de tanto esperar.

E todas as noites, na margem sombria, uma silhueta franzina de tragica sonambula vae seguindo, como um braço murcho de cypreste a boiar ao de cima da corrente que o vae levando-mansamente.

## A SÉSTA

Pierrot escondido por entre o amarello dos gyrossois espreita em cautela o somno d'ella dormindo na sombra da tangerineira. E ella não dorme, espreita tambem de olhos descidos, mentindo o sôno, as vestes brancas do Pierrot gatinhando silêncios por entre o amarello

dos gyrassois. E porque Elle se vem chegando perto, Ella mente ainda mais o sôno a mal-resonar.

Junto d'Elle, não teve mão em si e foi descer-lhe um beijo mudo na negra meia aberta arejando o pé pequenino. Depois os joelhos redondos e lizos, e já se debruçava por sobre os joelhos, a beijar-lhe o ventre descomposto, quando Ella acordou cansada de tanto sôno fingir.

E Elle ameaça fugida, e Ella furta-lhe a fuga nos braços nús estendidos.

E Ella, magoada dos remorsos de Pierrot, acaricia-lhe a fronte num grande perdão. E, feitas as pazes, ficou combinado que Ella dormisse outra vez.

### CANÇÃO DA SAUDADE

Se eu fosse cego amava toda a gente.

Não é por ti que dormes em meus braços que sinto amor. Eu amo a minha irmã gemea que nasceu sem vida, e amo-a a fantazia-la viva na minha idade.

Tu, meu amor, que nome é o teu? Dize onde vives, dize onde mórias, dize se vives ou se já nasceste.

Eu amo aquella mão branca dependurada da amurada da galé que partia em busca de outras galés perdidas em mares longissimos.

Eu amo um sorriso que julgo ter visto em luz do fim-do-dia por entre as gentes apressadas.

Eu amo aquellas mulheres formosas que indifferentes passaram a meu lado e nunca mais os meus olhos pararam nelas.

Eu amo os cemiterios — as lágens são espessas vidraças transparentes, e eu vejo deitadas em leitos floridos virgens núas, mulheres bellas rindo-se para mim.

Eu amo a noite, porque na luz fugida as silhuetas indecisas das mulheres são como as silhuetas indecisas das mulheres que vivem em meus sonhos. Eu amo a lua do lado que eu nunca vi.

Se eu fosse cego amava toda a gente.

### RUINAS

Pandeiros rôtos e côxas táças de crystal aos pés da muralha.

Heras como Romeus, Julietas as ameias. E o vento toca, em bandolins distantes, surdinas finas de princezas mortas.

Poeiras adormecidas, netas fidalgas de minuets de mãos esguias e de cabelleiras embranquecidas.

Aquellas ameias cingiram uma noite peccados sem fim; e ainda guardam os segredos dos mudos beijos de muitas noites. E a lua velhinha todas as noites réza a chorar: Era uma vez em tempo antigo um castello de nobres naquelle lugar... E a lua, a contar, pára um instante — tem mêdo do frio dos subterraneos.

Ouvem-se na sala que já nem existe, compassos de danças e rinzinhos de sêdas:

Aquellas ruínas são o tumulto sagrado de um beijo adormecido — cartas lacradas com ligas azues de fechos de oiro e armas reais e lizes.

Pobres velhinhas da côr do luar, sem terço nem nada, e sempre a rezar...

Noites de insonia com as galés no mar e a alma nas galés.

Archeiros amordaçados na noite em que o côche era de volta a palácio pela tapada d'El-rei. Grande caçada na floresta — galgos brancos e Amazonas negras. Cavalleiros vermêlhos e trombêtas de oiro no cimo dos outeiros em busca de dois que faltam.

Uma gondola, ao largo, e um pagem nas areias de lanterna erguida dizendo pela briza o aviso da noite.

O sapato d'Ella desatou-se nas areias, e fôram calça-lo nas furnas onde ninguem vê. Nas areias ficaram as pègadas de um par que se beija.

Notícias da guerra — choros lá dentro, e crêpes no braço. Ardem cirios, serpentinas. Ha mãos postas entre as flôres.

E a torre morêna canta, molenga, dôze vezes a mesma dôr.

## PRIMAVERA

O sol vae esmolando os campos com bôdos de oiro.

A pastorinha aquecida vae de corrida a mendigar a sombra do chorão corcunda, poeta romantico que tem paixão p'la fonte.

Espreita os campos, e os campos despovoados dão-lhe licença para ficar nua. Que leves arrepios ao refrescar-se nas aguas! Depois foi de vez, meteu-se no tanque e foi espojar-se na relva, a seccar-se ao sol. Mas o vento que vinha de lá das Azenhas-do-Mar, trazia peccados comsigo. Sentiu desejos de dar um beijo no filho do Senhor Morgado. E lembrou-se logo do beijo da horta no dia da feira. Fechou os olhos a cegar-se do mau pensamento, mas foi lembrar-se do proprio Senhor Morgado á meia noite ao entrar na adega. Abanou a fronte para lhe fugir o peccado, mas foi dar comsigo na sachristia a deixar o Senhor Prior beijar-lhe a mão, e depois a testa... porque Deus é bom e perdôa tudo... e depois as faces e depois a bocca e depois... fugiu... Não devia ter fugido... E agora o moleiro, lá no arraial, bailando com ella e sem querer, coitado, foi ter ao moinho ainda a bailar com ella. E lembra-se ainda — sentada na grande arca, e mãos alheias a desapertarem-lhe as ligas e o corpête, emquanto ouve a historia triste do moinho com cincoenta malfeitoses... Quer lembrar-se mais, que seja peccado! quer mais recordações do moinho, mas não encontra mais.

Ah! e o boieiro quando, a guiar a junta, topou com ella e lhe perguntou se vira por acâso uma borboleta branca a voar a muito, uma borboleta muito bonita! Que não, que não tinha visto; mas o

boieiro desconfiado foi procurando sempre, e até mesmo por debaixo dos vestidos.

Como desejava poder ir com todos!

Não sabe o que sente dentro de si que a importuna de bem estar. Teria a borbolêta branca fugido para dentro d'ella?

## TREVAS

De dia não se via nada, mas p'la tardinha já se apercebia gente que vinha de punhaes na mão, devagar, silenciosamente, nascendo dos pinheiros e morrendo nelles. E os punhaes não brilhavam: eram luzes distantes, eram guias de lençoes de linho escorridos de hombros franzinos. E a briza que vinha dava gestos de azas vencidas aos lençoes de linho, azas brancas de garças caídas por faunos caçadores. E o vento segredava por entre os pinheiros os mêdos que nasciam.

E vinha vindo a Noite por entre os pinheiros, e vinha descalça com pés de surdina por môr do barulho, de braços estendidos p'ra não topar com os troncos; e vinha vindo a noite céguinha como a lanterna que lhe pendia da cinta. E vinha a sonhar. As sombras ao vê-la esconderam os punhaes nos peitos vazios.

A lua é uma laranja d'ouro num prato azul do Egypto com perolas desirmanadas. E as silhuetas negras dos pinheiros embaloiçados na briza eram um bailado de estatuas de sonho em vitraes azues. Mãos ladras de sombra levaram a laranja, e o prato enlutou-se.

Por entre os pinheiros esgalgados, por entre os pinheiros entristecidos, havia gemidos da briza dos tumulos, havia surdinas de gritos distantes — e distantes os ouviam os pinheiros esgalgados, os pinheiros gigantes.

A briza fez-se gritos de pavões perseguidos. E as sombras em danças macabras fugiam fumo dos pinheiraes p'lo meu respirar.

Escondidas todas por detraz de todos os pinheiros, chocam-se nos ares os punhaes acêsos. Faz-se a fogueira e as bruxas em roda rezam a gritar ladainhas da Morte. Veem mais bruxas, trazem alfanfes e um caixão. Doem-me os cabellos, fecham-se-me os olhos e quatro anjos levam-me a alma... Mas a cigarra em algazarra de além do monte vem dizer-me que tudo dorme em silencio na escuridão.

Veiu a manhã e foi como de dia: não se via nada.

## CANÇÃO

A pastorinha morreu, todos estão a chorar. Ninguem a conhecia e todos estão a chorar.

A pastorinha morreu, morreu de seus amôres. Á beira do rio nasceu uma arvore e os braços da arvore abriram-se em cruz.



As suas mãos compridas já não acenam de além. Morreu a pastorinha e levou as mãos compridas.

Os seus olhos a rirem já não troçam de ninguém. Morreu a pastorinha e os seus olhos a rirem.

Morreu a pastorinha, está sem guia o rebanho. E o rebanho sem guia é o enterro da pastorinha.

Onde estão os seus amôres? Ha prendas para Lhe dar. Ninguém sabe se é Elle e ha prendas para Lhe dar.

Na outra margem do rio deu á praia uma santa que vinha das bandas do mar. Vestida de pastora p'ra se não fazer notar. De dia era uma santa, á noite era o luar.

A pastorinha em vida era uma linda pastorinha; a pastorinha mórtá é a Senhora dos Milagres.

### A TAÇA DE CHÁ

O luar desmaiava mais ainda uma máscara caída nas esteiras bordadas. E os bambús ao vento e os cysanthemos nos jardins e as garças no tanque, gemiam com elle a advinharem-lhe o fim. Em ródá tombávam-se adormecidos os idólos coloridos e os dragões alados. E a gueisha, procelana transparente como a casca de um ovo da Ibis, enrodilhou-se num labyrintho que nem os dragões dos deuses em dias de lagrymas. E os seus olhos rasgados, perolas de Nankim a desmaiar-se em agua, confundiam-se scintillantes no luzidio das procelanas.

Elle, num gesto ultimo, fechou-lhe os labios co'as pontas dos dedos, e disse a finar-se: — Chorar não é remedio; só te peço que não me atrações enquanto o meu corpo fôr quente. Deitou a cabeça nas esteiras e ficou. E Ella, num grito de garça, ergueu alto os braços a pedir o Ceu para Elle, e a saltitar foi pelos jardins a sacudir as mãos, que todos os que passavam olharam para Ella.

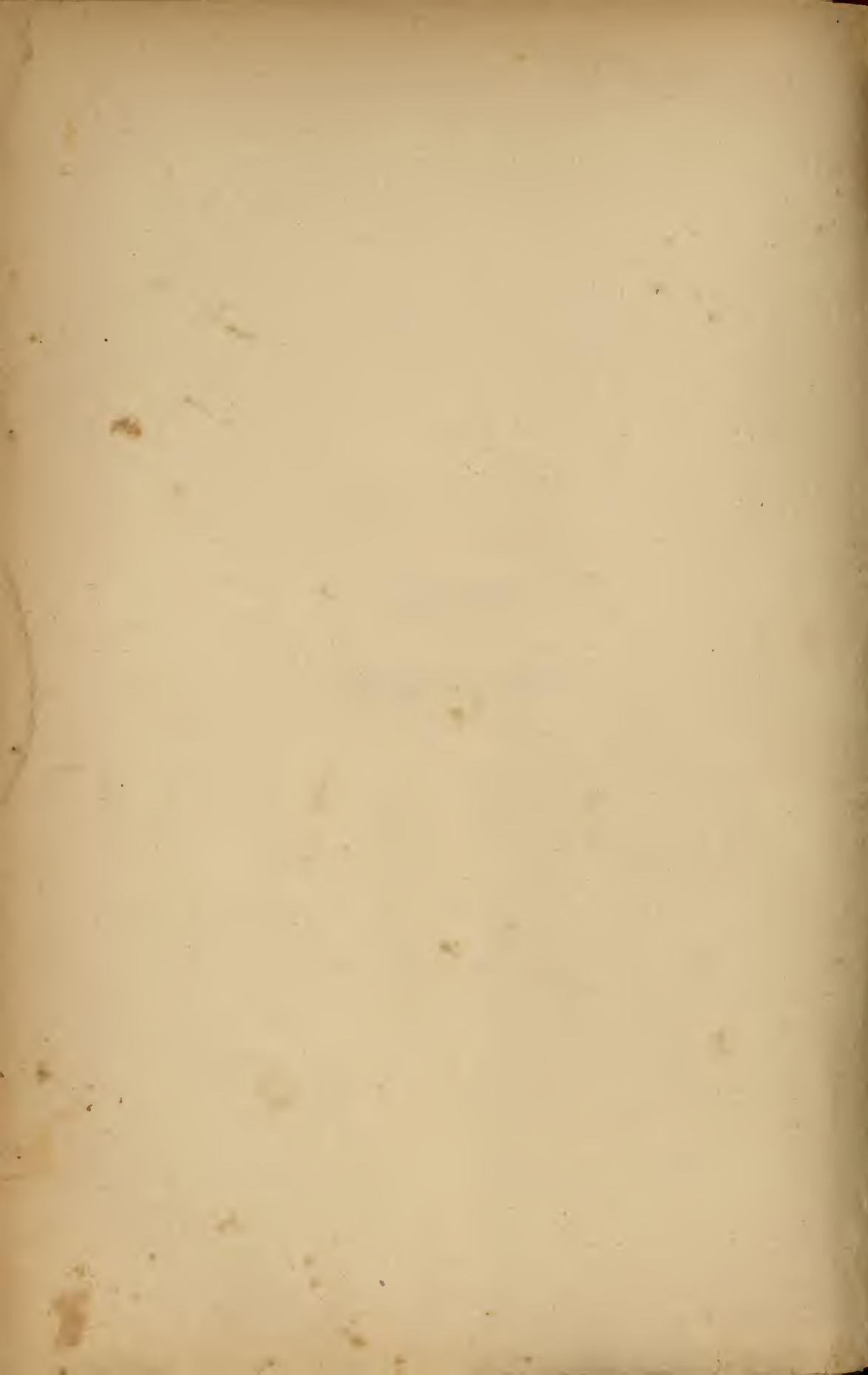
Pela manhã vinham os visinhos em bicos dos pés espreitar por entre os bambús, e todos viram acorada a gueisha abanando o morto com um leque de marfim.

A estampa do pires é igual.

JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS:



POEMAS  
DE  
CÔRTES-RODRIGUES



ABERTURA DO "LIVRO DA VIDA"

Transcendencias nublóticas, metaphysicas raras,  
Modelei a minha Obra com minhas mãos avaras.  
Litanias liturgicas de febre de paixão,  
Crepusculos de fogo ardendo em sentimento,  
Colúmnas de Além-Sonho, arcos de commoção,  
Claustros de Archi-Tristeza aonde o Pensamento  
Vive longe do mundo, em funda adoração...

Castello esguio  
Sobre o rio  
Do Amôr.  
Armei-me cavalleiro,  
Quebrou-se minha lança de guerreiro  
No combate da Dôr.

Architectonicas theorias de Belleza,  
Transfigurações, resurreições, e a Natureza  
No fundo longo, sensitivo da emoção,  
Bysantinos jardins onde a Tarde agonisa,  
Fluidicos aromas em mystica ascenção,  
Emanações d'Amor que a alma divinisa  
Em Alma de outra Alma — eterna communhão...

Praia tão desconhecida  
Do mar da vida vivida  
Onde o luar nunca vem,  
De onde a nau da minha Alma  
Parte pela noite calma  
A caminho do Além.

E eis a grande rota seguida em Mim sómente,  
P'ra que parta do mundo e chegue até aos céus,  
E onde Tu e Eu iremos lentamente  
Da Vida para Deus.

## POENTE

As minhas sensações — barcos sem velas —  
Erram de mim. Occaso rôxo. Scismo.  
Meus olhos de Não-ver-me são janellas  
Dando sobre o abysmo.

Abysmo d'Outro Ser. E a Hora chora  
Nostalgica de Si, mas eu de vê-las  
Erro de Ser-me, e a noite sem estrellas  
Apavora.

Delirio rôxo d'agonia. Prece.  
Poente feito noite. Ecuridão.  
Perturbo-me de mim em sensação  
E dentro em mim desfallece  
E anoitece  
A sombra do meu Ser na solidão  
Do dia que morreu  
E se perdeu  
E jámais amanhece.

Lisboa — 1914.

## AGONIA

Ergo meus olhos vagos na distancia  
Da sombra do meu Ser...  
Pairam de mim Além, e a minha Ansia  
Cança de me viver.

Meus olhos espectraes de comoção,  
Olhos de Alma olhando-se a Si,  
Nimbam de luz a longa escuridão  
Da Vida que vivi.

Auréola de Dôr que finalisa  
Na noite do abysmo do meu nada,  
Silencio, prece, communhão sagrada,  
Sonho de luz que em Ti me divinisa,  
Tortura do meu fim,  
Alma ungida  
E perdida  
Na grandeza de Si. E já sem ver-me,  
Maceração crepuscular de Mim,  
Agoniso de Ser-me.

*Lisboa — 1914.*

## SO

O mar da minha vida não tem longes.  
É tudo água só! E o horizonte  
Funde-se no céu. Por sobre a ponte  
Marcha sinistra a procissão dos monges.

Velas accêsas, opas, ladainha,  
E o rio deslizando para o mar,  
E e as raparigas veem á tardinha  
Buscar á fonte a água sem cantar.

Ermida branca sobre o monte.  
Nossa Senhora da Paz...

Peregrino voltei sem ser ouvido.  
Rasguei os meus pés pelo caminho ido.  
Ai, a calma de tudo quanto jaz  
No frio esquecimento! Sobre a ponte  
A procissão caminha. Sob o arco.  
Singrou sereno um barco  
A caminho do mar.  
Ó perdida visão da minha Ansia!  
Vejo-me só na lugubre distancia,  
Cadaver dos meus sonhos a boiar.

Lisboa — 1914-



## OUTRO

Passo triste no mundo, alheio ao mundo.  
Passo no mundo alheio, sem o ver,  
E, mystico, ideal e vagabundo,  
Sinto erguer-se minh'Alma do profundo  
Abysmo do meu Ser.

Vivo de Mim em Mim e para Mim  
E para Deus em Mím resuscitado.  
Sou Saudade do Longe d'onde vim,  
E sou Ansia do Longe em que por fim  
Serei transfigurado.

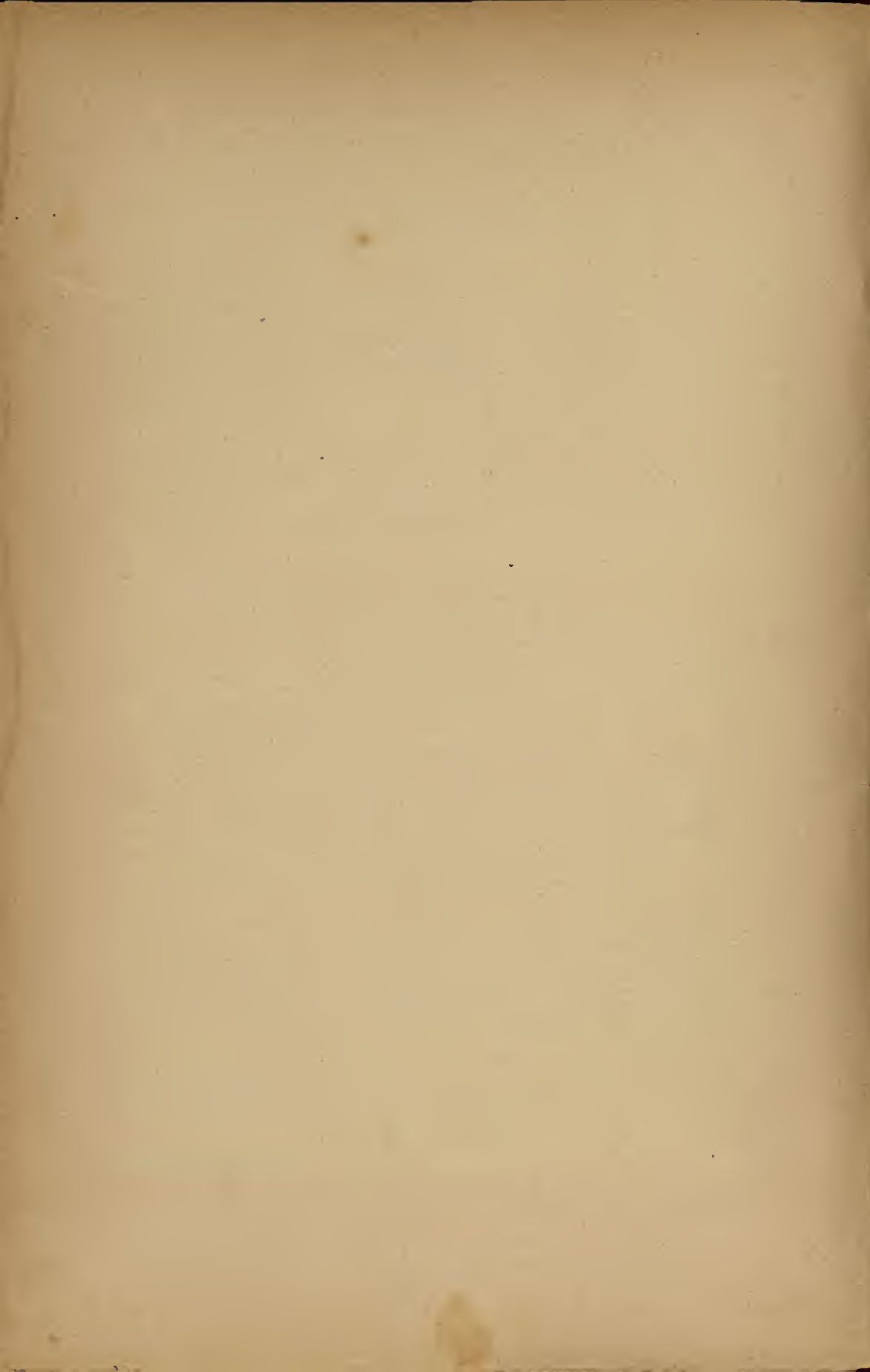
Vivo de Deus, em Deus e para Deus,  
E minh'Alma, somnambula esquecida,  
N'Elle fitando os tristes olhos seus,  
Passa triste e sósinha olhando os céus  
No caminho da Vida.

Fui Outro e, Outro sendo, Outro serei,  
Outro vivendo a mystica belleza  
Por esta humana fôrma que encarnei,  
Por lagrimas de sangue que chorei  
Na terra de tristeza.

Espirito na Dôr purificado,  
Ser que passa no mundo sem o ver,  
Em esta pobre terra de peccado  
Amor divino em Deus extasiado,  
O meu Ser é Não-Ser em Outro-Ser.

Lisboa — 1914.

CÔRTEZ-RODRIGUES.



OPIÁRIO  
E  
ODE TRIUNFAL  
DUAS COMPOSIÇÕES DE  
ALVARO DE CAMPOS  
PUBLICADAS POR  
FERNANDO PESSOA



## OPIÁRIO

AO SENHOR MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

É antes do ópio que a minh'alma é doente.  
Sentir a vida convalesce e estiôla  
E eu vou buscar ao ópio que consôla  
Um Oriente ao oriente do Oriente.

Esta vida de bórdo ha-de matar-me.  
São dias só de febre na cabêça  
E, por mais que procure até que adoêça,  
Já não encontro a móla pra adaptar-me.

Em paradoxo e incompetência astral  
Eu vivo a vincos d'ouro a minha vida,  
Onda onde o pundonôr é uma descida  
E os próprios gosos ganglios do meu mal.

É por um mecanismo de desastres,  
Uma engrenagem com volantes falsos,  
Que passo entre visões de cadafalsos  
Num jardim onde ha flores no ar, sem hastes.

Vou cambaleando através do lavôr  
Duma vida-interior de renda e láca.  
Tenho a impressão de ter em casa a fáca  
Com que foi degolado o Precursôr.

Ando expiando um crime numa mála,  
Que um avô meu cometeu por requinte.  
Tenho os nervos na fôrca, vinte a vinte,  
E caí no ópio como numa vála.

Ao toque adormecido da morfina  
Perco-me em transparências latejantes  
E numa noite cheia de brilhantes  
Ergue-se a lua como a minha Sina.

Eu, que fui sempre um mau estudante, agora  
Não faço mais que ver o navio ir  
Pelo canal de Suez a conduzir  
A minha vida, camfora na aurora.

Perdi os dias que já aproveitara.  
Trabalhei para ter só o cansaço  
Que é hoje em mim uma especie de braço  
Que ao meu pescôço me sufoca e ampara.

E fui criança como toda a gente.  
Nasci numa provincia portugûesa  
E tenho conhecido gente inglêsa  
Que diz que eu sei inglês perfeitamente.

Gostava de ter poêmas e novélas  
Publicados por Plon e no *Mercvre*,  
Mas é impossivel que esta vida dure.  
Se nesta viagem nem houve procélas !

A vida a bórdo é uma coisa triste  
Embora a gente se divirta ás vezes.  
Falo com alemães, suecos e inglêses  
E a minha mágoa de viver persiste.

Eu acho que não vale a pena ter  
Ido ao Oriente e visto a India e a China.  
A terra é semelhante e pequenina  
E ha só uma maneira de viver.

Porisso eu tomo ópio. É um remedio.  
Sou um convalescente do Momento.  
Móro no rés-do-chão do pensamento  
E ver passar a Vida faz-me tedio.

Fumo. Canso. Ah uma terra aonde, emfim,  
Muito a leste não fosse o oeste já !  
Pra que fui visitar a India que ha  
Se não ha India senão a alma em mim ?

Sou desgraçado por meu morgadío.  
Os ciganos roubaram minha Sorte.  
Talvez nem mesmo encontre ao pé da morte  
Um lugar que me abrigue do meu frio.

Eu fingi que estudei engenharia.  
Vivi na Escóssia. Visitei a Irlanda.  
Meu coração é uma avøzinha que anda  
Pedindo esmóla ás portas da Alegria.

Não chegues a Port-Said, navio de ferro!  
Volta á direita, nem eu sei para onde.  
Passo os dias no smoking-room com o conde —  
Um escroc francês, conde de fim de enterro.

Volto á Europa descontente, e em sortes  
De vir a ser um poeta sonambólico.  
Eu sou monarquico mas não católico  
E gostava de ser as coisas fortes.

Gostava de ter crenças e dinheiro,  
Ser varia gente insípida que vi.  
Hoje, afinal, não sou senão, aqui,  
Num navio qualquer um passageiro.

Não tenho personalidade alguma.  
É mais notado que eu êsse criado  
De bórdo que tem um belo modo alçado  
De *laird* escossez ha dias em jejum.

Não posso estar em parte alguma. A minha  
Patria é onde não estou. Sou doente e fraco.  
O comissário de bórdo é velhaco.  
Viu-me co'a sueca... e o resto êle adivinha.

Um dia faço escândalo cá a bórdo,  
Só para dar que falar de mim aos mais.  
Não posso com a vida, e acho fatais  
As iras com que ás vezes me debórdo.

Levo o dia a fumar, a beber coisas,  
Drogas americanas que entontecem,  
E eu já tão bêbado sem nada! Dêsem  
Melhor cérebro aos meus nervos como rosas.

Escrevo estas linhas. Parece impossível  
Que mesmo ao ter talento eu mal o sinta!  
O facto é que esta vida é uma quinta  
Onde se aborrece uma alma sensível.

Os inglêses são feitos pra existir.  
Não ha gente como esta pra estar feita  
Com a Tranquilidade. A gente deita  
Um vintém e sai um dêles a sorrir.

Pertenço a um genero de portugêses  
Que depois de estar a India descoberta  
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.  
Tenho pensado nisto muitas vêzes.

Leve o diabo a vida e a gente tê-la!  
Nem leio o livro á minha cabeceira.  
Enoja-me o Oriente. É uma esteira  
Que a gente enrôla e deixa de ser bêla.

Caio no ópio por força. Lá querer  
Que eu leve a limpo uma vida destas  
Não se pode exigir. Almas honestas  
Com horas pra dormir e pra comer,

Que um raio as parta! E isto afinal é inveja.  
Porque estes nêrvos são a minha morte.  
Não haver um navio que me transporte  
Para onde eu nada queira que o não vêja!

Ora! Eu cansava-me do mesmo modo.  
Qu'ria outro ópio mais forte pra ir de ali  
Para sonhos que dessem cabo de mim  
E pregassem comigo nalgum lôdo.

Febre! Se isto que tenho não é febre,  
Não sei como é que se tem febre e sente.  
O facto essencial é que estou doente.  
Está corrida, amigos, esta lebre.

Veio a noite. Tocou já a primeira  
Corneta, pra vestir para o jantar.  
Vida social por cima! Isso! E marchar  
Até que a gente saia pla coleira!



Porque isto acaba mal e ha-de haver  
(Olá!) sangue e um revólver lá pró fim  
Dêste desassossego que ha em mim  
E não ha forma de se resolver.

E quem me olhar, ha-de me achar banal,  
A mim e á minha vida... Ora! um rapaz...  
O meu proprio monóculo me faz  
Pertencer a um tipo universal.

Ah quanta alma haverá, que ande metida  
Assim como eu na Linha, e como eu mística!  
Quantos sob a casaca caraterística  
Não terão como eu o horrôr á vida?

Se ao menos eu por fóra fôsse tão  
Interessante como sou por dentro!  
Vou no Maelstrom, cada vês mais pró centro.  
Não fazer nada é a minha perdição.

Um inutil. Mas é tão justo sê-lo!  
Pudesse a gente despresar os outros  
E, ainda que co'os cotovêlos rôtos,  
Ser heroi, doido, amaldiçoado ou bêlo!

Tenho vontade de levar as mãos  
Á bôca e morder nélas fundo e a mal.  
Era uma ocupação original  
E distraía os outros, os tais sãos.

O absurdo como uma flôr da tal India  
Que não vim encontrar na India, nasce  
No meu cérebro farto de cansar-se.  
A minha vida mude-a Deus ou finde-a...

Deixe-me estar aqui, nesta cadeira,  
Até virem meter-me no caixão.  
Nasci pra mandarim de condição,  
Mas faltam-me o sossego, o chá e a esteira.

Ah que bom que era ir daqui de caída  
Prá cova por um alçapão de estouro!  
A vida sabe-me a tabaco louro.  
Nunca fiz mais do que fumar a vida.

E afinal o que quero é fé, é calma,  
E não ter estas sensações confusas.  
Deus que acabe com isto! Abra as eclusas —  
E basta de comedias na minh'alma!

*1914, Março.  
No canal de Sués, a bordo.*

## ODE TRIUNFAL

Á dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo.  
Escrevo rangendo os dentes, féra para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, *r-r-r-r-r-r* eterno!  
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!  
Em fúria fóra e dentro de mim,  
Por todos os meus nervos dissecados fóra,  
Por todas as papilas fóra de tudo com que eu sinto!  
Tenho os lábios sêcos, ó grandes ruídos modernos,  
De vos ouvir demasiadamente de perto,  
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso  
De expressão de todas as minhas sensações,  
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical —  
Grandes trópicos humanos de ferro e fôgo e fôrça —  
Canto, e canto o presente, e tambem o passado e o futuro,  
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro  
E há Platão e Vergilio dentro das máquinas e das luzes eléctricas  
Só porque houve outróra e fôram humanos Vergilio e Platão,  
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cincoenta,  
Átomos que hão de ir ter febre para'o cérebro do Ésquilo do século  
cem,  
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por  
estes volantes,  
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,  
Fazendo me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!  
Ser completo como uma máquina!  
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modêlo!  
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento  
 A todos os perfumes de ólios e calores e carvões  
 Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!  
 Promiscua fúria de ser parte-agente  
 Do rodar férreo e cosmopolita  
 Dos comboios estrénuos,  
 Da faina transportadora-de-cargas dos navios,  
 Do giro lúbrico e lento dos guindastes,  
 Do tumulto disciplinado das fábricas,  
 E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas  
 Entre maquinismos e afazêres úteis!  
 Grandes cidades paradas nos cafés,  
 Nos cafés — oásis de inutilidades ruidosas  
 Onde se cristalisam e se precipitam  
 Os rumores e os gestos do Útil  
 E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do Progressivo!  
 Nova Minervá sem-alma dos cais e das gares!  
 Novos entusiasmos de estatura do Momento!  
 Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,  
 Ou a sêco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!  
 Actividade internacional, transatlantica, *Canadian-Pacific!*  
 Luzes e febris pêrdas de tempo nos bares, nos hoteis,  
 Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,  
 E Piccadillies e Avenues de l'Opéra que entram  
 Pela minh'alma dentro!

Hé-la as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô *la foule!*  
 Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!  
 Comerciantes; vadios; escrocs exageradamente bem-vestidos;  
 Membros evidentes de clubs aristocráticos;  
 Esquálidas figuras dúbias; chefes de familia vagamente felizes  
 E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colête  
 De algibeira a algibeira!  
 Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!  
 Presença demasiadamente acentuada das cocottes;  
 Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)  
 Das burguezinhas, mãe e filha geralmente,  
 Que andam na rua com um fim qualquer;  
 A graça feminina e falsa dos pederastas que passam, lentos;  
 E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra  
 E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o *souteneur* disto tudo !)

A maravilhosa belesa das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o comêta dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus  
Usuais e lúcidos da Civilisação quotidiana !

Noticias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente sinceros,  
Noticias *passez à-la-caisse*, grandes crimes —  
Duas colunas dêles passando para a segunda página !  
O cheiro frêsko a tinta de tipografia !  
Os cartazes postos ha pouco, molhados !  
*Vients-de-paraitre* amarelos com uma cinta branca !  
Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,  
Como eu vos amo de todas as maneiras,  
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto  
E com o tacto (o que palpar-vos representa para mim !)  
E com a intelligência como uma antena que fazeis vibrar !  
Ah, como todos os meus sentidos teem cio de vós !

Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura !  
Química agrícola, e o comércio quase uma sciência !  
O' mostruários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios !

Ó fazendas nas montras ! ó manequins ! ó últimos figurinos !  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar !  
Olá grandes armazens com várias secções !  
Olá anúncios eléctricos que veem e estão e desaparecem !  
Olá tudo com que hoje se constroi, com que hoje se é diferente de  
ontem !

Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos !  
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos !  
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos !

Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.  
Amo-vos carnivoramente,  
Pervertidamente e enroscando a minha vista  
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,  
Ó coisas todas modernas,  
Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima

Do sistema imediato do Universo!  
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó *music-halls*, ó Luna-Parks,  
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —  
Na minha mente turbulenta e encandescida  
Possúo-vos como a uma mulher bela,  
Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não se ama,  
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!  
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edificios!  
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!  
Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,  
Orçamentos falsificados!  
(Um orçamento é tão natural como uma árvore  
E um parlamento tão belo como uma borboleta).

Eh lá o interesse por tudo na vida,  
Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras  
Até á noite ponte misteriosa entre os astros  
E o mar antigo e solene, lavando as costas  
E sendo misericordiosamente o mesmo  
Que era quando Platão era realmente Platão  
Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,  
E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dêle.

Eu podia morrer triturado por um motor  
Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.  
Atirem-me para dentro das fornalhas!  
Metam-me debaixo dos comboios!  
Espanquem-me a bordo de navios!  
Masóquismo através de maquinismos!  
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

Up-lá hô jockey que ganhaste o Derby,  
Morder entre dentes o teu *cap* de duas côres!

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!  
Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!  
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas,

E ser levantado da rua cheio de sangue  
Sem ninguém saber quem eu sou!

Ó tramways, funiculares, metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,  
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,  
Rio multicolor anónimo e onde eu não me posso banhar como queria!  
Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!  
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,  
As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,  
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto  
E os gestos que faz quando ninguém o pode ver!  
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,  
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome  
Me põe a magro o rôsto e me agita às vezes as mãos  
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas  
Nas ruas cheias de encontrões!

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,  
Que emprega palavões como palavras usuais,  
Cujos filhos roubam às portas das mercearias  
E cujas filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —  
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.  
A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa  
Por vielas quase irreais de estreitesa e podridão.  
Maravilhosa gente humana que vive como os cães,  
Que está abaixo de todos os sistemas morais,  
Para quem nenhuma religião foi feita,  
Nenhuma arte criada,  
Nenhuma política destinada para eles!  
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,  
Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,  
Inatingíveis por todos os progressos,  
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!

(Na nora do quintal da minha casa  
O burro anda à roda, anda à roda,  
É o mistério do mundo é do tamanho disto.  
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.  
A luz do sol abafa o silêncio das esferas  
E havemos todos de morrer,  
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,  
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa  
Do que eu sou hoje...)

Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!  
 Outra vez a obsessão movimentada dos ómnibus.  
 E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de todos  
 os comboios

De todas as partes do mundo,  
 De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,  
 Que a estas horas estão levantando ferro ou afastando-se das docas.  
 O' ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!  
 O' cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

Eh-lá grandes desastres de comboios!  
 Eh-lá desabamentos de galerias de minas!  
 Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!  
 Eh-lá hõ revoluções aqui, ali, acolá,  
 Alterações de constituições; guerras, tratados, invasões,  
 Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,  
 A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,  
 E outro Sol no novo Horizõte!

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto  
 Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,  
 Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?  
 Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,  
 O Momento de tronco nú e quente como um fogueiro,  
 O momento estridentemente ruidoso e mecânico,  
 O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes  
 Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
 Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
 Instrumentos de precisão, aparelhos de triturar, de cavar,  
 Engenhos, brocas, máquinas rotativas!  
 Eia! eia! eia!  
 Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!  
 Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!  
 Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!  
 Eia todo o passado dentro do presente!  
 Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!  
 Eia! eia! eia!  
 Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!  
 Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!  
 Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.  
 Engatam-me em todos os comboios.  
 Içam-me em todos os cais.  
 Giro dentro das hélices de todos os navios.  
 Eia! eia-hô! eia!  
 Eia! sou o calor-mecânico e a electricidade!



Eia! e os *rails* e as casas de máquinas e a Europa!  
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup lá, hup lá, hup-lá-hô, hup-lá!  
Hé-há! Hé-hô! Ho-o-o-o-o!  
Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

*Londres, 1914 — Junho.*

ALVARO DE CAMPOS.

Dum livro chamado *Arco de Triunfo*, a publicar.



ORPHEU

2



# "ORPHEU"

REVISTA TRIMESTRAL DE LITERATURA

---

Propriedade de: ORPHEU, L.<sup>da</sup>

Editor: ANTONIO FERRO

---

DIRECTORES

**Fernando Pessôa**

**Mario de Sá-Carneiro**

---

ANO I — 1915

N.º 2

Abril-Maio-Junho

---

## SUMÁRIO

ANGELO DE LIMA	<i>Poemas Inéditos</i>
MARIO DE SÁ-CARNEIRO	<i>Poemas sem Suporte</i>
EDUARDO GUIMARAENS	<i>Poemas</i>
RAUL LEAL	<i>Atelier</i> (novela vertígica)
VIOLANTE DE CYSNEIROS (?)	<i>Poemas</i>
ALVARO DE CAMPOS	<i>Ode Marítima</i>
LUÍS DE MONTALVÔR	<i>Narciso</i> (poema)
FERNANDO PESSÔA	<i>Chuva oblíqua</i> (poemas interseccionistas)

Colaboração especial do futurista

**SANTA RITA PINTOR**

(4 hors-texte duplos)

---

Redacção: 190, Rua do Ouro — Livraria Brasileira.

Officinas: Tipografia do Comercio, 10, Rua da Oliveira, ao Carmo — Telefone 2724

LISBOA

“Orpheu” iniciará na *rentrée* uma longa série de conferencias de afirmação, sendo as primeiras as seguintes:

A Torre Eiffel e o Genio do Futurismo, por *Santa Rita Pintor*.

“ A Arte e a Heraldica, pelo pintor *Manuel Jardim*.

Teatro Futurista no Espaço, pelo *Dr. Raul Leal*.

As Esfinges e os Guindastes: estudo do bi-metalismo psicologico, por *Mario de Sá-Carneiro*.

---

## SERVIÇO DA REDACÇÃO

Varias razões, tanto de ordem administrativa, como referentes á assunção de responsabilidades literarias perante o publico, levaram o *comité* redactorial de *ORPHEU* a achar preferivel que a direcção da revista fôsse assumida pelos actuais directores, não envolvendo tal determinação a minima discordancia com o nosso camarada Luis de Montalvôr, cuja colaboração, aliás, ilustra o presente numero.

De principio, concordara o *comité* redactorial de *ORPHEU* em não inserir colaboração artistica: por isso mesmo se adoptou uma capa que o era, brilhante composição do architecto José Pacheco. Posteriormente á saída do primeiro numero, julgou, porém, o mesmo *comité* que seria interessante inserir em cada numero desenhos ou quadros de **um** colaborador, em vista do que decidiu **fixar** a

capa, tirando-lhe o caracter artistico e dando-lhe um simples e normal aspecto tipografico. A realisacão desta parte do nosso programa começa no numero actual com a inserção dos quatro definitivos trabalhos futuristas de Santa Rita Pintor.

❖❖❖ O *Manifesto da Nova Literatura*, que havia sido anunciado como devendo fazer parte do n.º 2 de *ORPHEU*, não é nêle inserto nem o acompanha. E' motivo disto a circumstancia de que, envolvendo a confecção dêsse manifesto o desenvolvimento de principios de ordem altamente scientifica e abstracta, êle não pôde ficar concluido a tempo de ser inserto. Ou aparecerá com o 3.º numero da revista, ou mesmo antes, talvez, em opusculo ou folheto separado.

❖❖❖ O 3.º numero de *ORPHEU* será publicado em outubro, com o atraso dum mês, portanto — para que a sua acção não seja prejudicada pela época-morta.

❖❖❖ Os *hors texte* de Santa Rita Pintor insertos no presente numero foram fotografavados nos *ateliers* da *Ilustradora* segundo clichés de

## BARROS & GALAMAS

146, Rua da Palma — LISBOA

---

### CONDIÇÕES

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos Directores.

Convidamos todos os Artistas cuja simpatia esteja com a indole desta Revista a enviarem-nos colaboração. No caso de não ser inserta devolveremos os originais.

São nossos depositarios em Portugal os srs. Monteiro & C.ª, Livraria Brasileira — 190 e 192, Rua Aurea, Lisboa.

*ORPHEU* publicará um numero incerto de paginas, nunca inferior a 72, ao preço invariavel de 30 centavos o numero avulso, em Portugal, e 17500 réis fracos no Brazil.

---

### ASSINATURAS

(Ao ano — Série de 4 numeros)

Portugal, Espanha e Colonias portuguesas..	1 escudo
Brazil .....	57000 réis (moeda fraca)
União Postal .....	6 francos

Livraria Brasileira de MONTEIRO & C.<sup>ia</sup> — Editores

190 e 192, RUA AUREA — LISBOA

---

Acaba de aparecer :

# CÉU EM FOGO

NOVELAS POR

MARIO DE SÁ-CARNEIRO

---

A GRANDE SOMBRA — MISTÉRIO  
O HOMEM DOS SONHOS — ASAS — EU-PRÓPRIO O OUTRO  
A ESTRANHA MORTE DO PROF. ANTENA  
O FIXADOR DE INSTANTES — RESSURREIÇÃO

---

1 VOLUME DE 350 PAGINAS

---

CAPA DESENHADA POR

JOSÉ PACHECO

---

Preço 70 centavos



POEMAS INÉDITOS

DE

ANGELO DE LIMA



CANTICO — SEMI-RAMI

— Oh! Noute em Teu Amor Silenciosa!  
— Oh! Estrellas na Noute, Scintillantes,  
Como Ideaes e Virginaes Amantes!...  
— Oh! Memoria de Amor Religiosa!...

— Já Fui... uma Creança Pubescente  
Que des'brocha em Amor Inconsciente  
Como n'um Vago Sonho... Commovente  
Desabrocha uma Rosa Olorescente  
— A Adolescente... Casta e Curiosa!

— E já Fui... a Galante com Requite  
Para dar-me, Esquivando-me em Acinte  
De P'rigos da Ventura Cyspresinte  
— Sensitiva... Ao Brisar, do Sol Oriente...  
— A Nubente... Temente e Desejosa!

— E já Fui... a Noivada pelo Amante,  
A Cingida de Abraço Palpitante,  
Anxe do Sacrificio Inebriante!  
— A Flôr que Quebra o Gyneceu... Hiante,  
— A Desvirgada... Grata e Dolorosa!

— Oh! Memoria de Amor Religiosa!  
— Oh! Estrellas, na Noute, Scintillantes  
Como Ideaes e Virginaes Amantes...  
— Oh! Noute em Teu Amor... Silenciosa!

Já Fui... como a Senhora, sim, durante  
Uns Tempos de Ventura Confortante  
Nos Confortos de um Lar... Hoje Distante...  
— Como Dista, da Noute, um Paço Encante...  
Já Fui... uma Matrona Virtuosa!...

E já Fui... a Devota pelo Amor,  
A Adulterin... que Trahe o seu Senhor!...

E a que sentiu Doer o Coração  
Ao Fim de Tanta e Cada uma Vez  
Por cada Intento só Colhêr Revez  
Nas Esp'ranças da Sua Devoção!...

Oh! Noute! em Teu Amor Silenciosa!  
Oh! Estrellas, na Noute, Scintillantes  
Como Ideaes e Virginaes Amantes...  
Oh! Memoria de Amor Religiosa!

.....

E se Ha de Amor, algum Amor Eleito,  
Aquella Tambem Fui, que Ninguem Fôsse,  
Que, n'um Mysterio, como o Inferno, Doce,  
Amei a Minha Filha, no seu Leito...

Sim, se Ha de Amor algum Amor Eleito,  
Minhas Irmãs, Cingi-me ao Vosso Peito  
E Ouvi-Me esta Memoria Dolorosa...

Já Fui Aquella que Perdeu a Esp'rança,  
E Errou Espasma Noutes sem Terminio,  
Entre a Treva das Selvas Pavorosa,  
Anxe em busca de Amantes do Destino...

—E A que Lembrou os Tempos de Creança!...

—E já Fui como a Sombra da Saudade  
Amando a Lua, pela Immensidade!

— Oh Noute! em Teu Amor, Silenciosa!

— Oh Estrellas, na Noute, Scintillantes

Como Ideaes e Virginaes Amantes!

— Oh Memoria de Amor, Religiosa!...

### NEITHA-KRI

O' Noute Immensa pela Immensidão!  
Recebe em Ti a minha Confissão.  
Eu Nunca disse ao Verdadeiro, Não!  
Nem devoro em Remorso o Coração!...

Sou a Grande Rainha Neitha-Kri...  
 Sou Devota da Noute Pensadora...  
 E Neith é grande, pelos Ceus Senhora...  
 E Eu, Sua Filha, Sou Nofrei-Ari!...

Meu Irmão era o Rei Mentha-Suf'reh!...  
 — E Morreu Enlevado em Sonho Ideal  
 D'um Phyltro que Eu lhe dei para tomar!...  
 — Mentha-Suf'reh não Conheceu o Mal  
 — E o Destino Elegeu-me p'ra Reinhar  
 Sobre os Milagres do Paiz d'Esneh!...

— Sou a Grande Rainha Neitha-Kri!  
 — Sou Devota da Noute Pensadora  
 — E Neith é Grande! pelos Ceus Senhora!  
 — Sou a Rainha!... Sou Nofrei-Ari!...

— No meu Corpo Divino e Perfumado  
 Tenho a Carne Côr Mate da Belleza  
 Que é Amarella de Côr e Delicada,  
 Da Côr Loura da Chamma Incendiada...  
 — Tenho o Porte das Damas da Nobreza  
 Nas Formas do Meu Corpo Consagrado!...

— A Thiara Suprema que Investi  
 Coroa a Minha Fronte Sobranceira,  
 Real, Sagrada, Mystice, Altaneira...  
 — E Então — ó Neith — sou Divina em Ti!...

Na Sombra d'Esta C'roa dos Thanitas  
 Palpitam-me no Seio Delicado  
 Anceios de Desejos Escondidos,  
 Mystériosos, quasi Indefinidos,  
 Mesmo ao Saber do Meu Olhar Velado  
 — Que tu, ó Noute! em Teu Amor Excitas...

O Peitoral Sagrado da Magia  
 Repousa nos seus Ouros Esmaltados,  
 Frio sobre os meus Seios Excitados,  
 Como tacite, Oraculo, do Dia...

— Sob o Pê-chênte Cintural Pendente  
 Sobre o Vigor suavemente Curvo  
 Das minhas Côxas no meu star de Hyerata  
 Que Antros Ardentes e que, Amor, Dilata  
 De um Ardor Fulguroso... porque Turvo...  
 De que Immanencia... de que Immanescente?...

— O' Noute minha Mãe na Immensidão!  
 — O' Noute Grande, pelos Céus Senhora...

- Scintil d'Estrellas n'Essa Solidão...  
 — Eu, Sobre a Terra, Sou a Vencedora!...
- Erguida nas Sandalias Encurvadas  
 Sou de Pé ante Ti, ó Verdadeira!  
 Dama da Vida, pelo Amor Ungida...  
 Senhora Principal... Dama da Vida!  
 Eu, Tua Padre-Mãe! — a Derradeira...  
 — Entre as Vagas de Incenso a Ti Votadas...
- Meu Olhar é Fulguro docemente,  
 Como se n'este Espelho da Verdade  
 Da minha Alma Polytica de Rei,  
 — N'Aquella Presciencia com que Sei  
 — Se Reflectisse a Minha Lealdade  
 — Ou a Luz d'Algum Astro Transcendente...
- E os meus Braços Frementes Alongados,  
 Cingidos nos Anilos Rictuaes,  
 Têm na Mão o Seter dos Grandes Paes  
 Como as Chaves dos Sellos Reservados...
- Sou mais Sabia que os Sabios — Eu emfim  
 — Eu que Sei o Segredo Consagrado  
 Das Filtragens do Lotus Divinal  
 Que Floresce em o Rio de Occidente  
 E que Evoccam o Sonho Absorvente  
 Em que Esquecem — a par da Dor do Mal —  
 Os Estrangeiros, o seu Lar Deixado...  
 — Que Encontram outro Lar juncto de Mim...
- Meu olhar é Fulguro docemente  
 Em Profunda Dulcissima Certeza  
 Como as Astres do Ceu Immanescente...  
 E Mãe — ó Neith-eu! ó mais que Pura!  
 — Como as Estrellas d'um Fulgor Fremente...  
 — Sou a Ventura Filha da Tristeza  
 D'Esse Teu Medictar Saudosamente...
- E assim como os Astros Fascinantes  
 Geram Fatas as Horas dos Instantes,  
 — Meu Amor — o Sem Fim — gera a Loucura!

NINIVE

- Alem Foi — a Ninive da Piedade,  
A Cidade do Lucto Singular  
E a Sepultura da Semi-Rami...
- E Hoje... stá por Ali, Vaga, a Saudade...
- E anda no Ceu Supremo a Eterna Istar...
- E... Passa, ás Vezes, a Serpente... — Ali!...



- Na Camara Longinqua e Silenciosa  
Da Sepultura da Semi-Rami...
- Relegada da Vida Gloriosa
- Na Paz Final da Morte Mysterosa
  - Fria e Saudosa
  - Dorme a Semi!...
- Morreu na Guerra em um Paiz Distante...
- Na Expedição Fatal em que Morreram  
Trez Milhões de Soldados... — e ainda Mais...
- E os Guardas d'A Que Fôra a Triumphante
- Fieis..., os Seus Cem Guardas Immortaes...
- Na Piedade Final do Ultimo Preito  
Denotando os Seus Corpos Vigorosos
- Mantendo sobre os Hombros Pressurosos  
O Feretro Sagrado da Semi...
- Por Caminhos Infindos Escabrosos  
Em Terras de Inimigos... e Chacaes...
- Por Soes de Fogo... — Vastos Areaes...
- E Pavôres Sacros de Paiz Levante...
- Trouxeram Seu Cadaver do Distante
  - E Inhumaram-A Alli...
- Fria e Saudosa!...
- Na Camara Longinqua e Silenciosa  
Da Sepultura da Semi-Rami!...

.....?.....

- Eras... nos Tempos... Antes da Edade...
- Teu Gesto Gloro Gerou a Vida!...
- E Apoz Teu Gesto...
- Supremo... Immesto...
- Grande e Tacida...
- Depoz... E' a Noute na Immensidade!...



- É a Mãe do Rei do Reino Sul-Occaso
- Disse a Mu-Ang — Alguma Vez, Accaso...
- Olha a Nuvem no Céu... e como Corre!...
- Assim as Horas da Ventura Minha...
- Quem Tem Filhos na Terra — Esse Não Morre!...
- Despozae — Se Sois Rei — uma Rainha
- Que E' Tanto como Vós Pela Grandeza...
- É... Depois... de Espozardes a Belleza
- Podeis Seguir Então Vossa Encaminha!...
- .....
- E o Rei Mu-An' disse á Rainha, Então...
- Junto de Vós... Enlevo-me de Encanto...
- Longe, Porém, do Meu Paiz — Ha tanto, —
- Que Nem, Meus Reinos, Já Eu Sei se São...
- Volto ao Meu Reino... n'Esta Dôr Tamanha...
- Seja — A da Mãe do Rei — Esta Montanha
- Onde Alastra Este Bosque de Arvoredo
- Junto ao Lago... em que Estamos... em Adeus!...
- O' Mãe do Rei... Vós M'Enlevaes nos Céus
- Mas o Meu Coração Soffre em Segrêdo!...
- .....



- Quantos... desde Chu-Si a Kuan-Su
- Filhos do Céu nas Filhas do Kiang
- Consagraram no Throno dos Hoang
- Aureolados do Pavão Azu? ..



- E Algum Dia... Encostaram-se Tranquilos  
Sobre a Meza de Joias do *Estar Manso*
- E Cerraram os Olhos nos Seus Cilos...
- E Abateram Seu Gesto Socegado  
De Imp'adores do Imperio Consagrado...
- No Gesto da Decencia e do Descanso!...

EDD'ORA ADDIO... — MIA SOAVE!...

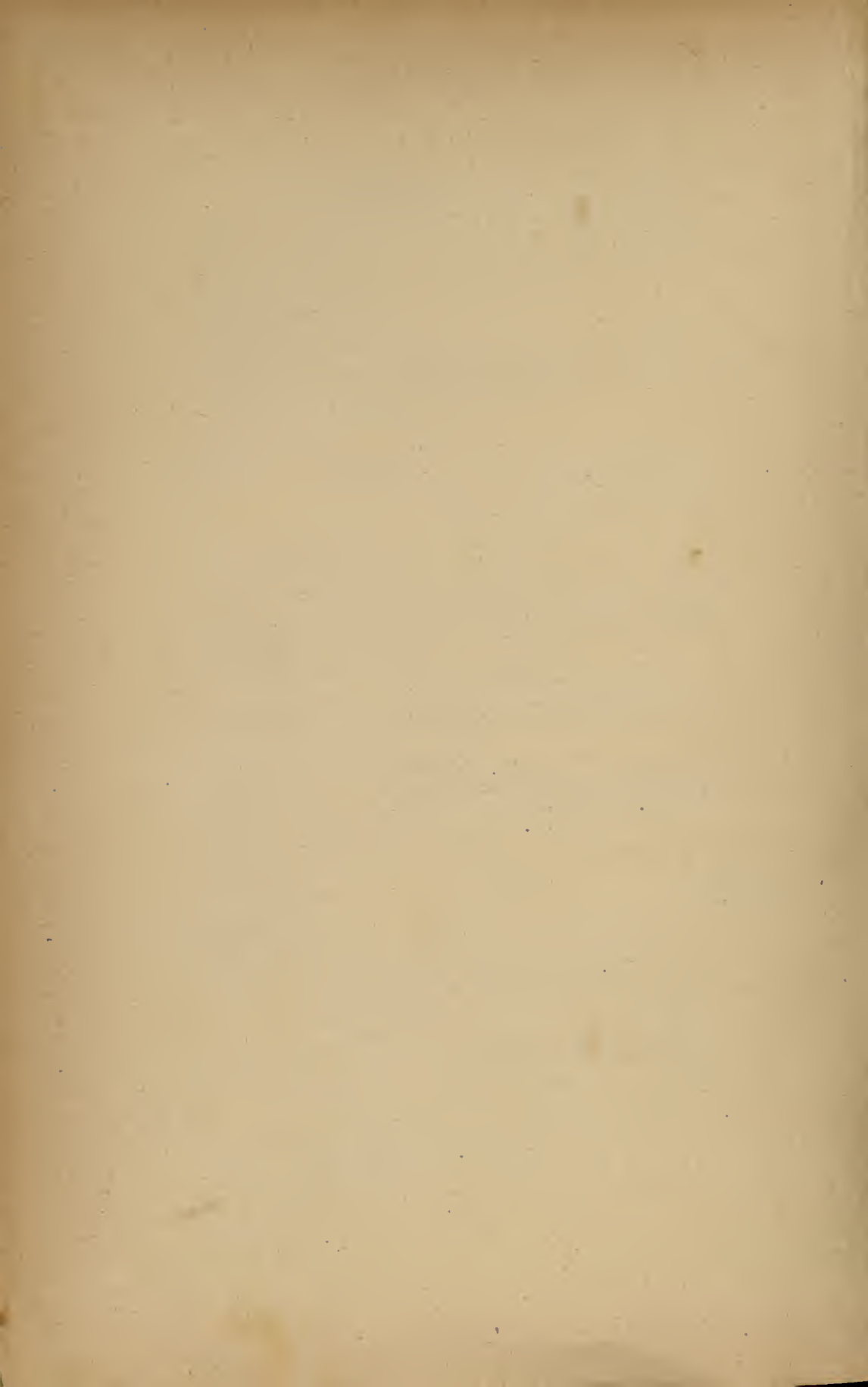
Aos meus amigos d'ORPHEU

- Mia Soave... — Ave?!... — Alméa?!...
- Maripoza Azual... — Transe!...
- Que d'Alado Lidar, Canse...
- Dorta em Paz... — Transpasse Idéa!...
  
- Do Occaso pela Epopéa...
- Dorto... Stringe... o Corpo Elance...
- Vae A' Campa... — Il C'or descanse...
- Mia Soave... — Ave!.. — Alméa!...
  
- Não Doe Por Ti Meu Peito...
- Não Choro no Orar Cicio...
- Em Profano... — Edd'ora... Eleito!...
  
- Balsame — a Campa — o Rocío  
Que Cahe sobre o Último Leito!...
- Mi' Soave!... Edd'ora Addio!...



- Estes Versos Antigos Que Eu Dizia  
Ao Compasso Que Marca o Coração  
Lembram Ainda?... — Lembrarão um Dia...
- Nas Memorias Dispersas Recolhidas  
Sequer, na Piedosa Devoção  
D'Algum Livro de Cousas Esquecidas?...
- Accaso o Que Ora Canta... Vive... Existe  
Nunca Mais Lembrará — Eternamente?...
- E, Vindo do Não-Ser, Vae, Finalmente,  
Dormir no Nada... Magestoso e Triste?...

ANGELO DE LIMA.



MARIO DE SÁ-CARNEIRO

POEMAS SEM SUPORTE

a Santa Rita Pintor.



## ELEGIA

Minha presença de setim,  
Toda bordada a côr de rosa,  
Que fôste sempre um adeus em mim  
Por uma tarde silenciosa...

Ó dedos longos que toquei,  
Mas se os toquei, desapareceram...  
Ó minhas bôcas que esperei,  
E nunca mais se me estenderam...

Meus Boulevards d'Europa e beijos  
Onde fui só um espectador...  
— Que sôno lasso, o meu amor;  
— Que poeira d'ouro, os meus desejos...

Ha mãos pendidas de amuradas  
No meu anseio a divagar...  
Em mim findou todo o luar  
Da lua dum conto de fadas...

Eu fui alguém que se enganou  
E achou mais belo ter errado...  
Mantenho o trôno mascarado  
Aonde me sagrei Pierrot.

Minhas tristezas de cristal,  
Meus débeis arrependimentos  
São hoje os velhos paramentos  
Duma pesada Cathedral.

Pobres enleios de carmim  
Que reservara pra algum dia...  
A sombra loira, fugidia,  
Jámais se abeirará de mim...

— Ó minhas cartas nunca escritas,  
E os meus retratos que rasguei...  
As orações que não rezei...  
Madeixas falsas, flôres e fitas...

O «petit-bleu» que não chegou...  
As horas vagas do jardim...  
O anel de beijos e marfim  
Que os seus dedos nunca anelou...

Convalescença afectuosa  
Num hospital branco de paz...  
A dôr magoada e duvidosa  
Dum outro tempo mais lilaz...

Um braço que nos acalenta...  
Livros de côr á cabeceira...  
Minha ternura friorenta —  
Ter amas pela vida inteira...

Ó grande Hotel universal  
Dos meus frenéticos enganos,  
Com aquecimento-central,  
Escrocs, cocottes, tziganos...

Ó meus Cafés de grande vida  
Com dançarinas multicolôres...  
— Ai, não são mais as minhas dôres  
Que a sua dança interrompida...

*Lisboa — março de 1915.*

### MANUCURE

Na sensação de estar polindo as minhas unhas,  
Subita sensação inexplicavel de ternura,  
Todo me incluo em Mim — piedosamente.  
Emtanto eis-me sózinho no Café:  
De manhã, como sempre, em bocejos amarelos.  
De volta, as mesas apenas — ingratas  
E duras, esquinadas na sua desgraçiosidade  
Boçal, quadrangular e livre-pensadora...  
Fóra: dia de Maio em luz

E sol — dia brutal, provinciano e democrático  
 Que os meus olhos delicados, refinados, esguios e citadinos  
 Não podem tolerar — e apenas forçados  
 Suportam em nauseas. Toda a minha sensibilidade  
 Se ofende com este dia que ha de ter cantores  
 Entre os amigos com quem ando ás vezes —  
 Trigueiros, naturais, de bigodes fartos —  
 Que escrevem, mas têm partido politico  
 E assistem a congressos republicanos,  
 Vão ás mulheres, gostam de vinho tinto,  
 De peros ou de sardinhas fritas...

E eu sempre na sensação de polir as minhas unhas  
 E de as pintar com um verniz parisiense,  
 Vou-me mais e mais enternecendo  
 Até chorar por Mim...  
 Mil côres no Ar, mil vibrações latejantes,  
 Brumosos planos desviados  
 Abatendo flexas, listas volúveis, discos flexiveis,  
 Chegam tenuemente a perfilar-me  
 Toda a ternura que eu pudera ter vivido,  
 Toda a grandeza que eu pudera ter sentido,  
 Todos os scenarios que entretanto Fui...  
 Eis como, pouco a pouco, se me fôca  
 A obsessão débil dum sorriso  
 Que espelhos vagos reflectiram...  
 Leve inflexão a sinusar...  
 Fino arrepio cristalizado...  
 Inatingivel deslocamento...  
 Veloz faúlha atmosférica...



E tudo, tudo assim me é conduzido no espaço  
 Por inumeras intersecções de planos  
 Multiplos, livres, resvalantes.

É lá, no grande Espelho de fantasmas  
 Que ondula e se entregolfa todo o meu passado,  
 Se desmorona o meu presente,  
 E o meu futuro é já poeira...  
 .....

Deponho então as minhas limas,  
 As minhas tesouras, os meus godets de verniz,  
 Os polidores da minha sensação —  
 E solto meus olhos a enlouquecerem de Ar!  
 Oh! poder exaurir tudo quanto nêle se incrusta,  
 Varar a sua Beleza — sem suporte, emfim! —  
 Cantar o que êle revolve, e amolda, impregna,  
 Alastra e expande em vibrações:  
 Subtilizado, sucessivo — perpétuo ao Infinito!...

Que calótes suspensas entre ogivas de ruínas,  
 Que triangulos sólidos pelas naves partidos!  
 Que hélices atrás dum vôo vertical!  
 Que esferas graciosas sucedendo a uma bola de ténis! —  
 Que loiras oscilações se ri a bôca da jogadora...  
 Que grinaldas vermelhas, que léques, se a dançarina russa,  
 Meia-nua, agita as mãos pintadas da Salomé  
 Num grande palco a Ouro!  
 — Que rendas outros bailados!

Ah! mas que inflexões de precipicio, estridentes, cegantes,  
 Que vertices brutais a divergir, a ranger,  
 Se facas de apache se entrecruzam  
 Altas madrugadas frias...

E pelas estações e cais de embarque,  
 Os grandes caixotes acumulados,  
 As malas, os fardos — pêle-mêle...  
 Tudo inserto em Ar,  
 Afeiçãoado por êle, separado por êle  
 Em multiplos interstícios  
 Por onde eu sinto a minh'Alma a divagar!...

— Ó beleza futurista das mercadorias!

— Sarapilheira dos fardos,  
 Como eu quisera togar-me de Ti!  
 — Madeira dos caixotes,  
 Como eu anseara cravar os dentes em Ti!  
 E os pregos, as cordas, os aros... —  
 Mas, acima de tudo, como bailam faiscantes  
 A meus olhos audazes de beleza,  
 As inscrições de todos esses fardos —  
 Negras, vermelhas, azuis ou verdes —  
 Gritos de actual e Comercio & Industria  
 Em transito cosmopolita:

**FRAGIL! FRAGIL!**

**843 — AG LISBON**

**492 — WR MADRID**



Ávido, em sucessão da nova Beleza atmosférica,  
 O meu olhar coleia sempre em frenesis de absorvê-la  
 A' minha volta. E a que mágicas, em verdade, tudo baldeado  
 Pelo grande fluido insidioso,  
 Se volve, de grotesco — célere,  
 Imponderável, esbelto, leviano...  
 — Olha as mesas... Eia! Eia!  
 Lá vão todas no Ar ás cabriolas,  
 Em séries instantaneas de quadrados  
 Ali — mas já, mais longe, em lozangos desviados...  
 E entregolfam-se as filas indestrinçavelmente,  
 E misturam se ás mesas as insinuações berrantes  
 Das bancadas de veludo vermelho  
 Que, ladeando-o, correm todo o Café...  
 E, mais alto, em planos oblíquos,  
 Simbolismos aereos de heraldicas ténues  
 Deslumbram os xadrezes dos fundos de palhinha  
 Das cadeiras que, estremunhadas em seu sôno horisontal,  
 Vá lá, se erguem também na sarabanda...

Meus olhos ungidos de Novo,  
 Sim! — meus olhos futuristas, meus olhos cubistas, meus olhos inter-  
seccionistas,

Não param de fremir, de sorver e faiscar  
 Toda a beleza espectral, transferida, sucedânea,  
 Toda essa Beleza-sem-Suporte,  
 Desconjuntada, emersa, variavel sempre  
 E livre — em mutações continuas,  
 Em insondáveis divergencias...

— Quanto á minha chávena banal de porcelana?

Ah, essa esgota-se em curvas gregas de anfora,  
 Ascende num vértice de espiras  
 Que o seu rebordo frisado a ouro emite...

É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!...

... Dos longos vidros polidos que deitam sôbre a rua,  
 Agora, chegam teorias de vértices hialinos  
 A latejar cristalizações nevoadas e difusas.  
 Como um raio de sol atravessa a vitrine maior,  
 Bailam no espaço a tingi-lo em fantasias,  
 Laços, grifos, setas, azes — na poeira multicolor — .

APOTEOSE.

.....

Junto de mim ressoa um timbre :  
 Laivos sonoros!  
 Era o que faltava na paisagem...  
 As ondas acusticas ainda mais a subtilisam :  
 Lá vão! Lá vão! Lá correm ágeis,  
 Lá se esgueiram gentis, franzinas côrsas d'Alma...

Pede uma voz um numero ao telefone :  
 Norte — 2, 0, 5, 7...  
 E no Ar eis que se cravam moldes de algarismos :

ASSUNÇÃO DA BELEZA NUMÉRICA!

1.3.4.5.6      7 7 7      8 8      4 1 4      5 9 6      1 1 1 1      5 5 0 0      ∞ ∞ ∞ ∞  
 2 0 1 3

Mais longe um criado deixa cair uma bandeja...  
 Não tem fim a maravilha!  
 Um novo turbilhão de ondas prateadas  
 Se alarga em écos circulares, rútilos, farfalhantes  
 Como água fria a salpicar e a refrescar o ambiente...

— Meus olhos extenuaram de Beleza!

Inefavel devaneio penumbroso —  
 Descem-me as palpebras vislumbradamente...

.....

... Começam-me a lembrar aneis de jade  
 De certas mãos que um dia possuí —  
 E ei-los, de sortilégio, já enroscando o Ar...  
 Lembram-me beijos — e sobem  
 Marchetações a carmim...

Divergem hélices lantejoulares...  
 Abrem-se cristas, fendem-se gumes...  
 Pequenos timbres d'ouro se enclavinham...  
 Alçam-se espiras, travam-se cruzetas...  
 Quebram-se estrelas, sossobram plumas...

Dorido, para roubar meus olhos á riqueza,  
 Fincadamente os cerro...

Embalde! Não ha defesa :  
Zurzem-se planos a meus ouvidos, em catadupas,  
Durante a escuridão —  
Planos, intervalos, quebras, saltos, declives. . .

— O' mágica teatral da atmosfera,  
— O' mágica contemporanea — pois só nós,  
Os de Hoje, te dobrámos e fremimos!

.....

Eia! Eia!  
Singra o tropel das vibrações  
Como nunca a exgotar-se em ritmos iriados!  
Eu proprio sinto-me ir transmitido pelo ar, aos novelos!  
Eia! Eia! Eia! . . .

(Como tudo é diferente  
Irrealizado a gás :  
De livres pensadoras, as mesas fluidicas,  
Diluidas,  
São já como eu catolicas, e são como eu monarquicas ! . . .)

.....  
.....

Sereno.  
Em minha face assenta-se um estrangeiro  
Que desdobra o «Matin».  
Meus olhos, já tranquilos de espaço,  
Ei los que, ao entrever de longe os caracteres,  
Começam a vibrar  
Toda a nova sensibilidade tipografica.

Eh-lá! grosso normando das manchettes em sensação!  
Itálico afilado das crónicas diarias!  
Corpo-12 romano, instalado, burguez e confortavel!  
Góticos, cursivos, rondas, inglesas, capitais!  
Tipo miudinho dos pequenos anuncios!  
Meu elzevir de curvas pederastas! . . .  
E os ornamentos tipograficos, as vinhetas,  
As grossas tarjas negras,  
Os «puzzle» frivolos da pontuação,

Os asteriscos — e as aspas... os acentos...  
Eh-lá! Eh-lá! Eh-lá!...

T S A b c j Æ (q̄) Y ! Z o ∩ A w Δ ũ Ω  
o . z q̄ ē < \* ... & ; \* ē Θ - > ũ " — á §  
P ∩ W s β ~ ^ " " O ∞ ? õ x Φ F i & Π

— Abecedarios antigos e modernos,  
Gregos, góticos,  
Slavos, arabes, latinos — ,  
Eia-hô! Eia-hô! Eia-hô!...

(Hip! Hip-lá! nova simpatia onomotopaica,  
Rescendente da beleza alfabetica pura:  
Uu-um... kess-kresss... vliim... tlin... blong... flong... flak...  
Pâ-am-pam! Pam... pam... pum... pum... Hurrah!)

Mas o estrangeiro vira a página,  
Lê os telegramas da Ultima-Hora,  
Tão leve como a folha do jornal,  
Num rodopio de letras,  
Todo o mundo repousa em suas mãos!

— Hurrah! por vós, industria tipografica!  
— Hurrah! por vós, empresas jornalisticas!

**MARINONI LINOTYPE**

**Ö SECULÖ BERLINER TAGEBLATT**

**LE JOURNAL LA PRENSA**

**CORRIERE DELLA SERA THE TIMES**

**NOVOÏE VREMIÁ**

Por ultimo desdobra-se a folha dos anuncios...

— O' emotividade zebrante do Reclamo,  
O' estética futurista — *up-to-date* das marcas comerciais,  
Das firmas e das taboletas!...

LE BOUILLON KUB



VIN DÉSILES

PASTILLES  
VALDA

BELLE JARDINIÈRE

FONSECAS,  
SANTOS & VIANNA

HUNTLEY & PALMERS

“RODDY”

*Joseph Paquin, Bertholle & Cie*

LES PARFUMS DE COTY

SOCIÉTÉ GÉNÉRALE

CRÉDIT LYONNAIS

BOOTH LINE

NORDDEUTSCHER LLOYD

COMPAGNIE INTERNATIONALE DES WAGONS LITS

ET DES GRANDS EXPRESS EUROPÉENS

E a esbelta singeleza das firmas, LIMITADA.

.....  
.....

Tudo isto, porêm, tudo isto, de novo eu refiro ao Ar  
Pois toda esta Beleza ondeia lá tambem:

Numeros e letras, firmas e cartazes —  
 Altos-relêvos, ornamentação!... —  
 Palavras em liberdade, sons sem-fio,

MARINETTI + PICASSO = PARIS < SANTA RITA PIN-  
 TOR + FERNANDO PESSOA  
 ALVARO DE CAMPOS

!!!!

Antes de me erguer lembra-me ainda,  
 A maravilha parisiense dos balcões de zinco,  
 Nos bares... não sei porquê...

— *Un vermouth-cassis... Un Pernod à l'eau...*  
*Un amer-citron... une grenadine...*

.....  
 .....  
 .....  
 Levanto-me...

— Derrota!

Ao fundo, em maior excesso, ha espelhos que reflectem

Tudo quanto oscila pelo Ar:

Mais belo através dêles,

A mais subtil destaque...

— O' sonho desprendido, ó luar errado,

Nunca em meus versos poderei cantar,

Como anseara, até ao espasmo e ao Oiro,

Toda essa Beleza inatingivel ,

Essa Beleza pura!

Rólo de mim por uma escada abaixo...

Minhas mãos aperreio,

Esqueço-me de todo da ideia de que as pintava...

E os dentes a ranger, os olhos desviados,

Sem chapéu, como um possesso:

Decido-me!

Corro então para a rua aos pinotes e aos gritos :

— Hilá ! Hilá ! Hilá-hô ! Eh ! Eh ! ...

Tum... tum... tum... tum tum tum tum...

YLIHIMIIHIM . . .

BRÁ-ÔH . . . BRÁ-ÔH . . . BRÁ-ÔH ! . . .

FUTSCH ! FUTSCH ! . . .

ZING-TANG . . . ZING-TANG . . .

TANG . . . TANG . . . TANG . . .

**PRÁ Á K K ! . . .**

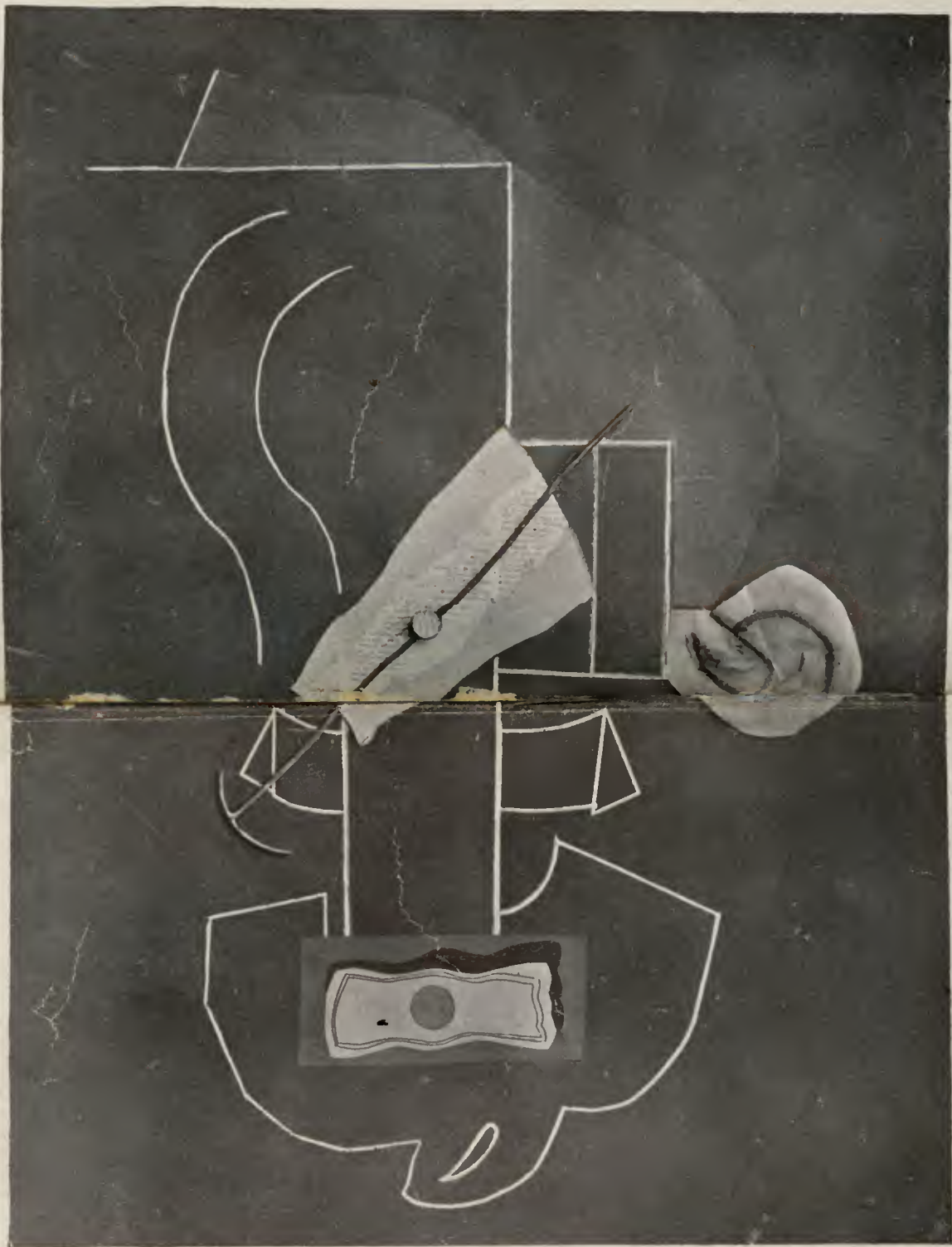
*Lisboa — Maio de 1915.*

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.









**SANTA RITA PINTOR.** — Compenetração estática interior de uma cabeça ≡ complementarismo congénito absoluto.  
PARIS ANNO 1913.

(SENSIBILIDADE LITHOGRAPHICA.)



POEMAS

DE

EDUARDO GUIMARAENS



## *SOBRE O CYSNE DE STÉPHANE MALLARMÉ*

Um sonho existe em nós como um cysne num lago de agua profunda e clara e em cujo fundo existe um outro cysne branco e ainda mais branco e triste que a sua fôrma real de um tom dolente e vago.

Nada: e os gestos que tem, de caricia e de afago, lembram da imagem tenue, onde a tristeza insiste em ser mais alva, a graça inversa que consiste a dolente mudez de um espelho presago.

Um Cysne existe em nós como um sonho de calma, placido, um Cysne branco e triste, longo e lasso e puro, sobre a face occulta de nossa alma.

E a sua imagem lembra a imagem de um destino de pureza e de amôr que segue, passo a passo, este Sonho immortal como um Cysne divino.

## *FOLHAS MORTAS*

Dêste relogio belga, enorme, branco e triste,  
tombam as horas como folhas mortas.  
Por uma tarde outomnal, triste de spleen e folhas mortas:  
Em cada vaso negro ha um lirio nobre e triste.

Em cada vaso negro ha um lirio nobre e triste  
e as horas tombam como folhas mortas.  
Porque não nasci eu um lirio nobre e triste,  
pétala sem perfume entre essas folhas mortas?

Um Versalhes fulgura em cada illusão triste,  
um Versalhes de outomno atapetado de folhas mortas !  
Em cada vaso negro ha um lirio nobre e triste  
e as horas tombam como folhas mortas...

*SOB OS TEUS OLHOS SEM LAGRIMAS*

Ah! não dirás por certo  
que não te amei, que não soffri !  
— Foi-me a tua alma assim como um salão deserto  
onde, uma noite, me perdi.

Um ramo de violetas fenecia  
em cada movel amortalhado pelo pó ;  
a purpura das cortinas, rubra, estremecia  
presa a cada janella. Eu hesitava, só.

— E era meu coração, por ti quasi ferido,  
á duvida infantil que o emmudecera já,  
um velho piano adormecido  
que ninguém mais acordará.

EDUARDO GUIMARAENS.

# ATELIER



NOVELA VERTÍGICA

POR

RAUL LEAL





## Atelier

---

Em ondas de perfúme estranho as convulsivas exalações do Sonho iluminam vágamente o lár sombrio do artista que outra luz quasi não possui. A poucos pássos duma téla, profunda como a dôr que ela evoca, o modelo por entre as vibrações duma alucinação sinistra todo vigorosamente contórce a alma, pelo semblante derramando a tortúra que a alma cava. Compreende a árte, no seu espirito sente a expressão do belo que todo o arrasta e anciósamente procurando ao artista transmitir a sublime inspiração da dôr, fórte, arrebatedora, na própria fisionomia a idialisa torturando o espirito que só assim, no semblante se concretisa... pela dôr! E' gigantesca a sua personalidade que ao bélo tudo sacrifica, que só do bélo sábe vi-vêr!...

Envolvido nas trevas convulsivas que o seu espirito concebe, Luar ardentemente transpira o delirio da morte, o espasmo eterno da Existencia que só ele pôde sentir, e é nesse ambiente de horror vigorósamente concentrado nele, sintese suprema do Universo, é nesse ambiente, forte e sublime, que Luar, o modelo idial, procura eternamente arrastar a vida!... E o horror em que a sua alma se torna, ele domina e... vigorisa...!

Cresce nesse momento duma arte tragica que a matéria mal toca e em que só o espirito vibra em vibrações transcendentés que mal se concretisam pela sensação, cresce nesses instantes, apagados para a vida vulgar que o intimo das cousas não concebe, que o espiritua-lismo convulsivo da Existencia totalmente desconhece numa inconsciencia estranha, cresce na alma de Luar a loucura sublime de espirito que a tenebrosa, a imaterial vertigem do Universo, da Vida delirantemente acentua numa tragedia divina, que o transcendentia-lismo ardente da Ancia todo dolorosamente exprime pelo espasmódico histerismo que a Existencia forma, pelo arrebatoamento convulsivo do Sonho Universal!... E nesses instantes tudo nele vibra, tudo que é nele o Espírito... Da sua concepção trágica se alimenta, alimentan-

do-se, assim, da sua alma, da sua alma que se torna a alma da Existência!

No atelier do pintor Luar vigorosamente assim prepara a alma, preparando assim, a expressão do semblante. E torna-se sublime, atinge a vertigem do Infinito... Através do seu delírio, do sonho convulsivo que todo o arrebatava, ele desperta o artista que assim, todo se sublima também! E' Luar a própria inspiração que o artista eterisa...

Num crescendo impetuoso o sonho em que Luar todo se torna, no génio do pintor se evola todo e, assim, o artista em que o sonho vagamente se esbate perdendo-se por fim, na mesma diáfana atmosfera idial se eleva, trágicamente divinizando a alma!... Tudo é etéreo e profundamente convulsivo; uma alucinação vibrante tudo transforma, tudo arrebatava no seu turbilhão genial...! Uma poderosa acção mediumnica a levitação total das cousas, assim eterisadas, provoca então... E é Luar o fóco tenebroso da alucinação sinistra que em redor se esbate, vagificando-se mais!...

No arrebatamento vibrante em que a alma de Luar, em que Luar consigo arrasta tudo, uma paixão crescente fortemente se esboça e ela que a personalidade genial do modelo agita toda, nas convulsões da carne toda se exprimindo, em ondas soluçantes d'ancia se espraia impetuosamente através do éter nebuloso que todo se perde na mansão do artista!... Formidável se torna a paixão crescente que tudo arrebatava e tudo quer arrebatava... Como duendes infernaes que mal se esbocem, a concepção doentia de Luar sombras efémeras vertiginosamente gera e tudo que os sentidos ainda pode ferir, num paroxismo de loucura se debate convulsivamente em estertôr qual caterva turbilhonaria de todas as expressões da dôr que só uma alma vigorosa conceber pôde! Sim, tudo na alma de Luar se transforma e tudo ardentemente êle quer transformar...! Ele quer transformar, tudo no seu espirito arrebatando!...

E' para o artista que a sua alma trabalha, é pois, o artista que na sua concepção mais se divinisa...! E' êle o reflexo vibrante do seu sonho, do sonho que o forma, em que convulsamente todo se eterisa...! Suprema emanação se torna da sua alma!... Só a inspiração o sublima, o personalisa — e a inspiração é Luar!

Esse ser estranho que ele próprio criou e que na tela genialmente lhe derrama a alma, Luar, cheio d'ancia, conservar quer no seu espirito e transformando-se, então, em ondas de volúpia a sua paixão ardente, a paixão da dôr, como laços infernais as lança ao artista que num turbilhão de fôgo, o fôgo da sua paixão, todo arrebatava quer para a sua alma!... Uma luta íntima, obscura se gera! Impetuosas são as convulsões de espirito que, emanadas de Luar, a personalidade do artista sacodem toda mas, como resplendor diáfano dum luz infinita, no artista surgem esbatidas, perdendo-se através do espaço!... E Luar isto pressente e o seu próprio sonho, na imaginação do pintor rializado, ele quasi deixa desprender... pelo temor dum vitória alheia! A sua própria força inspiradora o aterrorisa. Se rialmente o artista se não deixasse enlevar no sonho de Luar, acaso na vaga eterisação espiritual encontrar-se-hia?... Não e, assim, qual-

quer força esmagadora, de Luar mal vinda, abruptamente o não faria despenhar-se na matéria em que já permaneceria e que o hábito tornaria então, quasi insentível. Luar teme ser incompreendido. Se toda a sua paixão sobre o artista desencadear num deboche supremo, paroxismo da arte, o artista que, simples reflexo do foco inspirador, o não atingiu ainda, e nublada instável, simples irradiação do sonho em que vagamente se banha, toda poderá romper, perdendo-se para sempre da alma de Luar numa queda fatal. Mas a ancia é igualmente forte, a ancia em completar a evolução do artista no foco tenebroso da sua alma!... Porém, a força infinita Luar não possui ainda, a sua força esbate-se, a continuidade do Infinito não contém... A arte, em seu luxurioso paroxismo espasmo da dôr, ainda na alma do artista se define, se concretisa em imagens, só a imagem ele concebe, não concebe o Espírito, o Absoluto Indefinido que num deboche de espírito vertiginosamente se desencadearia!... E acaso o vigôr duma luxúria transcendente e a selvática brutalidade material o artista não poderá confundir, despenhando-se do sonho diáfano que, emanado de Luar, nele se esboça, apenas?...

Luar quer o artista arrebatado emfim, por totalmente o interiorizar em si através dum deboche convulsivo — ardentemente ancia mas o temor hesitante o torna, o temor de ser incompreendido, de como simples animal, cheio de cio, ser considerado, emfim, de perder para sempre a alma a que tanto aspira!... Teme a sua força e a sua fraqueza, a sua força que, por uma ilusão cruel, o horror da matéria pode desenrolar perante o artista, erguido acima dela que, assim, desprezível se mostra, a sua fraqueza que mais não pode elevar o artista, mais, até ao paroxismo da arte que é o paroxismo do deboche e... da dôr!... E o artista admira Luar, não o sente, nas convulsões da sua alma não se quer fundir... Não admiramos o que a nós é estranho, sentindo então, o que já não admiramos?...

E é horrível a angústia em que Luar se debate, ele jámais sonhou uma dôr assim! Como farrapos de nuvens tenebrosas numa dança macabra, figuras vagas e obscuras da alma de Luar se erguem, dolorosamente se contorcendo todas e todas vertiginosamente se debatendo numa loucura genial, a loucura da Existência, do Espírito... e nessa vertigem suprema em que a tortura e a convulsão doidamente se misturam, se confundem, um ponto de luz sinistra, numa expressão vaga de sonho, ao fundo se esboça através da lividez da morte e como que indiferente ao turbilhão lúgubre de dôr que só a alma de Luar soube criar!... E' o artista que, espiritualizado na concepção sublime do modelo, na alucinação tenebrosa da sua alma estranha, ao longe vagueia a alma perdidamente, num cinismo de estéta friamente admirando a dôr que, num debate prodigioso, o espasmo da morte intensifica através dum caos infinito, duma vertigem convulsiva...! Sôfregos turbilhões a alma de Luar do seu próprio âmagô tenebroso arranca mas, quais vagas impetuosas que todas se despedaçam, se percam de encontro ao trágico granito, as torrentes tempestuosas dêsse feérico oceano espiritual todas aterrorisadoramente se quebram por entre as rígidas malhas impenetráveis da alma do artista!

Todo êsse convulsionismo gigantêsco que sublima Luar, essa ancia invencível, ardente de, por um deboche estulto, dominar o artista, o modêlo mais não pode suportar e, caindo, então, numa prostração infinda em que toda a sua alma se dissolve, como que um campo noturno se torna duma batalha passada o qual uma luz pálida, sombria de lua vagamente ilumine, a luz vaga que o artista da sua alma toda, então, exála!... Foi o artista a luz vaga do ultimo quadrante quando, num delirio de morte, numa cavalgada inconsciente, nuvens tenebrosas em convulsões a envolvem sem a arrebatam, e agora, sempre sereno, frio, lúgubre, a sua pálida luz derrama na alma do modêlo através duma vaga neblina silenciosa, da névoa melancólica em que a alma de Luar toda se exála, se esvai...!

Mas uma torrente de fôgo Luar novamente abraza e do seu repouso instantâneo, súbito, se erguendo, numa arrancada formidável sôbre o artista se lança, cravando-o de beijos em que lhe quer arrebatam a alma! Em convulsões que o repouso alimentou, todo o seu espirito se põe, torna-se indomável, gigantêsco, impetuoso qual vaga rancorosa que um vulcão eleve, qual torrente devastadora de Apocalypse Fatal!...

O artista cheio de pasmo o olha, e naquela arrancada impetuosa ambos na terra se despenham, esquecendo o sonho, a alucinação... A paz volta aos espiritos, uma paz lúgubre, cheia de preságios sinistros! O paroxismo da dôr não pode ser atingido, para ambos se perdeu...!

.....

Passaram-se já alguns dias. O artista uma comoção profunda no seu espirito sofre, sob um novo aspecto olha o modelo, já quasi lhe sente a alma... Encarna-se na tenebrosa escabrosidade do seu espirito trágico, sente-o mais belo, mais profundo, sublime...! Os transees variados em que bruscamente se lançára Luar naquela tarde tragica, essa variedade de transees que o modelo tão vigorosamente suportára, entontece-lhe a alma, já não o admira apenas, deseja-o e cheio de ardor, de ancia!...

Procura-o em toda a parte e, por fim, encontrando-o, repleto duma luxuria de espirito lhe diz: «Jámais te compreendi, Luar, como agora te compreendo. Talvez te não compreendesse ainda se logo tivesse cedido ao teu desejo. Mas o tempo tive de refletir, de sonhar em ti. A tua nobreza estranha que, após o meu pasmo, subitamente te acalmou os nervos, fundamente me impressionou, os contrastes da tua alma são maravilhosos e só a tua personalidade sublime, genial... a oscilações bruscas de caráter poderia resistir! Quero-te pois, a tua ancia é, hoje, a minha; sem os teus beijos profundos não posso passar, a minha carne na tua se entranhará para que na tua alma se espiritualise toda!...» E procura-lhe a boca. Luar suavemente o afasta, dizendo-lhe, apenas: «Refleti tambem, sonhei... Amanhã conhece-rás o meu sonho.»

No dia seguinte, o artista recebe uma carta que os seguintes termos contém:

*Meu querido amigo*

Estranharás talvez que só agora te exponha o meu sonho derradeiro mas preciso de toda a minha alma e, só quando escrevo, aos borbulhões caudalosamente a broto de mim. Sem a pena, mantenho-me numa concentração trágica, mal mostro aos outros o meu espírito. E' que o derramamento da alma no papel é ainda quasi espiritual, a alma em excesso se não exteriorisa, impuramente se não materializando.

Diz-me, se num drama, se numa tragédia vigorosa uma tempestade formidável, num paroxismo fatal, se desencadeasse toda, atingindo, por fim, um limite definido que a banalisasse, acaso admirarias esse drama, essa tragedia? ... Pois bem, o indefinido a que na arte nós aspiramos, essa ancia de idial que mais do que o idial para nós vale, essa ancia, esse desejo infinito e jámais satisfeito deve encher a nossa vida que a mais alta expressão se tornará assim, da arte pura! ...

E' vertiginosa a Existencia e espiritual, transcendente é a vertigem dela! Jámais a extensão conhece, no Espírito Puro que a extensão transcende, a vertigem se personalisa, se consubstancia, se acentua toda, não se espalha numa actividade mecânica, é a actividade espiritual, o dinamismo puro! ... Está nisso a sua beleza, a sua própria existencia que, só assim, toda confundida num Todo, no Infinitesimal, na Mónada, que só assim se acentua toda, só assim se dá! ... E' sublime o convulsionismo espiritual e só ele é sublime! De que deriva a sua sublimidade? Da sua energia que só no Espírito, na Mónada se acentua toda! ...

Ha pois, na vertigem convulsiva da Existencia uma expansão tenebrosa. Toda a actividade, a energia toda que a forma, no espaço e no tempo não se expande, mantem-se torturada no Infinitesimal. E' infinita, eternamente tudo alcança, infinitesimalisa-se, espiritualisa-se pois ...

Só no transcendental existe, só nele eternamente se debate!

Tem uma expansão, uma liberdade infinita que, como infinita, tudo atinge eternamente, como que eternamente se autodestruindo assim! ... Se só no Transcendental existe, se é transcendente, se no mesmo ponto infinitesimal, na Mónada, eternamente se debate é que a si própria se contorce toda numa tortura infinita! ... E não exprime a dôr e sobretudo a ancia o convulsionismo transcendente, torturado, contorcido da actividade pura, espiritual? ... não é ela a expressão sublime da Vertigem? ... Na dôr, na ancia devemos viver!

A transcendentalisação suprêma da energia pura, espiritualizando-a, em absoluto a indefine, o Infinitesimal em que a energia eternamente se debate, o indefinismo absoluto contém. E ela propria, a própria atividade em si não exprime já o Indefinido? ... Quando transcendente, é o indefinismo dela absoluto, ela torna-se a Vertigem! E que cousa é a ancia, a ancia em si, senão o limiar privilegiado dessa Vertigem Pura, o seu sintoma magnifico, a sua acentuação

humana?... Ao indefinido na arte aspiramos pois, a um indefinido cheio de tortura, «rafiné» como o que o génio de Baudelaire compreendeu e quando essa tortura do Indefinido enche o intimo da nossa alma, então, cheia d'ancia — e, assim, Nietzsche quasi a desejou — ela quasi atinge o paroxismo eterno da Existencia que toda se debate na Vertigem Infinita! E não só na arte deve existir a ancia mas tambem na vida, a ancia dolorosa do Indefinido!...

A ancia não é só a dôr, não é qualquer dôr. Pode esta ser deprimente, humilhante: e sempre o é quando não compreendida, quando em sua beleza suprema sentida não pode ser!... A dôr forte, virilizador, a dôr profunda e amoral, a dôr em que o eu domine, dôr de espirito... é que é a dôr suprema, a dôr estética! Dominar na dôr, sentir a força de viver nela, prazer infindo...! E a tortura transcendental da Existencia em que a Vertigem toda se acentua, se impõe, se personalisa, a dôr suprema, a dôr personalizadora não exprime toda?...

Afastemos pois, a nossa carne. Se a satisfizéssemos, não, se satisfizéssemos o espirito que, só êle, através da carne atua, banalisar-nos-íamos, ao nosso drama daríamos um final burguez! Ele teria um fim, um limite determinado de que, em breve, as nossas almas se enfartariam decerto. Sejamos estetas, vivamos eternamente do desejo que, só êle, personalisa a alma, para a nossa vista espiritual gigantesca tornando-a!... E' estranho o meu pedido mas, acaso, estranha não é a Vertigem da Existencia?...

Adeus!...

*Luar.*

*Janeiro de 1913.*

RAUL LEAL.

(Do livro inédito *Devaneios e Alucinações.*)

# POEMAS

DUM ANÓNIMO OU ANÓNIMA QUE DIZ CHAMAR-SE

VIOLANTE DE CYSNEIROS



**N. B.** — Apareceram-nos na Redacção estes belos poemas, que um anónimo engenheiro doente realisou. Publicamo-los, porque disso são dignos, importando-nos pouco a personalidade vital de que possam emanar. Toda a obra de arte é a justificação de si-propria.

*Orpheu.*

A ALVARO DE CAMPOS,

O MESTRE.

Na noite negra e antiga  
Ha só a luz do Pharol:  
Ora loira, côr do sol,  
Ora vermelha, inimiga.

No seio negro e profundo  
Da noite em treva dormindo  
O Pharol é Outro Mundo,  
Ora chorando, ora rindo.

Na noite negra, afinal,  
Tudo a elle se limita:  
Só o pharol é real!

A treva nunca tem fim,  
O' sensação infinita,  
—Sou já só Pharol de Mim!

*Junho, 1915.*

\*

\* \* \*

Toda a minh'Alma se prende  
Naquella forma de graça;  
Mas não é na forma viva  
Mas sim na Linha que passa.

Toda a minh'Alma se prende,  
Bate as Asas — esvoaça...  
E é como a sombra distante  
D'aquella Linha que passa.

A vida é só o Espaço  
Que vai da propria Linha  
A' sombra d'ella num traço.

Quando a Morte fôr vizinha,  
Fundidas no mesmo Espaço  
Será tudo a mesma Linha.

*Junho, 1915.*

A ALVARO DE CAMPOS,

O MESTRE.

I

Para Além d'aquelles montes  
Não ha aves, nem ha fontes,  
Nem ribeiros, nem campinas,  
Nem casaes pelas collinas.

Para Além d'aquelles montes  
Não ha segredos de fontes,  
Nem Sombras nas Alamedas,  
Nem hervas, passos ou sedas.

Para Além d'aquelles montes  
Já não ha arcos de pontes,  
Nem mãos finas de donzellas,  
Nem lagos, barcos ou vellas.

II

Para Além d'aquelles montes  
Existe apenas Espaço!  
Espaço e tempo são Pontes  
Que Deus tem no seu regaço.

Pontes que ligam de Auzente  
Infinito e Eternidade.  
Só sensações são Presente,  
Só nellas vive a Verdade.

Passado nunca passou,  
Futuro não o terei:  
Pois sempre Presente sou  
No que Fui, Sou e Serei.

*Junho, 1915.*

AO SR. MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

Ha pouco quando bordava  
Picou-me a ponta dos dedos  
A agulha com que bordava...

E a seda toda de branca,  
Branca da côr dos meus dedos,  
Essa seda que era branca  
Ficou com papoulas rubras...

Que o sangue das minhas veias  
Já creou papoulas rubras...

Mas tão sós e tão alheias!

*Junho, 1915.*

AO SR. FERNANDO PESSOA.

Nada em Mim é necessario  
Nem mesmo o que foi sonhado,  
O contas do meu rosario  
D'um sonho nunca acabado.

Tudo tão feito de Mim...  
Só meu longe de passado  
E como um sonho sem fim  
Que o Outro tenha sonhado.

Cruso os meus braços. Não fallo.  
Ouço uma voz dolorida  
Dentro de Mim evoca-lo.

Marinheiro! Ilha Perdida!  
É o meu sentido a sonha-lo  
É a verdade da vida.

*Junho, 1915.*

*AO SR. ALFREDO PEDRO GUISADO.*

Sobre misterios já idos  
Ergui-me em curva e de pé  
Do meu corpo fiz sentidos  
Num sonho de Salomé.

Curvos os olhos doridos...  
Curvas as mãos e os braços...  
Todo o meu corpo pedaços  
Dos espelhos dos sentidos...

Dancei... Dancei... E o Ver-Me  
Toda de curva e de pé  
Era o sentido de Ser-Me.

Presente no meu olhar,  
Eu fui Outra Salomé  
Feita de Mim a dançar.

*Junho, 1915.*

*AO SR. CÔRTEZ-RODRIGUES.*

Passo no mundo a vivê-lo,  
Passo no mundo a senti-lo,  
E esta côr do meu cabelo  
É o vê-lo e o possuí lo.

Passo no mundo a sonhá-lo,  
Numa forma de vivê-lo,  
E o meu sentido d'olhá-lo  
É o sentido de vê-lo.

Só em Mim me concretiso,  
E o Sonho da minha vida  
Nesse Sonho o realiso.

E sempre de Mim Presente,  
Todo o Meu Ser se limita  
Em Eu Me Ser Realmente.

*Junho, 1915.*

*A MIM PROPRIA*

*DE HA DOIS ANNOS*

As minhas mãos são esguias,  
São fusos brancos d'arminho,  
Onde fiaste e não fias  
O Sonho do teu carinho.

As minhas mãos são esguias,  
Côr de rosa são as unhas,  
E nellas todos os dias  
Ponho a pomada que punhas.

Quando Eu as fico polindo  
Perpassa nellas em ancia  
A tua boca sorrindo...

Mas os meus dedos em i  
Dizem a longa distancia  
Que vae de Mim para Ti.

*Junho, 1915.*

VIOLANTE DE CYSNEIROS.



ODE MARÍTIMA

POR

ALVARO DE CAMPOS

a Santa Rita Pintor.





## Ode marítima

---

Sózinho, no cais deserto, a esta manhã de verão,  
Ólho pró lado da barra, ólho pró Indefinido,  
Ólho e contenta-me vêr,  
Pequeno, negro e claro, um pacote entrando.  
Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.  
Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.  
Vem entrando, e a manhã entra com êle, e no rio,  
Aqui, acolá, acorda a vida marítima,  
Erguem-se velas, avançam rebocadores,  
Surgem barcos pequenos de trás dos navios que estão no porto.  
Ha uma vaga brisa.  
Mas a minh'alma está com o que vejo menos,  
Com o pacote que entra,  
Porque êle está com a Distância, com a Manhã,  
Com o sentido marítimo desta Hora,  
Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea,  
Como um começar a enjoar, mas no espírito.

Ólho de longe o pacote, com uma grande independência de alma,  
E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente.

Os pacotes que entram de manhã na barra  
Trazem aos meus olhos consigo  
O mistério alegre e triste de quem chega e parte.  
Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos  
Doutro modo da mesma humanidade noutros portos.  
Todo o atracar, todo o largar de navio,  
E — sinto-o em mim como o meu sangue —  
Inconscientemente simbólico, terrivelmente  
Ameaçador de significações metafísicas  
Que perturbam em mim quem eu fui...

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!  
 E quando o navio larga do cais  
 E se repara de repente que se abriu um espaço  
 Entre o cais e o navio,  
 Vem-me, não sei porquê, uma angústia recente,  
 Uma névoa de sentimentos de tristeza  
 Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas  
 Como a primeira janela onde a madrugada bate,  
 E me envolve como uma recordação duma outra pessoa  
 Que fôsse misteriosamente minha.

Ah, quem sabe, quem sabe,  
 Se não parti outrora, antes de mim,  
 Dum cais; se não deixei, navio ao sol  
 Oblíquo da madrugada,  
 Uma outra espécie de porto?  
 Quem sabe se não deixei, antes de a hora  
 Do mundo exterior como eu o vejo  
 Raiar-se para mim,  
 Um grande cais cheio de pouca gente,  
 Duma grande cidade meio-desperta,  
 Duma enorme cidade comercial, crescida, apoplética,  
 Tanto quanto isso pode ser fora do Espaço e do Tempo?

Sim, dum cais, dum cais dalgum modo material,  
 Real, visível como cais, cais realmente,  
 O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado,  
 Insensivelmente evocado,  
 Nós os homens construímos  
 Os nossos cais nos nossos portos,  
 Os nossos cais de pedra actual sôbre ágoa verdadeira,  
 Que depois de construídos se anunciam de repente  
 Cousas-Reais, Espiritos-Cousas, Entidades em Pedra-Almas,  
 A certos momentos nossos de sentimento-raiz  
 Quando no mundo-exterior como que se abre uma porta  
 E, sem que nada se altere,  
 Tudo se revela diverso.

Ah o Grande Cais donde partimos em Navios-Nações!  
 O Grande Cais Anterior, eterno e divino!  
 De que porto? Em que ágoas? E porque penso eu isto?  
 Grande Cais como os outros cais, mas o Único.  
 Cheio como êles de silêncios rumorosos nas antemanhãs,  
 E desabrochando com as manhãs num ruído de guindastes  
 E chegadas de comboios de mercadorias,  
 E sob a nuvem negra e ocasional e leve  
 Do fumo das chaminés das fábricas próximas  
 Que lhe sombreia o chão preto de carvão pequenino que brilha,  
 Como se fôsse a sombra duma nuvem que passasse sôbre ágoa  
 sombria.

Ah, que essencialidade de mistério e sentidos parados  
Em divino extase revelador  
Às horas côm de silêncios e angústias  
Não é ponte entre qualquer cais e O Cais !

Cais negramente reflectido nas águas paradas,  
Bulício a bordo dos navios,  
Ó alma errante e instável da gente que andá embarcada,  
Da gente simbólica que passa e com quem nada dura,  
Que quando o navio volta ao porto  
Ha sempre qualquer alteração a bordo !

Ó fugas continuas, idas, ebriedade do Diverso !  
Alma eterna dos navegadores e das navegações !  
Cascos reflectidos de vagar nas ágoas,  
Quando o navio larga do porto !  
Fluctuar como alma da vida, partir como voz,  
Viver o momento trémulamente sôbre ágoas eternas.  
Acordar para dias mais directos que os dias da Europa,  
Vêr portos misteriosos sôbre a solidão do mar,  
Virar cabos longinquôs para súbitas vastas paisagens  
Por inumeráveis encostas atónitas . . .

Ah, as praias longinquas, os cais vistos de longe,  
E depois as praias proximas, os cais vistos de perto.  
O mistério de cada ida e de cada chegada,  
A dolorosa instabilidade e incompreensibilidade  
Dêste impossível universo  
A cada hora marítima mais na própria pele sentido !  
O soluço absurdo que as nossas almas derramam  
Sôbre as extensões de mares diferentes com ilhas ao longe,  
Sôbre as ilhas longinquas das costas deixadas passar,  
Sôbre o crescer nítido dos portos, com as suas casas e a sua gente,  
Para o navio que se aproxima.

Ah, a frescura das manhãs em que se chega,  
E a palidez das manhãs em que se parte,  
Quando as nossas entranhas se arrepanham  
E uma vaga sensação parecida com um mêdo  
— O mêdo ancestral de se afastar e partir,  
O misterioso receio ancestral à Chegada e ao Novo —  
Encolhe-nos a pele e agonia-nos,  
E todo o nosso corpo angustiado sente,  
Como se fôsse a nossa alma,  
Uma inexplicável vontade de poder sentir isto doutra maneira :  
Uma saudade a qualquer cousa,  
Uma perturbação de afeições a que vaga patria ?  
A que costa ? a que navio ? a que cais ?  
Que se adoce em nós o pensamento,  
E só fica um grande vácuo dentro de nós,

Uma ôca saciedade de minutos marítimos,  
E uma ansiedade vaga que seria tédio ou dôr  
Se soubesse como sê-lo...

A manhã de verão está, ainda assim, um pouco fresca.  
Um leve torpôr de noite anda ainda no ar sacudido.  
Acelera-se ligeiramente o volante dentro de mim.  
E o paquete vem entrando, porque deve vir entrando sem dúvida,  
E não porque eu o veja mover-se na sua distância excessiva.

Na minha imaginação êle está já perto e é visível  
Em toda a extensão das linhas das suas vigias,  
E treme em mim tudo, toda a carne e toda a pele,  
Por causa daquela criatura que nunca chega em nenhum barco  
E eu vim esperar hoje ao cais, por um mandado obliquo.

Os navios que entram a barra,  
Os navios que saem dos portos,  
Os navios que passam ao longe  
(Supônho-me vendo-os duma praia deserta) —  
Todos êstes navios abstractos quasi na sua ida,  
Todos êstes navios assim comóvem-me como se fôssem outra cousa  
E não apenas navios, navios indo e vindo.

E os navios vistos de perto, mesmo que se não vá embarcar nêles,  
Vistos de baixo, dos botes, muralhas altas de chapas,  
Vistos dentro, através das câmaras, das salas, das dispensas,  
Olhando de perto os mastros, afilando-se lá pró alto,  
Roçando pelas cordas, descendo as escadas incômodas,  
Cheirando a untada mistura metálica e marítima de tudo aquilo —  
Os navios vistos de perto são outra cousa e a mesma cousa,  
Dão a mesma saudade e a mesma ânsia doutra maneira.

Toda a vida marítima! tudo na vida marítima!  
Insinua-se no meu sangue toda essa sedução fina  
E eu scismo indeterminadamente as viagens.  
Ah, as linhas das costas distantes, achatadas pelo horizonte!  
Ah, os cabos, as ilhas, as praias areentas!  
As solidões marítimas, como certos momentos no Pacífico  
Em que não sei porque sugestão aprendida na escola  
Se sente pesar sôbre os nervos o facto de que aquêle é o maior dos  
oceanos  
E o mundo e o sabôr das cousas tornam-se um deserto dentro de  
nós!

A extensão mais humana, mais salpicada, do Atlântico!  
O Índico, o mais misterioso dos oceanos todos!  
O Mediterrâneo, dôce, sem mistério nenhum, clássico, um mar pra  
bater  
De encontro a esplanadas olhadas de jardins próximos por estátuas  
brancas!

Todos os mares, todos os estreitos, todas as baías, todos os gôlfos,  
Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!

E vós, ó cousas navais, meus velhos brinquedos de sonho!  
Componde fora de mim a minha vida interior!  
Quilhas, mastros e velas, rodas do leme, cordagens,  
Chaminés de vapores, hélices, gáveas, flâmulas,  
Galdropes, escotilhas, caldeiras, colectores, válvulas,  
Caí por mim dentro em montão, em monte,  
Como o conteúdo confuso de uma gaveta despejada no chão!  
Sêde vós o tesouro da minha avareza febril,  
Sêde vós os frutos da árvore da minha imaginação,  
Têma de cantos meus, sangue nas veias da minha inteligência,  
Vosso seja o laço que me une ao exterior pela estética,  
Fornecei-me metáforas, imagens, literatura,  
Porque em real verdade, a sério, literalmente,  
Minhas sensações são um barco de quilha pró ar,  
Minha imaginação uma âncora meio submersa,  
Minha ânsia um remo partido,  
E a tessitura dos meus nervos uma rêde a secar na praia!

Sôa no acaso do rio um apito, só um.  
Treme já todo o chão do meu psiquismo.  
Acelera-se cada vez mais o volante dentro de mim.

Ah, os paquetes, as viagens, o não-se-saber-o-paradeiro  
De Fulano-de-tal, marítimo, nosso conhecido!  
Ah, a glória de se saber que um homem que andava connosco  
Morreu afogado ao pé duma ilha do Pacífico!  
Nós que andámos com êle vamos falar nisso a todos,  
Com um orgulho legítimo, com uma confiança invisível  
Em que tudo isso tenha um sentido mais belo e mais vasto  
Que apenas o ter-se perdido o barco onde êle ia  
E êle ter ido ao fundo por lhe ter entrado água prós pulmões!

Ah, os paquetes, os navios-carvoeiros, os navios de vela!  
Vão rareando — ai de mim! — os navios de vela nos mares!  
E eu, que amo a civilização moderna, eu que beijo com a alma as  
máquinas,  
Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro,  
Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e barcos  
de madeira,  
De não saber doutra vida marítima que a antiga vida dos mares!

Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,  
O Puro Longe, liberto do peso do Actual...  
E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,  
Esses mares, maiores, porque se navegava mais devagar.  
Esses mares, misteriosos, porque se sabia menos dêles.

Todo o vapor ao longe é um barco de vela perto.



Meus próprios tédios tornados dinâmicos, todos!...  
Apêlo lançado ao meu sangue  
Dum amôr passado, não sei onde, que volve  
E ainda tem fôrça para me atrair e puxar,  
Que ainda tem fôrça para me fazer odiar esta vida  
Que passo entre a impenetrabilidade física e psíquica  
Da gente real com que vivo!

Ah, seja como fôr, seja para onde fôr, partir!  
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,  
Ir para Longe, ir para Fóra, para a Distância Abstrata,  
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,  
Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!  
Ir, ir, ir, ir de vez!  
Todo o meu sangue raiva por asas!  
Todo o meu corpo atira-se prá frente!  
Galgo pla minha imaginação fora em torrentes!  
Atropelo-me, rujo, precipito me!...  
Estoiram em espuma as minhas ânsias  
E a minha carne é uma onda dando de encontro a rochêdos!

Pensando nisto — ó raiva! pensando nisto — ó fúria!  
Pensando nesta estreiteza da minha vida cheia de ânsias,  
Súbitamente, trémulamente, extraorbitadamente,  
Com uma oscilação viciosa, vasta, violenta,  
Do volante vivo da minha imaginação,  
Rompe, por mim, assobiando, silvando, vertiginando,  
O cio sombrio e sádico da estrídula vida marítima.

Eh marinheiros, gageiros! eh tripulantes, pilotos!  
Navegadores, mareantes, marujos, aventureiros!  
Eh capitães de navios! homens ao leme e em mastros!  
Homens que dormem em beliches rudes!  
Homens que dormem co'o Perigo a espreitar plas vigias!  
Homens que dormem co'a Morte por travesseiro!  
Homens que teem tombadilhos, que teem pontes donde olhar  
A imensidade imensa do mar imenso!  
Eh manipuladores dos guindastes de carga!  
Eh amainadores de velas, fogueiros, criados de bordo!  
Homens que metem a carga nos porões!  
Homens que enrolam cabos no convez!  
Homens que limpam os metais das escotilhas!  
Homens do leme! homens das máquinas! homens dos mastros!  
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!  
Gente de bonet de pala! Gente de camisola de malha!  
Gente de âncoras e bandeiras cruzadas bordadas no peito!  
Gente tatuada! gente de cachimbo! gente de amurada!  
Gente escura de tanto sol, crestada de tanta chuva,  
Limpa de olhos de tanta imensidade diante dêles,  
Audaz de rosto de tantos ventos que lhes bateram a valer!



Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!  
 Homens que vistes a Patagonia!  
 Homens que passastes pela Austrália!  
 Que enchestes o vosso olhar de costas que nunca verei!  
 Que fostes a terra em terras onde nunca descerei!  
 Que comprastes artigos tôscos em colónias à prôa de sertões!  
 E fizestes tudo isso como se não fôsse nada,  
 Como se isso fôsse natural,  
 Como se a vida fôsse isso,  
 Como nem sequer cumprindo um destino!  
 Eh eh-eh-eh-eh-eh-eh!  
 Homens do mar actual! Homens do mar passado!  
 Comissários de bordo! escravos das galés! combatentes de Lepanto!  
 Piratas do tempo de Roma! Navegadores da Grécia!  
 Fenícios! Cartaginêses! Portugueses atirados de Sagres  
 Para a aventura indefinida, para o Mar Absoluto, para realizar o Im-  
 possível!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh eh-eh!  
 Homens que erguestes padrões, que destes nomes a cabos!  
 Homens que negociastes pela primeira vez com pretos!  
 Que primeiro vendestes escravos de novas terras!  
 Que destes o primeiro espasmo europeu às negras atónitas!  
 Que trouxestes ouro, missanga, madeiras cheirosas, setas,  
 De encostas explodindo em verde vegetação!  
 Homens que saqueastes tranqüilas povoações africanas,  
 Que fizestes fugir com o ruído de canhões essas raças,  
 Que matastes, roubastes, torturastes, ganhastes  
 Os prémios de Novidade de quem, de cabeça baixa,  
 Arremete contra o mistério de novos mares! Eh-eh-eh-eh-eh!  
 A vós todos num, a vós todos em vós todos como um,  
 A vós todos misturados, entrecruzados,  
 A vós todos sangrentos, violentos, odiados, temidos, sagrados,  
 Eu vos saúdo, eu vos saúdo, eu vos saúdo!  
 Eh-eh-eh-eh eh! Eh eh-eh-eh eh! Eh-eh-eh eh-eh-eh eh!  
 Eh-lahô-lahô-laHO-lahá-á-á-à à !

Quero ir comvôsko, quero ir comvôsko,  
 Ao mesmo tempo com vós todos  
 Pra toda a parte pr'onde fostes!  
 Quero encontrar vossos perigos frente a frente,  
 Sentir na minha cara os ventos que engelharam as vossas,  
 Cuspir dos lábios o sal dos mares que beijaram os vossos,  
 Ter braços na vossa faina, partilhar das vossas tormentas,  
 Chegar como vós, emfim, a extraordinários portos!  
 Fugir comvôsko à civilização!  
 Perder comvôsko a noção da moral!  
 Sentir mudar-se no longe a minha humanidade!  
 Beber comvôsko em mares do sul  
 Novas selvagerias, novas balbúrdias da alma,  
 Novos fogos centrais no meu vulcânico espírito!

Ir convôsko, despir de mim — ah! põe-te daqui pra fora! —  
 O meu traje de civilisado, a minha brandura de acções,  
 Meu mêdo inato das cadeias,  
 Minha pacífica vida,  
 A minha vida sentada, estática, regrada e revista!

No mar, no mar, no mar, no mar,  
 Eh! pôr no mar, ao vento, às vagas,  
 A minha vida!  
 Salgar de espuma arremessada pelos ventos  
 Meu paladar das grandes viagens.  
 Fustigar de ágoa chicoteante as carnes da minha aventura,  
 Repassar de frios oceânicos os ossos da minha existência,  
 Flagelar, cortar, engelhar de ventos, de espumas, de soes,  
 Meu ser ciclónico e atlântico,  
 Meus nervos postos como enxárcias,  
 Lira nas mãos dos ventos!

Sim, sim, sim... Crucificai-me nas navegações  
 E as minhas espáduas gosarão a minha cruz!  
 Atai-me às viagens como a postes  
 E a sensação dos postes entrará pela minha espinha  
 E eu passarei a senti-los num vasto espasmo passivo!  
 Fazei o que quizerdes de mim, logo que seja nos mares,  
 Sôbre convezes, ao som de vagas,  
 Que me rasgueis, mateis, firais!  
 O que quero é levar prá Morte  
 Uma alma a transbordar de Mar,  
 Ebria a cair das cousas marítimas,  
 Tanto dos marujos como das âncoras, dos cabos,  
 Tanto das costas longinquas como do ruído dos ventos,  
 Tanto do Longe como do Caís, tanto dos naufrágios  
 Como dos tranqüilos comércios,  
 Tanto dos mastros como das vagas,  
 Levar prá Morte com dôr, voluptuosamente,  
 Um corpo cheio de sanguesugas, a sugar, a sugar,  
 De estranhas verdes absurdas sanguesugas marítimas!

Façam enxárcias das minhas veias!  
 Amarras dos meus músculos!  
 Arranquem-me a pele, préguem-a às quilhas.  
 E possa eu sentir a dôr dos pregos e nunca deixar de sentir!  
 Façam do meu coração uma flâmula de almirante  
 Na hora de guerra dos velhos navios!  
 Cálquem aos pés nos convezes meus olhos arrancados!  
 Quebrem-me os ossos de encontro às amuradas!  
 Fustiguem-me atado aos mastros, fustiguem-me!  
 A todos os ventos de todas as latitudes e longitudes  
 Derramem meu sangue sôbre as ágoas arremessadas  
 Que atravessam o navio, o tombadilho, de lado a lado,

Nas vascas bravas das tormentas !

Ter a audácia ao vento dos panos das velas !  
Ser, como as gáveas altas, o assobio dos ventos !  
A velha guitarra do Fado dos mares cheios de perigos,  
Canção para os navegadores ouvirem e não repetirem !

Os marinheiros que se sublevaram  
Enforcaram o capitão numa vêrga.  
Desembarcaram um outro numa ilha deserta.

*Marooned!*

O sol dos trópicos poz a febre da pirataria antiga  
Nas minhas veias intensivas.  
Os ventos da Patagonia tatuaram a minha imaginação  
De imagens trágicas e obscenas.  
Fôgo, lôgo, fôgo, dentro de mim !  
Sangue ! sangue ! sangue ! sangue !  
Explode todo o meu cérebro !  
Parte-se-me o mundo em vermelho !  
Estoiram-me com o som de amarras as veias !  
E estala em mim, feroz, voraz,  
A canção do Grande Pirata,  
A morte berrada do Grande Pirata a cantar  
Até meter pavôr plas espinhas dos seus homens abaixo.  
Lá da ré a morrer, e a berrar, a cantar :

*Fifteen men on the Dead Man's Chest.  
Yo-ho-ho and a bottle of rum!*

E depois a gritar, numa voz já irreal, a estoirar no ar :

*Darby M'Graw-aw-aw-aw-aw!*

*Darby M'Graw-aw-aw-aw-aw-aw-aw-aw!*

*Fetch a-a-aft the ru-u-u-u-u-u-u-u-u-u-u, Darby!*

Eia, que vida essa ! essa era a vida, eia !

Eh-eh eh eh-eh-eh-eh !

Eh-lahô-lahô-laHO-lahá-á-á-à-à !

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh !

Quilhas partidas, navios ao fundo, sangue nos mares !

Convezes cheios de sangue, fragmentos de corpos !

Dedos decepados sôbre amuradas !

Cabeças de creanças, aqui, acolá !

Gente de olhos fora, a gritar, a uivar !

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh !

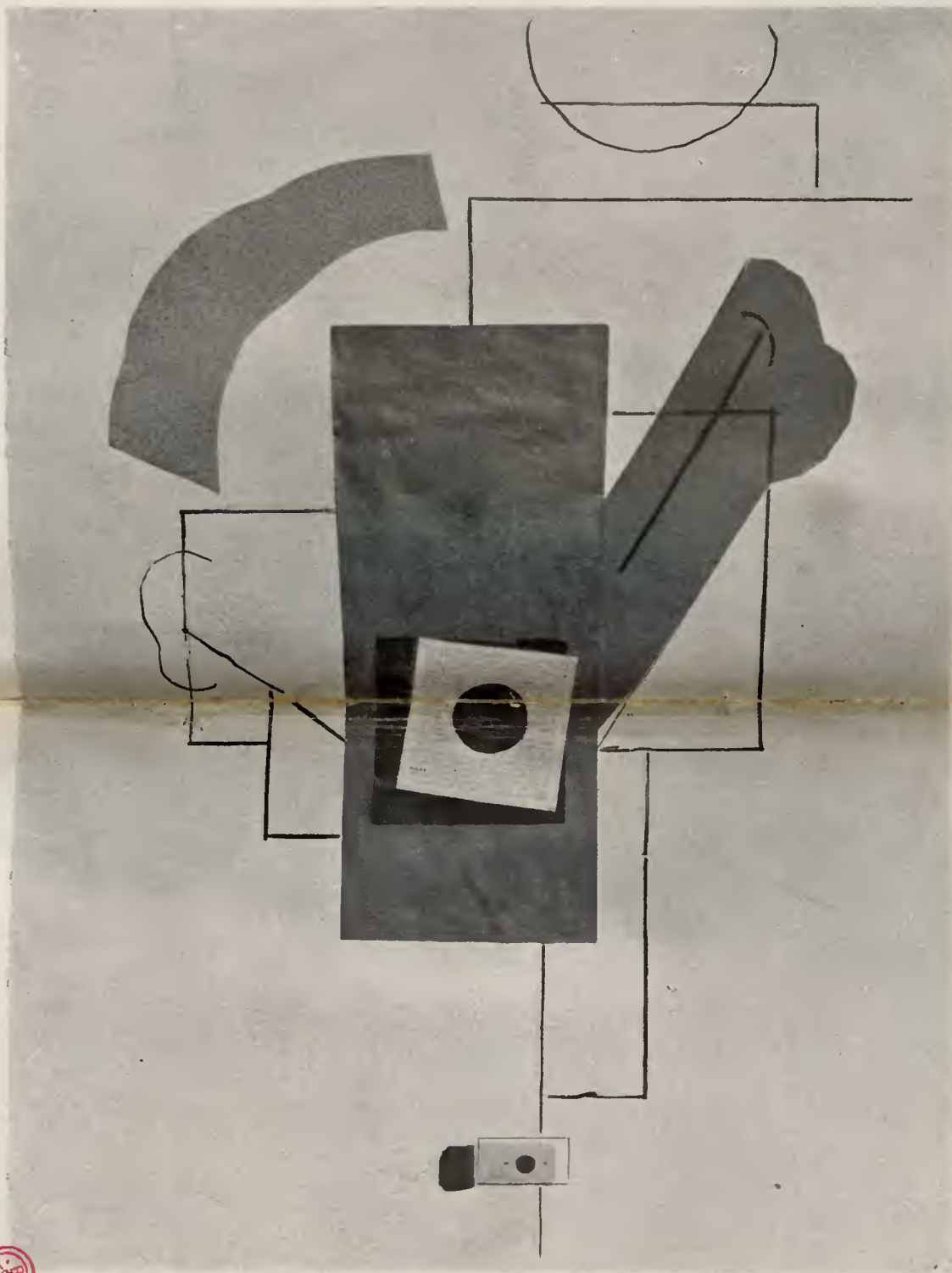
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh !

Embrulho me em tudo isto como numa capa no frio !

Roço-me por tudo isto como um gata com cio por um muro !

Rujo como um leão faminto para tudo isto !





**SANTA RITA PINTOR.** — Syntese geometral de uma cabeça × infinito plastico de ambiente × transcendentalismo phisico.  
PARIS ANNO 1913.

*(SENSIBILIDADE RADIOGRAPHICA.)*





Que fôsse meu corpo e meu sangue, compozesse meu ser em ver-  
melho,  
Florescesse como uma ferida comichando na carne irreal da minha  
alma!

Ah, ser tudo nos crimes! ser todos os elementos componentes  
Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações!  
Ser quanto foi no lugar dos saques!  
Ser quanto viveu ou jazeu no local das tragédias de sangue!  
Ser o pirata-resumo de toda a pirataria no seu auge,  
E a vítima-síntese, mas de carne e ôsso, de todos os piratas do mundo!

Ser no meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres  
Que fôram violadas, mortas, feridas, rasgadas plos piratas!  
Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser dêles!  
E sentir tudo isso — todas estas cousas duma só vez — pela espinha!

Ó meus peludos e rudes herois da aventura e do crime!  
Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!  
Amantes casuais da obliquidade das minhas sensações!  
Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos,  
A vós, odiados amados do seu sangue de pirata nos sonhos!  
Porque ela teria comvôscos, mas só em espírito, raivado  
Sôbre os cadáveres nus das vítimas que fazeis no mar!  
Porque ela teria acompanhado vosso crime, e na orgia oceânica  
Seu espírito de bruxa dançaria invisível em volta dos gestos  
Dos vossos corpos, dos vossos cutelos, das vossas mãos estrangula-  
doras!

E ela em terra, esperando-vos, quando viésseis, se acaso viésseis,  
Iria beber nos rugidos do vosso amôr todo o vasto,  
Todo o nevoento e sinistro perfume das vossas vitórias,  
E através dos vossos espasmos silvaria um sabbat de vermelho e  
amarelo!

A carne rasgada, a carne aberta e estripada, o sangue correndo!  
Agora, no auge conciso de sonhar o que vós fazíeis,  
Perco-me todo de mim, já não vos pertença, sou vós,  
A minha femininidade que vos acompanha é ser as vossas almas!  
Estar por dentro de toda a vossa ferocidade, quando a praticáveis!  
Sugar por dentro a vossa consciência das vossas sensações  
Quando tingíeis de sangüê os mares altos,  
Quando de vez em quando atiráveis aos tubarões  
Os corpos vivos ainda dos feridos, a carne rosada das creanças  
E leváveis as mãis às amuradas para vêrem o que lhes acontecia!

Estar comvôscos na carnágem, na pilhagem!  
Estar orquestrado comvôscos na sinfonia dos saques!  
Ah, não sei quê, não sei quanto queria eu ser de vós!  
Não era só sêr-vos a fêmea, sêr-vos as fêmeas, sêr-vos as vítimas,  
Sêr-vos as vítimas — homens, mulheres, creanças, navios — ,



Não era só ser a hora e os barcos e as ondas,  
 Não era só ser vossas almas, vossos corpos, vossa fúria, vossa posse,  
 Não era só ser concretamente vosso acto abstrato de orgia,  
 Não era só isto que eu queria ser — era mais que isto, o Deus-isto!  
 Era preciso ser Deus, o Deus dum culto ao contrário,  
 Um Deus monstruoso e satânico, um Deus dum pantheísmo de sangue,  
 Para poder encher toda a medida da minha fúria imaginativa,  
 Para poder nunca esgotar os meus desejos de identidade  
 Com o cada, e o tudo, e o mais-que-tudo das vossas vitórias!

Ah, torturai-me para me curardes!  
 Minha carne — fazei dela o ar que os vossos cutelos atravessam  
 Antes de caírem sôbre as cabeças e os ombros!  
 Minhas veias sejam os fatos que as facas trespassam!  
 Minha imaginação o corpo das mulheres que violais!  
 Minha inteligência o convez onde estais de pé matando!  
 Minha vida toda, no seu conjunto nervoso, histérico, absurdo,  
 O grande organismo de que cada acto de pirataria que se cometeu  
 Fôsse uma célula consciente — e todo eu turbilhonasse  
 Como uma imensa podridão ondeando, e fôsse aquilo tudo!

Com tal velocidade desmedida, pavorosa,  
 A máquina de febre das minhas visões transbordantes  
 Gira agora que a minha consciência, volante,  
 É apenas um nevoento círculo assobiando no ar.

*Fifteen men on the Dead Man's Chest.  
 Yo-ho-ho and a bottle of rum!*

Eh-lahô-lahô-laHO----lahá-á-áá---ààà...

Ah! a selvageria desta selvageria! Merda  
 Pra toda a vida como a nossa, que não é nada disto!  
 Eu pr'áqui engenheiro, prático à força, sensível a tudo,  
 Pr'áqui parado, em relação a vós, mesmo quando ando;  
 Mesmo quando ajo, inerte; mesmo quando me imponho, débil;  
 Estático, quebrado, dissidente cobarde da vossa Gloria,  
 Da vossa grande dinâmica estridente, quente e sangrenta!

Arre! por não poder agir d'acôrdo com o meu delírio!  
 Arre! por andar sempre agarrado às saias da civilização!  
 Por andar com a *douceur des mœurs* às costas, como um fardo de  
 rendas!

Môços de esquina — todos nós o sômos — do humanitarismo moderno!  
 Estupôres de tísicos, de neurasténicos, de linfáticos,  
 Sem coragem para ser gente com violência e audácia,  
 Com a alma como uma galinha presa por uma perna!

Ah, os piratas! os piratas!  
 A ânsia do ilegal unido ao feroz

A ância das cousas absolutamente crueis e abomináveis,  
 Que roê como um cio abstrato os nossos corpos franzinos,  
 Os nossos nervos femininos e delicados,  
 E põe grandes febres loucas nos nossos olhares vasio!

Obrigai-me a ajoelhar diante de vós!  
 Humilhai-me e batei-me!  
 Fazei de mim o vosso escravo e a vossa cousa!  
 E que o vosso desprezo por mim nunca me abandone,  
 Ó meus senhores! ó meus senhores!

Tomar sempre gloriosamente a parte submissa  
 Nos acontecimentos de sangue e nas sensualidades estiradas!  
 Desabai sôbre mim, como grandes muros pesados,  
 O bárbaros do antigo mar!  
 Rasgai-me e feri-me!  
 De leste a oeste do meu corpo  
 Riscai de sangue a minha carne!  
 Beijai com cutelos de bordo e açoites e raiva  
 O meu alegre terror carnal de vos pertencer,  
 A minha ância masóquista em me dar à vossa fúria,  
 Em ser objecto inerte e sentiente da vossa omnívora crueldade,  
 Dominadores, senhores, imperadores, corcéis!  
 Ah, torturái-me,  
 Rasgai-me e abri-me!  
 Desfeito em pedaços conscientes  
 Entornai-me sôbre os convezes,  
 Espalhai-me nos mares, deixai-me  
 Nas praias ávidas das ilhas!

Cevai sôbre mim todo o meu misticismo de vós!  
 Cinzelai a sangue a minh'alma!  
 Cortai, riscai!  
 Ó tatuadores da minha imaginação corpórea!  
 Esfoladores amados da minha carnal submissão!  
 Submetei-me como quem mata um cão a pontapés!  
 Fazei de mim o pôço para o vosso desprezo de domínio!

Fazei de mim as vossas vitimas todas!  
 Como Cristo sofreu por todos os homens, quero sofrer  
 Por todas as vossas vítimas às vossas mãos,  
 As vossas mãos calosas, sangrentas e de dedos decepados  
 Nos assaltos bruscos de amuradas!

Fazei de mim qualquer cousa como se eu fôsse  
 Arrastado — ó prazer, ó beijada dôr! —  
 Arrastado à cauda de cavalos chicoteados por vós...  
 Mas isto no mar, isto no ma-a-a-ar, isto no MA-A-A-AR!  
 Eh-eh-eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh! EH-EH-EH-EH EH-EH-EH!  
 No MA-A-A-A-AR!



Ah, o orvalho sobre a minha excitação!  
 O frescôr nocturno no meu oceano interior!  
 Eis tudo em mim de repente ante uma noite no mar  
 Cheia do enorme misterio humanissimo das ondas nocturnas.  
 A lua sobe no horizonte  
 E a minha infancia feliz acorda, como uma lágrima, em mim.  
 O meu passado ressurgue, como se esse grito marítimo  
 Fôsse um arôma, uma voz, o eco duma canção  
 Que fôsse chamar ao meu passado  
 Por aquela felicidade que nunca mais tornarei a ter.

Era na velha casa socegada, ao pé do rio...  
 (As janelas do meu quarto, e as da casa de jantar tambem,  
 Davam, por sobre umas casas baixas, para o rio proximo,  
 Para o Tejo, este mesmo Tejo, mas noutro ponto, mais abaixo...  
 Se eu agora chegasse ás mesmas janelas não chegava ás mesmas  
 janelas.)  
 Aquêlo tempo passou como o fumo dum vapôr no mar alto...)

Uma inexplicavel ternura,  
 Um remorso comovido e lacrimoso,  
 Por todas aquêlas victimas — principalmente as crianças —  
 Que sonhei fazendo ao sonhar-me pirata antigo,  
 Emoção comovida, porque elas fôram minhas victimas;  
 Terna e suave, porque não o fôram realmente;  
 Uma ternura confusa, como um vidro embaciado, azulada,  
 Canta velhas canções na minha pobre alma dolorida.

Ah, como pude eu pensar, sonhar aquelas cousas?  
 Que longe estou do que fui ha uns momentos!  
 Histeria das sensações — ora estas, ora as opostas!  
 Na loura manhã que se ergue, como o meu ouvido só escolhe  
 As cousas de acôdo com esta emoção — o marulho das ágoas,  
 O marulho leve das ágoas do rio de encontro ao cais...  
 A vela passando perto do outro lado do rio,  
 Os montes longinquos, dum azul japonez,  
 As casas de Almada,  
 E o que ha de suavidade e de infancia na hora matutina!...

Uma gaivota que passa,  
 E a minha ternura é maior.

Mas todo este tempo não estive a reparar para nada.  
 Tudo isto foi uma impressão só da pele, como uma caricia.  
 Todo este tempo não tirei os olhos do meu sonho longinquo,  
 Da minha casa ao pé do rio,  
 Da minha infancia ao pé do rio,  
 Das janelas do meu quarto dando para o rio de noite,  
 E a paz do luar esparso nas ágoas!...

Minha velha tia, que me amava por causa do filho que perdeu...  
 Minha velha tia costumava adormecer me cantando-me  
 (Se bem que eu fôsse já crescido de mais para isso)...  
 Lembro-me e as lágrimas cáem sobre o meu coração e lavam-o da vida,  
 E ergue-se uma leve brisa marítima dentro de mim.  
 Às vezes ela cantava a «Nau Catrinêta» :

*Lá vai a Nau Catrinêta  
 Por sobre as ágoas do mar...*

E outras vezes, numa melodia muito saudosa e tão medieval,  
 Era a «Bela Infanta»... Relembro, e a pobre velha voz ergue-se  
 dentro de mim  
 E lembra-me que pouco me lembrei dela depois, e ela amava-me tanto!  
 Como fui ingrato para ela — e afinal que fiz eu da vida?  
 Era a «Bela Infanta»... Eu fechava os olhos, e ela cantava :

*Estando a Bela Infanta  
 No seu jardim assentada...*

Eu abria um pouco os olhos e via a janela cheia de luar  
 E depois fechava os olhos outra vez, e em tudo isto era feliz.

*Estando a Bela Infanta  
 No seu jardim assentada,  
 Seu pente de ouro na mão,  
 Seus cabelos penteava...*

O' meu passado de infancia, boneco que me partiram!

Não poder viajar pra o passado, para aquela casa e aquela afeição,  
 E ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente!

Mas tudo isto foi o Passado, lanterna a uma esquina de rua velha.  
 Pensar nisto faz frio, faz fome duma cousa que se não pode obter.  
 Dá-me não sei que remorso absurdo pensar nisto.  
 Oh turbilhão lento de sensações desencontradas!  
 Vertigem tenue de confusas cousas na alma!  
 Fúrias partidas, ternuras como carrinhos de linha com que as crian-  
 ças brincam,  
 Grandes desabamentos de imaginação sobre os olhos dos sentidos,  
 Lágrimas, lágrimas inúteis,  
 Leves brisas de contradicção roçando pela face a alma...

Evoco, por um esforço voluntario, para sahir desta emoção,  
 Evoco, com um esforço desesperado, sêco, nulo,  
 A canção do Grande Pirata, quando estava a morrer :

*Fifteen men on The Dead Man's Chest.  
 Yo-ho-ho and a bottle of rum!*

Mas a canção é uma linha recta mal traçada dentro de mim...

Esforço-me e consigo chamar outra vez ante os meus olhos na alma,  
 Outra vez, mas atravez duma imaginação quasi literaria,  
 A furia da pirataria, da chacina, o apetite, quasi do paladar, do saque,  
 Da chacina inutil de mulheres e de crianças,  
 Da tortura futil, e só para nos distrairmos, dos passageiros pobres,  
 E a sensualidade de escangalhar e partir as cousas mais queridas dos  
 outros,  
 Mas sonho isto tudo com um mêdo de qualquer cousa a respirar-me  
 sobre a nuca.

Lembro-me de que seria interessante  
 Enforcar os filhos á vista das mães  
 (Mas sinto-me sem querer as mães dêles),  
 Enterrar vivas nas ilhas desertas as crianças de quatro anos  
 Levando os pais em barcos até lá para vêrem  
 (Mas estremeço, lembrando-me dum filho que não tenho e está dor-  
 miado tranquilo em casa).

Aguilhão uma ansia fria dos crimes marítimos,  
 Duma inquisição sem a desculpa da Fé,  
 Crimes nem sequer com razão de ser de maldade e de fúria,  
 Feitos a frio, nem sequer para ferir, nem sequer para fazer mal,  
 Nem sequer para nos divertirmos, mas apenas para passar o tempo,  
 Como quem faz paciencias a uma mesa de jantar de provincia com a  
 toalha atirada pra o outro lado da mesa depois de jantar,  
 Só pelo suave gosto de cometer crimes abominaveis e não os achar  
 grande cousa,  
 De ver sofrer até ao ponto da loucura e da morte-pela-dôr mas nunca  
 deixar chegar lá...

Mas a minha imaginação recusa-se a acompanhar-me.

Um calafrio arrepiá-me.

E de repente, mais de repente do que da outra vez, de mais longe,  
 de mais fundo,

De repente — oh pavor por todas as minhas veias! —,

Oh frio repentino da porta para o Mistério que se abriu dentro de  
 mim e deixou entrar uma corrente de ar!

Lembro-me de Deus, do Transcendental da vida, e de repente  
 A velha voz do marinheiro inglez Jim Barns, com quem eu falava,  
 Tornada voz das ternuras misteriosas dentro de mim, das pequenas  
 cousas de regaço de mãe e de fita de cabelo de irmã,

Mas estupendamente vinda de além da aparência das cousas,  
 A Voz surda e remota tornada A Voz Absoluta, a Voz Sem Bôca,  
 Vinda de sobre e de dentro da solidão nocturna dos mares,  
 Chama por mim, chama por mim, chama por mim...

Vem surdamente, como se fôsse suprimida e se ouvisse,

Longinquamente, como se estivesse soando noutro lugar e aqui não  
 se pudesse ouvir,



O olhar humanitario dos faróis na distância da noite,  
 Ou o subito farol proximo na noite muito escura  
 («Que perto da terra que estavamos passando!» E o som da agua  
 canta-nos ao ouvido)!...

Tudo isto hoje é como sempre foi, mas ha o comercio;  
 E o destino comercial dos grandes vapôres  
 Envaidece-me da minha epoca!  
 A mistura de gente a bordo dos navios de passageiros  
 Dá-me o orgulho moderno de viver numa epoca onde é tão facil  
 Misturarem-se as raças, transpõem-se os espaços, vêr com facilidade  
 todas as cousas,  
 E gosar a vida realisando um grande numero de sonhos.

Limpos, regulares, modernos como um escritório com guichets em  
 rêdes de arame amarelo,  
 Meus sentimentos agora, naturais e comedidos como gentlemen,  
 São práticos, longe de desvairamentos, enchem de ar marítimo os  
 pulmões,  
 Como gente perfeitamente consciente de como é higienico respirar o  
 ar do mar.

O dia é perfeitamente já de horas de trabalho.  
 Começa tudo a movimentar-se, a regularisar-se.

Com um grande prazer natural e directo percorro com a alma  
 Todas as operações commerciaes necessarias a um embarque de mer-  
 cadorias.

A minha época é o carimbo que levam todas as facturas,  
 E sinto que todas as cartas de todos os escritórios  
 Deviam ser endereçadas a mim.

Um conhecimento de bordo tem tanta individualidade,  
 E uma assinatura de comandante de navio é tão bela e moderna!  
 Rigôr comercial do principio e do fim das cartas:  
 Dear Sirs — Messieurs — Amigos e Snrs ,  
 Yours faithfully — ... nos salutations empresées...  
 Tudo isto é não só humano e limpo, mas também belo,  
 E tem ao fim um destino maritimo, um vapôr onde embarquem  
 As mercadorias de que as cartas e as facturas tratam.

Complexidade da vida! As facturas são feitas por gente  
 Que tem amores, odios, paixões politicas, ás vezes crimes —  
 E são tão bem escritas, tão alinhadas, tão independentes de tudo isso!  
 Ha quem olhe para uma factura e não sinta isto.  
 Com certeza que tu, Cesario Verde, o sentias.  
 Eu é até ás lagrimas que o sinto humanissimamente.  
 Venham dizer-me que não ha poesia no comercio, nos escritórios!  
 Ora, ela entra por todos os póros... Neste ar maritimo respiro-a,  
 Porque tudo isto vem a proposito dos vapôres, da navegação moderna,



Porque as facturas e as cartas commerciaes são o principio da historia  
E os navios que levam as mercadorias pelo mar eterno são o fim.

Ah, e as viagens, as viagens de recreio, e as outras,  
As viagens por mar, onde todos somos companheiros dos outros  
Duma maneira especial, como se um misterio maritimo  
Nos aproximasse as almas e nos tornasse um momento  
Patriotas transitorios duma mesma patria incerta,  
Eternamente deslocando-se sobre a imensidade das ágoas!  
Grandes hotéis do Infinito, oh transatlanticos meus!  
Com o cosmopolitismo perfeito e total de nunca pararem num ponto  
E conterem todas as especies de trajés, de caras, de raças!

As viagens, os viajantes — tantas especies dêles!  
Tanta nacionalidade sobre o mundo! tanta profissão! tanta gente!  
Tanto destino diverso que se póde dar á vida,  
A' vida, afinal, no fundo sempre, sempre a mesma!  
Tantas caras curiosas! Todas as caras são curiosas  
E nada traz tanta religiosidade como olhar muito para gente.  
A fraternidade afinal não é uma idéa revolucionaria.  
E' uma cousa que a gente aprende pela vida fóra, onde tem que tole-  
rar tudo,

E passa a achar graça ao que tem que tolerar,  
E acaba quasi a chorar de ternura sobre o que tolerou!

Ah, tudo isto é belo, tudo isto é humano e anda ligado  
Aos sentimentos humanos, tão conviventes e burguezes,  
Tão complicadamente simples, tão metafisicamente tristes!  
A vida flutuante, diversa, acaba por nos educar no humano.  
Pobre gente! pobre gente toda a gente!

Despeço-me desta hora no corpo deste outro navio  
Que vai agora saindo. E' um tramp-steamer inglês,  
Muito sujo, como se fôsse um navio francês,  
Com um ar simpatico de proletario dos mares,  
E sem duvida anunciado ontem na última página das gazetas.

Enternece-me o pobre vapôr, tão humilde vai êle e tão natural.  
Parece ter um certo escrupulo não sei em quê, ser pessoa honesta,  
Cumpridora duma qualquer especie de deveres.  
Lá vai êle deixando o lugar defronte do cais onde estou.  
Lá vai êle tranquilamente, passando por onde as naus estiveram  
Outrora, outrora...  
Para Cardiff? Para Liverpool? Para Londres? Não tem importancia.  
Ele faz o seu dever. Assim façamos nós o nosso. Bela vida!  
Boa viagem! Boa viagem!  
Boa viagem, meu pobre amigo casual, que me fizeste o favôr  
De levar contigo a febre e a tristeza dos meus sonhos,  
E restituir-me á vida para olhar para ti e te ver passar.  
Boa viagem! Boa viagem! A vida é isto...

Que aprumo tão natural, tão inevitavelmente matutino  
 Na tua saída do porto de Lisboa, hoje!  
 Tenho-te uma afeição curiosa e grata por isso...  
 Por isso quê? Sei lá o que é!... Vai... Passa...  
 Com um ligeiro estremecimento,  
 (T-t--t---t----t-----t...)  
 O volante dentro de mim pára.

Passa, lento vapôr, passa e não fiques...  
 Passa de mim, passa da minha vista,  
 Vai-te de dentro do meu coração,  
 Perde-te no Longe, no Longe, bruma de Deus,  
 Perde-te, segue o teu destino e deixa-me...  
 Eu quem sou para que chore e interrogue?  
 Eu quem sou para que te fale e te ame?  
 Eu quem sou para que me perturbe vêr-te?  
 Larga do cais, cresce o sol, ergue-se ouro,  
 Luzem os telhados dos edificios do cais,  
 Todo o lado de cá da cidade brilha...  
 Parte, deixa-me, torna-te  
 Primeiro o navio a meio do rio, destacado e nitido,  
 Depois o navio a caminho da barra, pequeno e preto,  
 Depois ponto vago no horizonte (ó minha angustia!),  
 Ponto cada vez mais vago no horizonte...  
 Nada depois, e só eu e a minha tristeza,  
 E a grande cidade agora cheia de sol  
 E a hora real e nua como um cais já sem navios,  
 E o giro lento do guindaste que como um compasso que gira,  
 Traça um semicirculo de não sei que emoção  
 No silencio comovido da minh'alma...

ALVARO DE CAMPOS,  
 Engenheiro.

LUÍS DE MONTALVÔR

NARCISO

—  
POEMA

a Fernando Pessoa.



## NARCISO

---

Erram no oiro da tarde as sombras de estas ninfas !

E até onde irá o aroma dos seus gestos  
que sei tentam prender meus olhos que, funestos,  
sonham um esplendor fatal de pedrarias ?

Tarde de tentação ! Que estranhas melodias  
inquietam o ceo de um rumor ignorado ?  
Seringe ! Tua flauta arrosa de encantado  
e sangue de Ilusão esta tarde em demencia  
que a legenda recorda ; e da immortal essencia  
do sonho esta hora antiga exhuma o velho idilio.

Ha mãos de festa e sonho em meu deserto exilio !

A Beleza é pra mim, ó ninfas ! o segredo  
com que Deus me vestiu de Lindo ! . . . Ai, tenho medo  
de morrer o que sou ás mãos desse desejo  
das ninfas ; mas está a sombra que não vejo  
depois e antes de mim e, se afundo o olhar na ancia  
de me ver, só me vejo ao collo da Distancia !  
Deixai dormir um pouco o ceo nos olhos meus,  
eu não os quero abrir antes que os feche, — Deus ! —

Ninfas ! vós penteais o pavor á janella  
da minha alma atravez a hora sombria e bella.  
Corôas não serão sobre mim as de flôres  
que desfolhais, mas brancos braços de amôres  
que abrem nocturnamente e num paiz sem dia . . .

Sois o sonho de mim ao collo da Alegria !

Vossa presença põe o medo em meu destino.

As taças que entornais do aroma sibillino  
da seducção, de tédio enchem o que me dêste,  
ó Deus!

Gela meu ser ao sorriso terrest'e  
das virgens, que reflecte a tarde a rescender  
do olor de Pan!

... E o olhar dôe por não o esconder  
do ceo; pois para toda a alma dormir, do bello,  
o serafico azul é como um pezadêlo!

Porêm como fugir ao sonho que me faz  
como estrangeiro em mim; do bello azul, voraz  
a bôca triste, sem côr e de humanas dôres —  
como se triunfal e de palidas flôres  
da noite, fôssem de um sonho, na hora escultado?

Captivo em mim sou como o dragão que, inviolado,  
bebe a scintillação da s'nora claridade  
do cabelo sinistro, onde a luz arde e invade  
de metalico hallor o nixo onde se acoite...

Vossos cabellos ai! chovem como oiro, á noite!  
como fios de horror da teia do mistério...

Do cabelo, o esplendor do oiro esteril, é aério  
c'mo de arachnideo sonho ou de siderio tecto  
cinzelado no olhar — um reflexo de insecto —  
no frio vôo num ar de somno e oiro e luto...

Avalanches de tédio em seu cabelo escuto!...

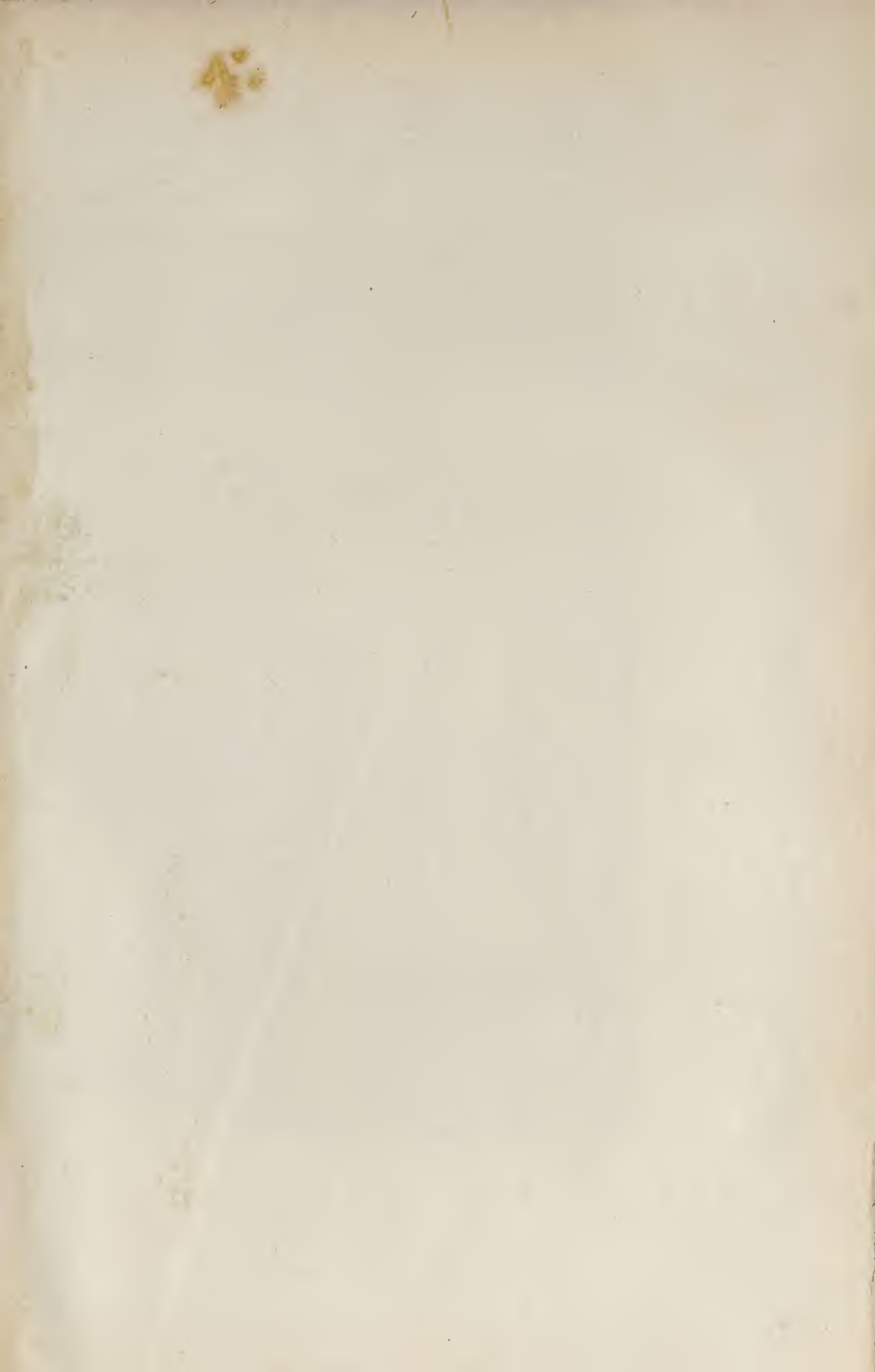
.....  
.....

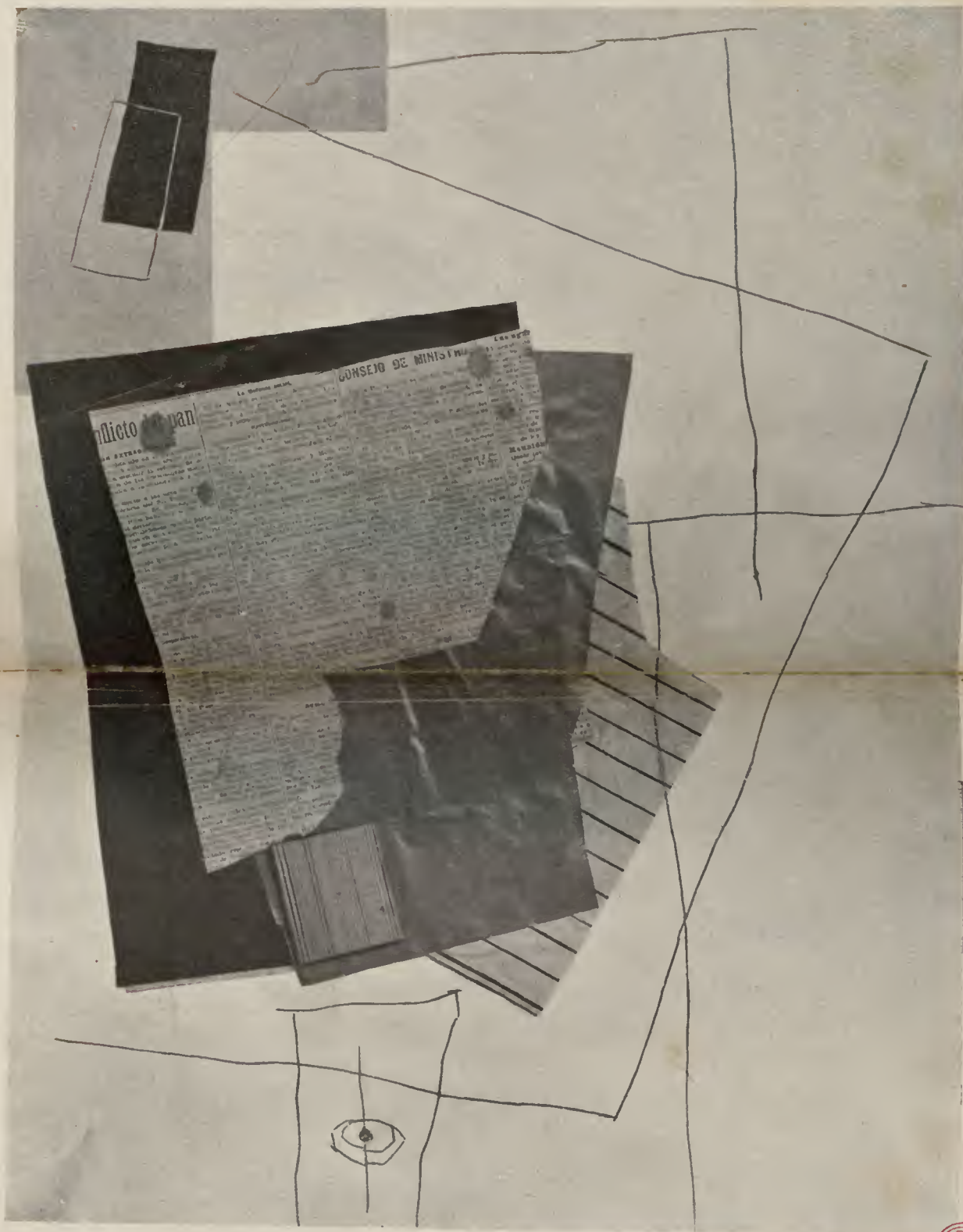
Fixo a carne, spectral, como ante inerte frizo  
de sombras, a nudez, linha esquecida em riso  
sobre chammas, cruel, — Joia dos calafrios! —  
Um horror de ónix néva entre os meus dedos frios!

Contemplo o meu destino em mim.

Ninfas, adeus!

Meus gestos irreaes tem seculos de Deus!  
Na paisagem do ser corre um rio sem fim:  
Os meus gestos são como a outra margem de mim...  
Çai alma no jardim dos meus sonhos funestos.  
E sempre noite lá no fundo dos meus gestos  
onde esp्रेita Deus: ha luar nas minhas mãos...  
As mãos abanam no ar os nossos gestos vão,





**SANTA RITA PINTOR.** — Decomposição dinamica de uma mesa + estylo do movimento.  
PARIS ANNO 1912.

(INTERSECCIONISMO PLASTICO.)







— mundos de sonolencia ardendo em reliquarios :  
Joias celestes, vós, meus gestos solitarios!

Por mim divaga o ceo. E morre um diadêma  
á minha fronte triste e pensativa, emblêma  
da alma palida como um velho pálio ou ouro...  
Comtudo que torpor me encosta ao sorvedouro  
c'mo esfinge que se inclina ao abysmo e debruça,  
a mirar a alma, irmã de um sonho que soluça?  
E que um gesto sem nome em minha alma se aclara,  
e no Jardim de Deus sou a ideia mais rara!

Meus gestos vão como esta agua sempre correndo  
pra a foz do nada; encosto a minha alma, tremendo,  
á voz da agua — cristal sonoro do alhear-me! —

No novelo de mim a minha ancia a enredar-me.

Ó agua sempre triste em seu ir pela parte  
da terra que é livida e c'mo alma que se farte  
de sonhos! Não será a minha sombra ausente  
um ar vosso — ou serei a imagem da corrente?

Quem descesse o mistério e visse a semelhança  
nesse intimo torpor das cousas, onde cansa  
essa fuga do tempo em sombra reflectida...  
Eu nunca terei dois gestos irmãos na vida,  
e se olhasse pra traz t'ria medo de mim...  
(Inter-lunio de nós no sonho d'alêm-fim...)

O que me reflectir roubará meu segredo.  
O tempo escorre por nós como alguém com medo  
por sobre um muro... Crio olhos de ser distante...  
Na alma porei as mãos como por um quadrante...  
As mãos são tempo... e tudo é um somno de si...

Miro-me, e não serei a sombra onde me ví?...

Ó espelho sem hora! Ó agua em somno, lustral,  
— espelho horizontal de tédio c'mo um canal  
sem ter fundo nem fim. Meu perfil sua dôr!  
Só me reflecto e não me vejo no torpor  
da agua que abana o tempo... ai, o tempo é a voz  
com que se acorda o medo — escultura de nós  
na distancia...

Em rumor, na agua, vago demencia  
e durmo de Beleza ao collo da Aparência,  
que foge como esta agua e este tempo a correr...  
Marulhar de mim no fundo do meu ser...  
Só as mãos sabem ter o ar de sonhos contin'os...

Ai! Se o olhar cai nas mãos, desenham se destinos  
como arabescos...

Abro os braços, mas em vão,  
e ergo-me de mim com vestes de comoção!

Resta-me contemplar pela noite que inundo  
de mim, pendido sobre a aparência do mundo.  
Minha sombra exilada esculto-a na doçura!

Perturbo-me de Deus nos braços da Ternura!

Sinto que a minha voz já atravessou Deus!...  
Cresco sobre mim, ó noite em delírio!

Adeus!  
Imagem de ser bello ás mãos da minha infancia.

Sou echo de rumor quebrado na distancia.

Alma da noite antiga incendiada a labores!

LUIZ DE MONTALVÔR.

# CHUVA OBLÍQUA

---

POEMAS INTERSECCIONISTAS

DE

FERNANDO PESSOA



# Chuva oblíqua

## I

Atravessa esta paisagem o meu sonho d'um porto infinito  
E a côr das flôres é transparente de as velas de grandes navios  
Que largam do caes arrastando nas aguas por sombra  
Os vultos ao sol d'aquellas arvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pallido  
E esta paisagem é cheia de sol d'este lado...  
Mas no meu espirito o sol d'este dia é porto sombrio  
E os navios que sahem do porto são estas arvores ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...  
O vulto do caes é a estrada nitida e calma  
Que se levanta e se ergue como um muro,  
E os navios passam por dentro dos troncos das arvores  
Com uma horizontalidade vertical,  
E deixam cahir amarras na agua pelas folhas uma a uma dentro...

Não sei quem me sonho...  
Súbito toda a agua do mar do porto é transparente  
E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse des-  
dobrada,  
Esta paisagem toda, renque de arvores, estrada a arder em aquelle  
porto,

E a sombra d'uma náu mais antiga que o porto que passa  
Entre o meu sonho do porto e o meu vêr esta paisagem  
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,  
E passa para o outro lado da minha alma...

## II

Ilumina-se a igreja por dentro da chuva d'este dia,  
E cada vela que se acende é mais chuva a bater na vidraça...

Alegra-me ouvir a chuva porque ella é o templo estar acceso,  
E as vidraças da igreja vistas de fóra são o som da chuva ouvido  
por dentro...

O esplendôr do altar-mór é o eu não poder quasi vêr os montes  
Atravez da chuva que é ouro tão solemne na toalha do altar...  
Sôa o canto do côro, latino e vento a sacudir-me a vidraça  
E sente-se chiar a agua no factô de haver côro...

A missa é um automovel que passa  
Atravez dos fieis que se ajoelham em hoje ser um dia triste...  
Subito vento sacode em esplendôr maior  
A festa da cathedral e o ruído da chuva absorve tudo  
Até só se ouvir a voz do padre agua perder-se ao longe  
Com o som de rodas de automovel...

E apagam-se as luzes da igreja  
Na chuva que cessa...

## III

A Grande Esphyngé do Egypto sonha por este papel dentro...  
Escrevo — e ella apparece me atravez da minha mão transparente  
E ao canto do papel erguem-se as pyramides...

Escrevo — perturbo-me de vêr o bico da minha penna  
Ser o perfil do rei Cheops...  
De repente paro...

Escureceu tudo... Caio por um abysmo feito de tempo...  
Estou soterrado sob as pyramides a escrever versos á luz clara d'este  
candieiro  
E todo o Egypto me esmaga de alto atravez dos traços que faço com  
a penna...

Ouçô a Esphyngé rir por dentro  
O som da minha penna a correr no papel...  
Atravessa o eu não poder vel-a uma mão enorme,  
Varre tudo para o canto do tecto que fica por detraz de mim,  
E sobre o papel onde escrevo, entre elle e a penna que escreve  
Jaz o cadaver do rei Cheops, olhando me com olhos muito abertos,  
E entre os nossos olhares que se cruzam corre o Nilo  
E uma alegria de barcos embandeirados erra  
Numa diagonal diffusa  
Entre mim e o que eu penso...

Funeraes do rei Cheops em ouro velho e Mimí...

## IV

Que pandeiretas o silencio d'este quarto!...  
 As paredes estão na Andaluzia...  
 Ha danças sensuaes no brilho fixo da luz...

De repente todo o espaço pára...  
 Pára, escorrega, desembrulha-se...  
 E num canto do tecto, muito mais longe do que elle está,  
 Abrem mãos brancas janellas secretas  
 E ha ramos de violetas cahindo  
 De haver uma noite de primavera lá fóra  
 Sobre o eu estar de olhos fechados...

## V

Lá fóra vae um redemoinho de sol os cavallos do carroussel...  
 Arvores, pedras, montes, bailam parados dentro de mim...  
 Noite absoluta na feira illuminada, luar no dia de sol lá fóra,  
 E as luzes todas da feira fazem ruido dos muros do quintal...  
 Ranchos de raparigas de bilha á cabeça  
 Que passam lá fóra, cheias de estar sob o sol,  
 Cruzam-se com grandes grupos peganhentos de gente que anda na  
 feira,  
 Gente toda misturada com as luzes das barracas, com a noite e com  
 o luar,

E os dois grupos encontram-se e penetram-se  
 Até formarem só um que é os dois...  
 A feira e as luzes da feira e a gente que anda na feira,  
 E a noite que pega na feira e a levanta no ar,  
 Andam por cima das copas das arvores cheias de sol,  
 Andam visivelmente por baixo dos penedos que luzem ao sol,  
 Aparecem do outro lado das bilhas que as raparigas levam á cabeça,  
 E toda esta paysagem de primavera é a lua sobre a feira,  
 E toda a feira com ruidos e luzes é o chão d'este dia de sol...

De repente alguém sacode esta hora dupla como numa peneira  
 E, misturado, o pó das duas realidades cahe  
 Sobre as minhas mãos cheias de desenhos de portos  
 Com grandes naus que se vão e não pensam em voltar...  
 Pó de ouro branco e negro sobre os meus dedos...  
 As minhas mãos são os passos d'aquella rapariga que abandona a feira,  
 Sósinha e contente como o dia de hoje...

## VI

O maestro sacode a batuta,  
 E languida e triste a musica rompe...



Lembra-me a minha infancia, aquelle dia  
 Em que eu brincava ao pé d'um muro de quintal.  
 Atirando-lhe com uma bola que tinha d'um lado  
 O deslizar d'um cão verde, e do outro lado  
 Um cavallo azul a correr com um jockey amarello...

Prosegue a musica, e eis na minha infancia  
 De repente entre mim e o maestro, muro branco,  
 Vae e vem a bola, ora um cão verde,  
 Ora um cavallo azul com um jockey amarello...

Todo o theatro é o meu quintal, a minha infancia  
 Está em todos os logares, e a bola vem a tocar musica  
 Uma musica triste e vaga que passeia no meu quintal  
 Vestida de cão verde tornando-se jockey amarello...  
 (Tão rapida gira a bola entre mim e os musicos...)

Atiro-a de encontro á minha infancia e ella  
 Atravessa o theatro todo que está aos meus pés  
 A brincar com um jockey amarello e um cão verde  
 E um cavallo azul que apparece por cima do muro  
 Do meu quintal... E a musica atira com bolas  
 A' minha infancia... E o muro do quintal é feito de gestos  
 De batuta e rotações confusas de cães verdes  
 E cavallos azues e jockeys amarellos...

Todo o theatro é um muro branco de musica  
 Por onde um cão verde corre atraz da minha saudade  
 Da minha infancia, cavallo azul com um jockey amarello...

E d'um lado para o outro, da direita para a esquerda,  
 D'onde ha arvores e entre os ramos ao pé da copa  
 Com orchestras a tocar musica,  
 Para onde ha filas de bolas na loja onde a comprei  
 E o homem da loja sorri entre as memorias da minha infancia...

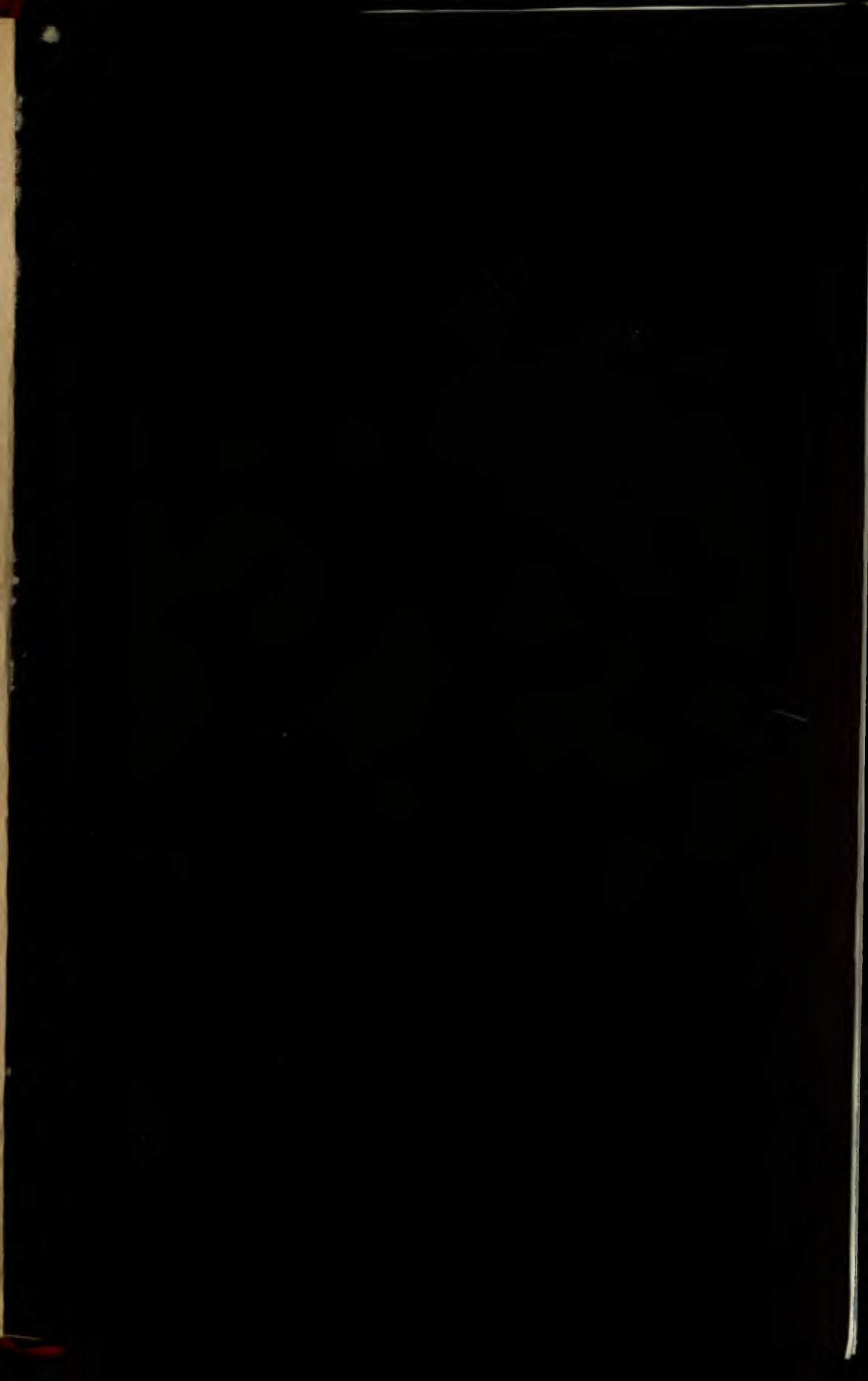
E a musica cessa como um muro que desaba,  
 A bola rola pelo despenhadeiro dos meus sonhos interrompidos,  
 E do alto dum cavallo azul, o maestro, jockey amarello tornando-se  
 preto,

Agradece, pousando a batuta em cima da fuga d'um muro,  
 E curva-se, sorrindo, com uma bola branca em cima da cabeça,  
 Bola branca que lhe desaparece pelas costas abaixo...

8 de Março de 1914.



FERNANDO PESSÔA.



Preço 30 centavos

LISBOA  
TIPOGRAFIA DO COMERCIO  
Rua da Oliveira, ao Carmo, 10  
TELEFONE 2724

